

C 2-15



MINISTÉRIO DA GUERRA

Manual de Campanha

EMPREGO DA CAVALARIA

1.^a Edição

ESTABELECIMENTO GENERAL
GUSTAVO CORDEIRO DE FARIAS

MINISTÉRIO DA GUERRA
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Rio de Janeiro, D. F.
20 de outubro de 1955.

Para conhecimento do Exército e devida execução, aprovo o Manual de Campanha C 2-15 — «Emprego da Cavalaria», de acôrdo com o artigo 5 do R-15G.

(a) Gen Div ALVARO FIÚZA DE CASTRO
Chefe do Estado-Maior do Exército

Confere:

Gen Bda ADRIANO SALDANHA MAZZA
Diretor de Armas

Distribuição:

- a) De acôrdo com os n^{os} 1 e 3 da letra b do artigo 106 do R-15G.
- b) Grandes Unidades e Unidades;
- D-2, 7 e 17 (6);
R-2, 6 (1) e 7 (2);
Bn-5, 6, 7 (1), 17 (5) ;
C-2 (1); 11 (1);
- c) E.M.E. (10),
- d) D.A. (20); Demais Diretorias (3). ; ..
- e) z .m . (2). :V

ÍNDICES DOS ASSUNTOS

1* P A R T E

Parágrafo®

CAPÍTULO 1.	Características e propriedades da cavalaria	1*8
CAPITULO 2.	Papel da cavalaria nas operações.	9-13
Artigo	I. Generalidades	9-13
Artigo	II. Preliminares da batalha	14-18
Artigo	III. A batalha	19-25
CAPÍTULO 3.		
Artigo	I. Missões da cavalaria....	26-48
Artigo	II. Características do combate da cavalaria.....	49-53
CAPITULO 4	Repartição, organização e possibilidades da cavalaria..	
Artigo	I. Repartição da cavalaria nos exércitos	54-55
Artigo	II. O corpo de cavalaria..	56-59
Artigo	III. A divisão de cavalaria..	60-71
Artigo	IV. Unidades orgânicas da divisão de cavalaria____	72-102
CAPÍTULO 5.	Deficiências da cavalaria.....	103-108

2* P A R T E

MISSÕES DA CAVALARIA

CAPÍTULO 1. A	cavalaria no reconhecimento	
Artigo	I. Generalidades	109-114
Artigo	II. A divisão de cavalaria no reconhecimento.....	115-118

Artigo	m .	Execução da missão...	119-126
Artigo	IV.	Órgãos de execução....	127-138
Artigo	V.	Deslocamento do grosso da divisão	127-138
Artigo	VI.	Tomada de contato.....	150-156
Artigo	VII.	Transmissão das informações	157-160
Artigo	VIII.	As unidades de cavalaria orgânicas das grandes unidades no reconhecimento	161-
CAPITULO 2. A cavalaria na segurança.			
Artigo	I.	Os elementos da segurança	162-165
Artigo	II.	A divisão de cavalaria na segurança das grandes unidades	166-179
j			
, Artigo	ni.	A divisão de cavalaria na cobertura.....	180-188
■ Artigo	rv.	A .divisão de cavalaria na ação retardadora...	189-195
Artigo	V.	A segurança nas unidades de cavalaria.....	196-409
CAPITULO 3. A cavalaria na batalha.			
Artigo	I.	Generalidades	410-417
Artigo	I.	Ações ofensivas.....	418-417
■ Artigo	III.	Ações defensivas.....=	447-464
CAPÍTULO 4. Aproveitamento do êxito e perseguição			
		T ..	465-473
CAPITULO 5. Incurções			
			474-478

3* P A R T E

A CAVALARIA NO COMBATE

CAPÍTULO 1. Caractéres gerais do combate.			
Artigo	I.	Elementos do combate..	479-485
Artigo	n.	Combate ofensivo.....	486-511
Artigo	h i.	Combate defensivo.....	512-532

Artigo	IV. Combate a cavalo 'ou em viaturas	533-540
CAPITULO 2. A divisão de cavalaria no combate		
Artigo	I. Combate ofensivo da divisão	541-542-599
Artigo	II. Combate defensivo da divisão	600-634
CAPITULO 3. Movimentos retrógrados.		
i' m	i. Generalidades	635-637
Artigo	II. Retraimento	638-650
Artigo	III. Retirada	651-657
Artigo	IV. Ação retardadora	658-670
CAPITULO 4. Casos particulares do combate.		
Artigo	I; Ataque através um curso d'água	671-691
Artigo	II. Defesa de um curso d'água	692-701
Artigo	III. Combate noturno	702-732
Artigo	IV. Combate em localidades	734-743
Artigo	V. Combate em desfiladeiros	744-748
Artigo	VI. Combate em bosques... ..	749-764
Artigo	VII. Operações em montanhas	765-787
Artigo	VIII. Operações nas selvas... ..	788-796
Artigo	IX. Operações em regiões de frio intenso	797-809

4* P A R T E

MOVIMENTOS E ESTACIONAMENTO.

CAPITULO 1. Movimentos		810-
Artigo	I. Marchas	811-
Artigo	H. Movimento motorizado	995-997
Artigo	III. Movimento por estrada de ferro	998-1003
Artigo	IV. Movimento por água... ..	1004-1006
CAPITULO 2. Estacionamento.		
!	Artigo	I. Generalidades
		1007-1015

Artigo	H. Diversas fôrmas de estacionamento	1016-1020
Artigo	m. Escolha dos locais de estacionamento	1021-1025
Artigo	IV. Regras gerais para os acantonamentos	1026-1034
Artigo	V. Regras gerais para os bivaques	1035-1039
Artigo	VI. Regras gerais para o acantonamento-bivaque	1040-1041
Artigo	VII. Regras gerais para os acampamentos	1042-1043
Artigo	Vm. Regras gerais para o estacionamento dos cavalos de mão	1044-1046
Artigo	JX. Ordem de estacionamento	1047-
Artigo	X. Estacionadores	1048-1054
Artigo	XI. Acantonamento de alerta	1055-1056

• 5* P A R T E

SUPRIMENTOS, EVACUAÇÕES E MANUTENÇÃO

CAPÍTULO 1. Suprimentos.

Artigo	I. Generalidades	1057-1069
Artigo	H. Suprimentos de Classe I	1070-1081
Artigo	m. Suprimentos de Classe v II ———	1082-1084
Artigo	IV. Suprimentos de Classe m	1085-1089
Artigo	V. Suprimentos de Classe IV.	1090-1092
Artigo	VI. Suprimentos de Classe V	1093-1108
Artigo	VH. Trens das unidades	-1109-1112
CAPÍTULO 2.	Evacuações	1113-1129
CAPÍTULO 3.	Manutenção das viaturas	1130-1139

1* P A R T E

CAPÍTULO 1

CARACTERÍSTICAS E PROPRIEDADES DA CAVALARIA

1. A cavalaria se define pela conjugação harmônica de suas características essenciais: mobilidade e potência de fôgo. Neste sentido, sua constituição abrange elementos de naturezas diferentes, todos, porém, organizados tender em vista o movimento e o emprêgo de um armamento potente. , ' : "

2. A mobilidade resulta da aptidão que possuem as unidades da cavalaria para o movimento rápido e dur% douro, bem como da faculdade que têm algumas delas de agir em regiões impraticáveis às outras armas

É a característica primordial da cavalaria e permite-lhe a realização de manobras rápidas e flexíveis em qualquer terreno, bem como a obtenção, no mais alto gráu, dos efeitos da surpêsa.

No conjunto, essa mobilidade corresponde a dos elementos a cavalo; consequentemente, as possibilidades de deslocamento dêstes limitam os esforços de marcha que podem ser solicitados às grandes unidades da arma.

Entretanto, a organização da divisão de cavalaria permite-me atuar em grupamentos* homogêneos, uns constituídos por elementos hipomóveis, outros formados por elementos motomecamzados.

3. A potfincla de fogo é oriunda da grande dotação em armas automáticas e petrechos - dotação esta sômente limitada pela necessidade de evitar uma diminuição da mobilidade - e de uma organização que possibilita a todo êsse material concorrer simultâneamente, em uma mesma ação, 15, na maioria dos casos, o único meio que permite à cavalaria cumprir suas diferentes missões.

f 4. As unidades da cavalaria transportam consigo, todos os seus meios, não sendo tributárias da rêde ferroviária qu de comboios automóveis especiais, e podem empregá-loia logo que cheguem ao lugar previsto pára a ação. j

5. O emprêgo da cavalaria repousa no aproveitamento dos recursos que oferece a combinação dessas duas características: mobilidade e potência de fogo. Dai decorrem tambcím as propriedades essenciais da árma que são:

Çjt'— grande ráio de ação que lhe permite intervir ehi pbntos do teatro de operações onde não é esperada:

■/ — rapidez e flexibilidade de manobra que lhe facultam mudar ràpidamente de direção ou dê dispositivo e combinar nas melhores condições o fogo e o movimento; consequentemente, explorar ao máximo os efeitos da surpresa, passar com facilidade da atitude ofensiva para a defensiva, ou vice-versa, e, ainda, romper súbitamente o conmbate para opôr ao inimigo nova resistência em outra posição;

■— capacidade de combate, que lhe possibilita o cumprimento de suas diferentes missões a despeito das reações do inimigo, bem como o emprêgo em ações rápidas e decisivas dupante a batalha;

" .I — finalmente, a possibilidade de Informar-se e de cobrçr-se, sem depender de outras armas.,

. »;. 6» Completam essas propriedades a aptidão de seus quadros para as missões mais diversas e o gôsto da iniciativa, frutos de sua formação particular. ,

, 7. Essas propriedades da cavalaria indicam-na pára o emprêgo onde houver largos espaços livres, isoladamente ou em combinação com outras armas.

Permitem, igualmente, ao comando reforçá-la, para uma determinada missão, com tropas doutras armas ou ainda, em certas oportunidades, atribuir-lhe material complementar.

8. Em certas circunstâncias, uma tropa de cavalaria pode ser empregada em combinação íntima com uma tropa de infantaria ou desempenhar as mesmas missões desta.

REVOGADO

CAPITULO 2

PAPEL DA CAVALARIA NAS OPERAÇÕES

ARTIGO I

GENERALIDADES

9. Noa vastos teatros de operações da América do Sul, os adversários não poderão geralmente constituir frentes contínuas sólidamente organizadas; as resistências se concentrarão nos eixos das vias férreas e das grandes rodovias, que constituirão as **linhás de comunicações** dos exércitos

Sôbre êsses eixos as batalhas serão travadas, tendo por objetivos primordiais os nós de comunicações, mas, entre os grupamentos de forças, se abrirão largos intervalos desocupados ou fracamente mantidos, favoráveis à manobra.

Ora o comando procurará manobrar pelo terreno livre, para desbordar o **flanco** descoberto do adversário, ora atuará no sentido de romper o dispositivo inimigo por um ataque frontal, seguido de uma ação enérgica e profunda.

10. Nessas manobras através regiões em que a ausência de boas vias de comunicações transversais torna difícil o movimento rápido das reservas de tôdas as armas, a cavalaria terá freqüentemente um papel decisivo a desempenhar.

No caso de uma manobra de ala, a cavalaria, poderá ser empregada para desbordar ou envolver a posição inimiga.

■ Se o comando se empenhar em uma batalha de rutura, a cavalaria, juntamente, ou não com unidades motomecanizadas ou blindadas da reserva, manter-se-á, atrás; da frente, pronta para irromper no interior do dispositivo do inimigo, assim que seja aberta a brecha.

Seja como fôr, desde que a cavalaria tiver conseguido ganhar terreno à retaguarda do inimigo, tomará como objetivo os pontos vitais de sua organização e procurará antecipá-lo nas passagens obrigatórias para cortar-lhe as comunicações.

‘ 11. Na ação retardadora e na perseguição quem dispuser de reservas de cavalaria colherá os melhores resultados.

Nessas operações, a arma desenvolve ao máximo às possibilidades que lhe emprestam suas características.

12. A ação retardadora, unicamente sob a forma de ações diretas ao longo de eixos, não é aconselhável para a cavalaria por ser excessivamente passiva; a combinação dessas ações com outras de flanco ou sôbre a retaguarda do inimigo deve ser a regra.

,13. Na perseguição, não é nos grupamentos de pressão direta o melhor lúgar para a cavalaria, as ações sôbre 03 flancos e mesmo sôbre as linhas de comunicações do inimigo são as mais proveitosas.

No curso dessas operações, o chefe de cavalaria usará da maior iniciativa. Não deverá esquecer que a rapidez e a audácia são fatores essenciais do êxito.

ARTIGO II

PRELIMINARES DA BATALHA

14. No início das operações, as grandes unidades de cavalaria (divisões ou corpos) constituem um dos elementos importantes dos exércitos de primeira linha. Têm elas, então, por missão, concorrer para a cobertura da concentração, reconhecer e retardar os movimentos do inimigo, perturbar sua concentração, operar destruições em seu tér-

ritório e dominar, neste, certas regiões interessantes para o desenvolvimento de operações ulteriores. Para executar tais missões essas grandes unidades manobram, utilizando os espaços livres existentes na frente das primeiras forças postas em ação pelo inimigo e nos intervalos que estas possam apresentar.

15. No desempenho de sua missão de reconhecimento, as grandes unidades de cavalaria trabalham em íntima ligação com a aviação que, precedendo-as, penetra profundamente na retaguarda do inimigo.

16. Uma vez estabelecido o contato, é necessário definir a frente mantida pelo inimigo. Inicialmente, esta tarefa cabe às grandes unidades de cavalaria que, em sua missão de reconhecimento, aprofundam a busca de informes tão longe quando lhes permitam seus meios; em seguida, tal missão é assegurada pelas vanguardas de infantaria.

17. Pode acontecer que o comando não disponha de grandes unidades de cavalaria; o reconhecimento, a tomada e a conservação do contato cabem então, à cavalaria orgânica das grandes unidades de primeiro escalão.

18. Para reforçar a cavalaria orgânica dessas grandes unidades, pode algumas vezes ser necessário levar para a frente a cavalaria das de segundo escalão, entretanto tal medida deve ser tomada com a devida cautela, porque essa cavalaria, assim retirada momentaneamente, fará grande falta à sua grande unidade quando esta tiver de ser enfrentada.

ARTIGO m

A BATALHA

19. Uma vez estabelecido o contato pelas vanguardas de infantaria, em ligação com as unidades de cavalaria, estas são substituídas progressivamente ou acolhidas, desse modo desembaraçando a frente.

20. Durante a batalha ofensiva, será nos intervalos do dispositivo inimigo e de preferência sôbre seus flancos descobertos, se os hõuver, que a cavalaria achará, geralmente, seu "melhor emprego: aí, atuando por ações desbordantes ou envolventes, poderá obter os resultados mais consideráveis.

21. Quando a batalha se estende em frente contínua, a cavalaria, se não recebe missão de manter momentaneamente uma parte da frente, é conduzida pára a retaguarda e constitui, então, para o comando, uma reserva de fogos particularmente móvel.

(22/ Quando uma larga brecha se produz na frente adversária, a cavalaria pode ser chamada a desempenhar papel decisivo. Se empenhadas oportunamente na perseguição, as grandes unidades da arma, poderão, graças às suas características particulares, concorrer eficazmente para a desagregação e o aniquilamento total do inimigo, atuando a fundo sôbre as suas comunicações e procurando realizar o cêrco de suas forças.

23. Na batalha defensiva, a cavalaria constitui, preliminarmente, para o comando, uma reserva poderosa e móvel por excelência, é empregada para deter as manobras desbordantes ou, em caso de rutura do sistema defensivo, para tapar uma brecha. Nesta eventualidade, uma grande unidade de cavalaria pode ser empregada sôbre uma frente extensa, para deter ou, ao menos, retardar a progressão do inimigo, constituindo barragens de fogos, ao abrigo das quais as reservas de todas as armas têm possibilidade de chegar a entrar em ação.

24. Quando as frentes se estabilizam, a cavalaria pode ser incumbida de aliviar a infantaria, substituindo-a em suas posições, mas esse emprêgo eventual tem sempre um caráter temporário.

25. Em caso de movimento retrógrado, a cavalaria constitui, com as forças aéreas, um dos elementos principais da ação: reconhece o inimigo, conserva o contato e, graças à faculdade que possui de desfarrar-se rapidamente, pode oferecer resistências sucessivas em diferentes cortes do terreno, realizando, assim, em ligação com as retaguardas, uma ação rotardadora.

CAPITULO S

ARTIGO I

I MISSÕES DA CAVALARIA

- 26. A cavalaria é encarregada, de par com a aviação, das missões de reconhecimento, e corre para a segurança e constitui uma reserva móvel, suscetível de intervir na batalha. No cumprimento "de" qualquer dessas missões a cavalaria será sempre levada a combater; para esse fim é ela organizada e convenientemente dotada.

27. No estudo das missões da cavalaria, este manual considera, em primeiro lugar, o emprego da arma dispondo às unidades apenas de seus meios orgânicos. Entretanto, também é consignado o caso em que, para cumprir uma missão determinada, o comando lhe atribui elementos de reforço (infanteria motorizada, artilharia, carros de combate, etc.) e apoio aéreo.

A — Reconhecimento

28. O reconhecimento repousa na estreita cooperação da cavalaria e da aviação. Esta prolonga o reconhecimento da cavalaria, fornece-lhe os primeiros informes, antecipamdo-a e penetrando além das linhas inimigas. A cavalaria, por seu lado, completa a obra da aviação, dá à busca de informes uma precisão e uma permanência que são características de sua ação, determina o contômo aparente do dispositivo adverso e mantém o contato.

Quando as circunstâncias não permitem o emprego da aviação, a cavalaria pode ser inteira e exclusivamente incumbida do reconhecimento.

29. O comando da cavalaria em missão de reconhecimento organiza a busca de informes em função da Sua missão e das necessidades de sua própria manobra. Com a cooperação da aviação, confia aquela busca a elementos muito

moveis, geralmente motoxnscanizados, que recebem a deno-
minação de destacamentos de descoberta e patrulhas de rên-
conhecimentqí”“

30. O grau de precisão dos informes que lhe são pedi-
dos, e a necessidade de assegurar sua tmsmissão rápida e
segura, exigem que os destacamentos de descoberta e as pa-
trulhas sejam reforçados e dotados de meios de transmissão
rápidos.

31. Os informes de contatos, obtidos por patrulhas
e destacamentos desprovidos, de fôrça, raramente interessam
aos altos escalões do comando.

Entretanto, o estudo, a interpretação e o cotêjo
dêsses informes fornecem uma primeira vista de conjunto,
ainda vaga, mas suficiente, para orientar o comando de di-
visão. ,

Agindo, então, pela fôrça, a cavalaria executará o
ata capital de reconhecimento: romper pelo combate a rêdê
oposta à descoberta terrestre pelos destacamentos inimigos
e, tomando contato com os grossos adversos, colher as in-
formações neceséárias ao eomândó superior.

B — Sêgurança

32. A segurança tem por fim permitir ao comando to-
rnar suas disposições; a informação é um do3 seus fatores
essenciais. A'cavalaria que recebe uma missão de reconheci-
mento concorre, portanto, para a segurança, pelos informes
que fomeçe sôbre o inimigo e, ao mesmo tempo, pela sua
presença em uma região determinada.

33. Mas, a cavalaria pode ser chamada a contribuir
para á segurança de uma maneira mais efetiva e mais dire-
ta. Durante a concentração, participa da cobertura; depois,
quando bs exércitos se põem em movimento e o espaço que
os sepiara se restringe pouéo a pouco, o papel da cavalaria
na segurança adquire precieão: agindo ou não em ligaçãp
com às vanguardas e demais elementos da segurança, cabe-
lhe, então, assinalar a aproximação do inimigo, retardar o

seu avanço e mesmo em certos casos, deter a progressão de suas colunas. Em tôdas essas missões, séu papel consiste em ganhar tempo, para permitir ao comando reunir seus meios e pô-los em ação, em vista do combate.

C — Intervenção na batalha

34. Durante a batalha ofensiva/ se as frentes não são continuas e se existem intervalos no dispositivo de conjunto, as unidades de cavalaria são empregadas na ocupação desses intervalos, na proteção das alas descobertas[^] e, sobretudo, na manobra contra os flancos do inimigo.

35. Se as frentes são continuas e apoiadas em obstáculos intransponíveis, as unidades de cavalaria geralmente passam à retaguarda onde vão constituir, juntamente com certos elementos de artilharia, de carros de combate, etc., a parte mais móvel das reservas à disposição do comando. São, então, localizadas nas regiões mais favoráveis ao seu provável emprego ulterior.

36. Quando o comando toma a resolução de estabelecer-se na defensiva, a missão da cavalaria é, inicialmente, a mesma que lhe é atribuída durante os preliminares da batalha ofensiva: reconhecimento, segurança da frente e dos flancos, tomada de contato.

37. Se o afastamento do inimigo o permitir, a cavalaria poderá ser empregada para manter o contato e retardar o inimigo à frente da posição de postos avançados.

38. Durante a batalha defensiva, a cavalaria é incumbida de cobrir os flancos, se fôr necessário e, em qualquer caso, de preencher o papel de reserva móvel à disposição do comando.

33. Qualquer que seja, aliás, o desfêcho da batalha defensiva, haverá sempre oportunidade para o emprego da cavalaria. Em caso de bom êxito, mantém-se pronta para agir, logo que tenha diante de si espaço suficiente, retomando, então, sua missão ofensiva.

No caso de uma situação desfavorável, se o exército deve manobrar em retirada, o comando fixa a linha na qual serão estabelecidas as retaguardas. Tôdas as unidades de cavalaria disponíveis são dadas a essas retaguardas; aí desenvolvem sua flexibilidade de manobra, sua rapidez de entrada em ação e sua faculdade de transportar, rapidamente, de um a outro corte do terreno, extensas cortinas de fogos.

40. Se fôr grave o revés e a rutura da posição se der em larga frente, o comando poderá tentar limitar o sucesso inimigo, baseado no emprego de sua cavalaria, apoiada por destacamentos de tôdas as armas. As grandes unidades de cavalaria esforçam-se, então, por soldar no terreno os elementos restantes no campo de batalha e por reorganizar um sistema de fogos, de modo a constituir uma nova frente que as reservas de infantaria e de artilharia virão reforçar o mais cedo possível. A missão assim confiada à cavalaria é particularmente árdua e exige, da parte dos chefes, um senso tático esclarecido, a prática do emprêgo de tôdas as armas e, da parte da tropa, tanta tenacidade e energia quanto espírito de sacrifício.

D — Aproveitamento do êxito e perseguição

41. No decorrer de uma batalha ofensiva bem sucedida, se o inimigo cede e revela-se incapaz de continuar uma resistência organizada, é necessário o aproveitamento imediato e enérgico da vantagem obtida para consolidar a posse do terreno conquistado e completar a desorganização de suas forças. Esta tarefa cabe a tôdas as tropas ainda em condições de combater, inclusive às unidades de cavalaria, cuja atuação sôbre os flancos e a retaguarda imediata do inimigo, poderá ser de grande proveito.

42. Quando, finalmente, impossibilitado de manter suas posições, o inimigo procura excavar à destruição e tenta bater em retirada, é desencadeada a perseguição. Nesta conjuntura, a cavalaria será sempre chamada a desempenhar seu papel tradicional e particularmente importante.

43. A finalidade da perseguição é a destruição das forças do adversário. Atuando profundamente sobre as comunicações e órgãos vitais da retaguarda do inimigo, e procurando dificultar, ou pelo menos impedir, a retirada de suas forças, poderá a cavalaria cooperar, decisivamente para esse objetivo.

44. A aviação ataca diretamente as linhas de retirada do inimigo, procurando atingir com seus fogos, as colunas e comboios, de modo a entravar-lhes os movimentos. Demais, toma por objetivo as frações ainda em boa ordem na retaguarda da linha de combate; ataca-as à pequena altura, a metralhadora e a bomba; procura dispersá-las e destruir, assim, toda a capacidade de manobra do inimigo.

45. Se o inimigo se estabelece em nova posição, seu reconhecimento é feito sem demora. O comando, que encetou o movimento de seus meios para a frente, reúne-os para um novo ataque, que é montado o mais rapidamente possível; ao mesmo tempo, reconstitui suas reservas.

46. Para a perseguição, as unidades de cavalaria recebem do comando diretivas precisas que põem-lhes em jogo todas as iniciativas e todas as energias; trata-se de tirar da vitória os maiores resultados.

A princípio, o revolvimento do terreno e as destruições operadas pelo inimigo, tornam difícil o movimento de tropas pesadas.

Nesse momento, a cavalaria leva sobre elas a vantagem de poder passar por toda a parte e, no conjunto das tropas que empreendem a perseguição, a de poder transpor terrenos particularmente difíceis que lhe permitem atingir, de surpresa, os flancos e a retaguarda do inimigo.

47. Quando o recuo das forças inimigas origina grandes espaços livres, as unidades de cavalaria retomam seu papel no reconhecimento e na segurança, análogo ao que desempenhavam no começo das operações.

48. Os agrupamentos táticos cavalaria-carros e cavalaria-carros-infantaria motorizada têm sido empregados com êxito nesta fase das operações.

ARTIGO II

- , CARACTERÍSTICAS do combate da cavalaria

^a 1 49. Para cumprir as diferentes missões que lhe são confiadas pelo comando, a cavalaria é sempre obrigada a combater: combate ofensivo, para tomar o contato, precisar um informe, intervir na batalha, realizar a perseguição; combate defensivo, para deter a progressão do inimigo, para, limitar um revés, cobrir uma operação, manter uma determinada região.

* 4/ 50. O combate ofensivo da cavalaria não repousa, como o da infantaria, na progressividade, isto é, na sucessão dos esforços, e sim, na exploração do efeito da surpresa.

Enquanto a infantaria combate em frentes relativamente estreitas, a fim de proporcionar às unidades em linha, apoio eficaz da artilharia, e se escalona em profundidade para conduzir e manter uma ligação de intensidade crescente, a cavalaria empenha-se geralmente em largas frentes e utiliza sua mobilidade para empregar rapidamente, de um só golpe, todos os seus meios de fogo. Sua intervenção efetua-se com rapidez: o chefe busca a decisão, desencadeando, num ponto escolhido, um ataque que é montado com meios de fogo tão poderosos quanto possível. Esse ataque, geralmente dirigido sobre uma frente estreita, é preparado pela artilharia e combinado, sempre que possível, com uma manobra desbordante ou envolvente, realizada com unidades a cavalo ou motomecanizadas.

51 O combate defensivo da cavalaria repousa no estabelecimento de cortinas de fogos contínuas. Sua dotação em armas automáticas^a confere uma capacidade de resistência que a habilita a se empenhar defensivamente em frentes extensas comparativamente a seus efetivos; mas, é preciso não exigir dela combates defensivos prolongados, análogos aos que a infantaria pode sustentar.

*/ 52. A maneira mais eficiente da cavalaria desempenhar suas missões defensivas será, pois, por meio de resistências

momentâneas em posições sucessivas, frente a cada uma das quais o inimigo será cômpeido a tomar disposições para combater. A potência de fogo e a flexibilidade proporcionar, com efeito, à ação retardadora da cavalaria, um valor que o comaridô terá freqüentemente interesse em utilizar.

53. O combate a cavalo, ou em viaturas, não é possível para as grandes unidades de cavalaria; pode constituir, entretanto, um meio de ação eficaz para uma pequena unidade, em condições especiais e particularmente favoráveis.

CAPÍTULO 4

^ REPARTIÇÃO, ORGANIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DA CAVALARIA

ARTIGO I

REPARTIÇÃO DA CAVALARIA NOS EXÉRCITOS

54. A repartição da cavalaria nos exércitos tem por base a necessidade de obter da arma o melhor rendimento e assegurar a satisfação, tão completa quanto possível, das necessidades particulares de cada um dos escalões do comando.

// 55. As divisões de cavalaria fazem parte das reservas
/ do comando, podendo ser atribuídas aos exércitos ou entrar na composição de um corpo de cavalaria.

ARTIGO II

O CORPO DE CAVALARIA

56. O corpo de cavalaria é uma grande unidade de organização flexível. Possui propriedades análogas às da divisão, porém com órgãos de comando mais numerosos.

^ 57. Compõe-se de um quartel general, duas ou três divisões de cavalaria, podendo ainda receber unidades blindadas, de infantaria motorizada, de artilharia (de campanha e anti-aérea), de serviços e especiais.

* 58. A formação do corpo de cavalaria é eventual e tem em vista, o cumprimento de uma determinada missão, conjugada ou independente das demais operações.

.....

59. Para o combate, o comandante do corpo de cavalaria coordena a ação de suas divisões, fixa a missão da infantaria, da artilharia e dos demais elementos orgânicos do corpo, e prevê missões para as reservas.

ARTIGO m

A DIVISÃO DE CAVALARIA

Organização

60. A divisão é a grande unidade orgânica da cavalaria e sua unidade básica de manobra.

61. A divisão de cavalaria compreende:

- quartel-general;
- tropas;
- serviços:

Sua organização engloba elementos os mais variados, cuja ação um chefe de cavalaria coordena para levar a termo uma operação:

- 3 regimentos de cavalaria
- 1 regimento de reconhecimento mecanizado
- 1 regimento de cavalaria motorizado
- 3 grupos de canhões 75 a cavalo
- * 1 grupo de obuses 105 motorizado
- *■ 1 grupo de canhões automáticos anti-aéreo 40, auto propulsado
- v a— 1 batalhão de engenharia de combate
- * 1 batalhão de saúde
- 3B 1 batalhão de intendência
- 1 companhia de transmissão
- 1 companhia de manutenção média
- é - 1 pelotão de veterinária.

v 62. A divisão de cavalaria é capaz de absorver meios suplementares de toda a natureza com os quais pode eventualmente ser reforçada.

Para minúcias, ver os quadros de organização.

Características

63. A divisão de cavalaria possui as seguintes características:

a. É uma grande unidade de organização mista, constituída de elementos hipomóveis e motomecanizados. Não apresenta, pois, sob este aspecto, homogeneidade, possuindo esquadrões de tipos diversos e veículos os mais variados.

b. O exercício do seu comando apresenta algumas dificuldades oriundas:

- do volume da divisão (cêrca de 40 km. numa só estrada, inclusive os serviços);
- da dissociação quer em todos os movimentos, se deve produzir entre os elementos automóveis e os hipomóveis;
- da necessidade de constituir e acionar grupos táticos, adaptados às diferentes missões, sob vários comandos subordinados.

c. É muito vulnerável, sobretudo no que se refere aos agrupamentos presos às estradas, expostos que são aos ataques aéreos e à artilharia de longo alcance.

A divisão de cavalaria possui grande quantidade de veículos; sua proteção constitui um problema delicado que só pode ser resolvido por uma dispersão organizada dos meios no maior espaço possível, evitando-se entretanto, um alongamento exagerado do dispositivo, que criaria flancos difíceis de defender contra incursões de engenhos blindados inimigos.

d. Seu engajamento embora ser relativo, em relativa rapidez, exigirá sempre, uma vez tomado o contato, 3 ou 4 horas, tempo necessário para colocar em posição o elemento de força da divisão que continua a ser a massa de combatentes a pé, apoiados pela artilharia.

Possibilidades

^ 64. Mobilidade — O ráio de ação do grosso da divisão depende das possibilidades do cavalo:

140 quilômetros em 1 etapa;
100 quilômetros em 24 horas;
600 quilômetros em 3 dias.

Í Todavia, lançando para frente um grupamento motomecanizado, a divisão pode fazer sentir mais depressa e mais cedo as primeiras manifestações de sua atividade.

. De qualquer maneira, porém, a velocidade média de manobra depende da andadura do cavalo — 6 a 8 quilômetros por hora.

65. A divisão de cavalaria, possui grande flexibilidade, porque pode atuar, quaisquer que sejam as condições atmosféricas e do terreno. Pode combater em tôda parte, porque possui um jôgo duplo de elementos: elementos automóveis para os terrenos de percurso desimpedido, mesmo quando faltam bons caminhos, e elementos a cavalo para os terrenos cortados e matosos.

/65. A divisão de cavalaria constituída de elementos de características assim diferentes possui, sem. dúvida, maior capacidade de manobra do que outra unidade de potência análoga mas composta apenas de elementos hipomóveis ou sômente motomecanizados;

■ ^67. Capacidade ofensiva — A capacidade ^ofensiva; da divisão de cavalaria corresponde a da massa dos seus combatentes a pé, apoiados pela artilharia e pela ação dos blindados:

J 68. A dotação em artilharia permite-lhe um esforço sério numa frente de 1,5 a 2 km.

Não tem, porém, os meios necessários, para realizar uma ação profunda, de intensidade crescente e prolongada duração.

A instantaneidade do ataque é precária porque se-

rão sempre necessárias A*eu 4 horas, para dispor convenientemente os regimentos a cavalo e o regimento motorizado.

i 69. Capacidade defensiva — A capacidade defensiva da divisão é relativamente grande.

Pode ocupar solidamente uma frente de cerca de 10 km., se atrás de um obstáculo. Pode ainda guarnecer, sem profundidade, uma frente da ordem de 16 km., estabelecendo, então, apenas uma cortina de fogos.

• 70. Seus elementos motomecanizados dão-lhe possibilidades:

- de tomar o contato com o inimigo bem longe e de impor-lhe um primeiro retardo;

- de desencadear nos flancos e retaguarda do adversário profundas incursões que o obriguem a guardar-se em tôdas as direções e cujos efeitos influem no seu moral;

- de executar contra-ataques locais, com elementos blindados.

Conclusões

f 71. A divisão de cavalaria, devido ao fato de ser organizada com meios hipomóveis e motomecanizados, apresenta-se dotada de mobilidade estratégica, apreciável e de grande mobilidade táctica isto porque é praticamente insensível ao terreno e às condições atmosféricas.

Sua capacidade ofensiva reside mais na sua aptidão para a manobra que na sua potência de fogo ou de choque.

*" Sua capacidade defensiva, entretanto, é relativamente grande, tanto na constituição de uma frente defensiva quanto na ação retardadora.

R. - Capa de investigação

ARTIGO IV

UNIDADES ORGÂNICAS DA DIVISÃO DE
■-CAVALARIA " . ■

CARACTERÍSTICAS

A — UNIDADES A CAVALO

72. As unidades a cavalo são caracterizadas por sua mobilidade, sua aptidão para a manobra e pela potência de seu armamento.

73* Sua mobilidade depende da velocidade e da resistência de seus cavalos. Podem efetuar rapidamente longos percursos e são capazes de sustentar, no curso de uma marcha normal, andaduras de 7 a 8 km. por hora, é mesmo de 10 km. em se tratando de elementos de efetivo reduzido. Suas etapas normais equivalem ao dobro das que a infantaria a pé pode realizar. Em circunstâncias especiais são capazes de produzir um esforço de marcha considerável (100 km. em 24 horas), sem contudo, repetir esse esforço mais de 2 ou 3 dias consecutivos. .

74. A aptidão manobreira das unidades a cavalo baseia-se na faculdade de adaptação ao terreno e na flexibilidade de evolução que lhes confere a variedade de suas andaduras e a liberdade de transpor quaisquer terrenos.

75. Em terrenos difíceis, como sóem ser aqueles que o inimigo cede ou aqueles que possibilitam chegar aos seus flancos ou à sua retaguarda, a infantaria motorizada atraz a progressão dos blindados e a cavalaria a cavalo é o elemento capaz de acompanhá-los.

TG. O armamento das unidades a cavalo é sensivelmente comparável ao das unidades correspondentes da infantaria, levando-se em conta a equivalência aproximada entre 6 regimento de cavalaria © o batalhão de infantaria.

77. Às unidades a cavalo cabem, em princípio, a maior parte das missões que reclamam certa velocidade e uma flexibilidade particular, ao mesmo tempo que uma apreciável capacidade ofensiva: reconhecimento, segurança, tomada de contato, manobra desbordante, ação retardadora.

78. Para maiores detalhes, ver o manual C 2-61.

B — REGIMENTO DE CAVALARIA MOTORIZADO

79. Sempre que o comandante da divisão de cavalaria deseja explorar imediatamente os informes obtidos através seus elementos de reconhecimento mecanizados, utiliza essa unidade, relativamente potente e mais móvel que seu grosso.

80. É transportado em viaturas destinadas a se deslocar em estradas, podendo, entretanto, realizar pequenos percursos através campo.

Suas características são:

a — grande velocidade de deslocamento que pode atingir:

- de dia ou de noite, com faróis acessos: até 49 km. por hora;
- de noite, com faróis apagados: 15 km. por hora;

b — etapa diária máxima: 280km;

c — distância máxima de deslocamento, sem suprimento de gasolina: 400~km;

d — grande vulnerabilidade, quando embarcado;

e — incapacidade de garantir sua própria segurança em movimento e conseqüente necessidade de serem cobertos seus deslocamentos por meio de elementos mecanizados;

f — impossibilidade de combater quando nas viaturas;

g — capacidade de combate a pé:

- ofensiva: inferior a de um batalhão de infantaria;
- defensiva: aproximadamente igual a do batalhão de infantaria, graças ao seu armamento, seu enquadramento e seus meios de ligação.

Para maiores detalhes, ver o manual; Ç-2-61.

C — REGIMENTO DE RECONHECIMENTO MECANIZADO

81. É organizado, equipado e instruído para cumprir missões de reconhecimento. Só deverá engajar-se em combate, quando necessário para o cumprimento dessas missões.

82. Quando a pé, sua potência de fogo toma-se muito reduzida, porque a maior parte de seu armamento é fixo às viaturas.

Não é apto para assegurar a posse do terreno por longo prazo.

83. O órgão móvel por excelência da divisão de cavalaria, quando o terreno é favorável. Suas características são:

a — grande velocidade de deslocamento que pode atingir:

— em estrada, de dia, ou de noite com faróis acesos: até 50 km por hora;

— em estrada, de noite, com faróis apagados: até 30 km por hora;

através campo (velocidade de trabalho):
de dia — 15 km. por hora; de noite —
10 km. por hora;

b — etapa diária máxima: 320 km;

c — distância máxima de deslocamento, sem suprimento de gasolina:

— em estrada: 600 a 800 km.

; — através campo: 160 a 400 km.

84. Mantendo um esquadrão em reserva, pode reconhecer uma frente de 100 km. Excepcionalmente, e empenhando todos seus esquadrões, poderá reconhecer até 80 km.

Ê capaz ainda de estabelecer uma cortina anticarro de ?
27 km.

85. Para mais minúcias, ver o manual(C-2-30í

D — ARTILHARIA DIVTSIONARIA

86. A artilharia orgânica das divisões de cavalaria tem mobilidade compatível com a das unidades de cavalaria que a integram.

87. Na marcha para o combate, é normalmente repartida entre os grupamentos táticos constituídos, podendo uma parte ser mantida às ordens do comando da divisão.

Deve deslocar-se em condições de desencadear rapidamente tiros sôbre quaisquer pontos da zona de ação da unidade apoiada, como também, num curto espaço de tempo, de atuar com a totalidade ou a maior parte de seus meios, sôbre um ponto fixado pelo comandante da divisão, quando o controle centralizado se impõe.

88. Parte de seus reconhecimentos, bem como o pessoal da ligação e os observadores avançados das unidades com a missão de apoio, marcham com os elementos da vanguarda, algumas vêzes mesmo com os elementos de reconhecimento; as próprias baterias podem ser impelidas para a frente, para poderem intervir o mais rapidamente possível, conservando-se, entretanto, eficazmente protegidas; suas posições são procuradas na vizinhança imediata das zonas de observatórios.

89. Na perseguição, uma parte da artilharia é posta à disposição dos elementos destinados à ação envolvente, enquanto a outra continuará no apoio aos elementos que tenham de exercer pressão direta sôbre o inimigo, à disposição dêsses. O emprêgo de frações de artilharia motorizada, em cooperação com unidades de cavalaria motorizada poderá ser, então, encarado pelo comando.

90: 'Nos movimentos retrógrados , a artilharia acompanha a manobra da cavalaria, caracterizada pela execução de

lanços de grande extensão, ações repentinas e desaferamentos rápidos; seu papel primordial é, pois, retardar o inimigo, forçando-o a desdobrar-se prematuramente. A ação dos materiais de grande alcance tomar-se-á, então, importante, porém seu emprego será limitado pela necessidade de uma proteção eficaz, quer em posição, quer durante a execução dos movimentos.

91. No próprio curso da ação, as circunstâncias do combate modificam-se rapidamente e os meios de que se dispõe são muitas vezes restritos em relação à frente de combate. Em consequência, nem sempre é possível organizar agrupamentos especializados em cada uma das missões a preencher: apoio direto e ação de conjunto. As missões consignadas a tal agrupamento ou a tal grupo são essencialmente temporárias e a ação do comando da artilharia empenhada deve, então, fazer-se sentii*continuamente. O golpe de vista e o espírito de iniciativa dos chefes subordinados são os fatores essenciais do êxito.

92. Para minúcias, ver o manual C 6-20.

E — BATALHÃO DE ENGENHARIA DE COMBATE

93. O batalhão de engenharia de combate é a unidade de engenharia orgânica da divisão de cavalaria. Possui meios de transporte motomecanizados suficientes para deslocar, simultaneamente, todo o seu pessoal e material.

94. Durante as marchas, o batalhão de engenharia de combate, menos as frações postas à disposição dos elementos de reconhecimento, fica normalmente sob o controle do comandante da engenharia divisionária e marcha como uma unidade constituída. A fração de engenharia posta à disposição daqueles elementos consiste, na maioria das vezes, num pequeno elemento de reconhecimento que tem como missão colher informes para a engenharia. Em alguns casos, pode tornar-se necessário o reforço de um grupo, um pelotão ou outra fração maior de engenharia, para auxiliar o deslocamento de algum elemento importante de reconhecimento e

iniciar os trabalhos necessários, tendo em vista facilitar o deslôeamenio do grosso da divisão.

95. Durante as marchas, o batalhão de engenharia de combate executa os trabalhos de engenharia necessários para facilitar a progressão das tropas da divisão. Frações de engenharia de combate poderão, então, ser postas à disposição das flanco-guardas, normalmente para preparar obstáculos nas estradas. ;

Quando são necessários reforços aos regimentos,, a fim de-facilitar os seus movimentos, põe-se-lhes, geralmente, um pelotão de engenharia à disposição.,

96. Quando a divisão de cavalaria se empenha no combate, o batalhão de engenharia de combate é empregado rioralmente sob o controle dó comandante da engenharia divisionária. A tropa de engenharia, assim empregada, conserva as principais vias de comunicações e poderá Ser necessário ao. lançamento e defésa de obstáculos para a proteção de flancos descobertos. Devido às largas frentes em que atúa a divisão de cavalaria, é freqüentemente necessário, durante o combate, passar frações de engenharia à disposição de certos elementos da divisão. Embora o número de subunidades disponíveis seja pequeno, o comandante da engenharia deve ter, permanentemente, uma reserva que pòssa ser prontamente lançada, em missões eventuais.

97. Freqüentemente, a divisão de cavalaria realiza transposições rápidas de rios, em zonas onde a resistência inimiga é fraca. Quando as condições do rio o permitirem, os regimentos poderão atravessar a maior parte dos seus elementos a nado, ou empregando meios descontínuos de transposição, sem o auxílio dá engenharia. A divisão de cavalaria dispõe, no seu batalhão de engenharia de combate, de meios orgânicos para realizar transposições de cursos d'água.

98. O batalhão de engenharia de combate dispõe de equipamento de suprimento d'água para proporcionar a água suficiente não SÓ aos homens como também aos animais.

P — COMPANHIA DE TRANSMISSÕES

99. A companhia de transmissões é a unidade de transmissões da divisão de cavalaria.

Tem por missão;

— instalar e explorar o sistema de transmissões necessário ao exercício do comando na divisão e nos grupos tácticos, quando constituídos;

— interceptar, em proveito da divisão e dos escalões superiores, as transmissões rádio do inimigo;

— retransmitir, se preciso, à grande distância, mensagens para a retaguarda;

— executar a manutenção de terceiro escalão de todo o equipamento de transmissões da divisão;

— carregar as baterias de acumuladores das unidades orgânicas ou à disposição, que não disponham de recursos para tal;

— cooperar no suprimento do equipamento de transmissões às unidades orgânicas ou à disposição.

100. A companhia de transmissões é empregada pelo comandante das transmissões da divisão, que também controla a exploração de todo o sistema de transmissões da divisão, podendo ordenar que postos rádio da companhia de transmissões se instalem nos centros de transmissões dos postos de comando dos regimentos, para trabalharem na rede de comando da divisão.

101. A companhia de transmissões, para emprêgo, pode ser desdobrada em destacamentos:

— destacamento do posto de comando.

— destacamento do escalão recuado.

O destacamento do posto de comando, pode ainda ser dividido em:

— grupamento do posto do comando

— grupamento avançado

102. Para minúcias, ver o manual 02-24.

CAPITULO 5 .

DEFICIÊNCIAS DA CAVALARIA

103. A fragilidade da cavalaria é o tributo que ela paga por suas próprias qualidades. Sua recuperação é mais difícil do que a das outras armas: é necessário supri-la em cavalos suficientemente adestrados e em material especializado, além de que o preparo dos homens e dos quadros é demorado.

104. O cavalo é um animal delicado; se é capaz de esforços consideráveis, não pode, entretanto, renová-los em intervalos muito curtos; tem necessidade de cuidados contínuos, à falta dos quais enfraquece rapidamente; antes de tudo, deve beber regularmente, ser desselado freqüentemente e estar sempre ferrado. Em princípio, quatro ou cinco dias de marcha devem alternar com um dia de repouso. Por outro lado, os veículos a motor dependem particularmente do terreno, dos suprimentos em combustível e da manutenção.

105. Para que uma cavalaria conserve todo seu valor, é preciso que seja empregada com oportunidade e de acôrdo com suas características, caso contrário correrá o risco de uma rápida usura.

106. A cavalaria pode travar ações violentas pelo fogo mas seus efetivos não permitem sustentá-las e produzir efeitos prolongados; não se lhe deve solicitar resultados positivos, diante de uma linha sólidamente mantida, cujos flancos sejam impossíveis de desbordar.

107. Em formações densas, a cavalaria é muito vulnerável e, em tôda a parte, poderá estar exposta ao fogo inimigo; em conseqüência deve adotar formações esparsas para os movimentos realizados durante o dia.

108. As unidades de cavalaria são também muito vulneráveis aos efeitos dos gases, devido particularmente aos seus cavalos. No caso da marcha de aproximação a cavalo, essa vulnerabilidade exige um cuidado especial quanto ao reconhecimento dos terrenos infetados. No apeiar para o

combate, é necessária uma escolha' judiciousa dos locais para os grupos de cavalos de mão, tendo em vista os pontos favoráveis à acumulação dos gases.

REVOGADO

2* PARTE

MISSÕES DA CAVALARIA

CAPITULO 1

A CAVALARIA NO RECONHECIMENTO

ARTIGO I

GENERALIDADES

109. O reconhecimento tem por fim fornecer ao comando as informações necessárias ao desenvolvimento de seu plano de manobra. A aviação e a cavalaria incumbem esta missão.

110. A aviação de reconhecimento, em cooperação com a cavalaria, assegura o reconhecimento afastado, ampliando-o, investiga às grandes distâncias na frente das primeiras linhas e procura recolher os informes de caráter geral na região que lhe fôr determinada e, principalmente, no interior das linhas inimigas; esclarece o comando no tocante à atividade do adversário e intensidade da circulação; precisa o traçado das suas organizações defensivas, acompanhando-o no desenvolvimento e registrando-o fotograficamente.

111. A cavalaria, em virtude da mobilidade dos seus elementos motomecanizados ou blindados, nas estradas, e de seus elementos a cavalo em qualquer terreno, torna-se especialmente indicada para cumprir missões de reconhecimento.

112. A cavalaria completa o reconhecimento feito pela aviação, mas muitas vêzes terá de cumprir sôzinha tôda a missão, no limite de suas possibilidades, quando as circunstâncias não permitirem o emprêgo da aviação (insuficiência de meios, mau tempo, regiões muito cobertas, etc.) Tem raio de ação mais restrito, porém, em compensação, dá a precisão que pode faltar aos informes fornecidos pelos aviões e os completa pela permanência de sua ação. Os informes negativos que envia ao comando são de grande valor, pelo seu caráter de certeza.

113. No reconhecimento, não existem limites firmemente delineados entre as missões da cavalaria e da aviação. As duas armas se conjugam e se completam intimamente; obtem-se um rendimento máximo, pelo emprêgo judicioso e combinado de ambas. O estabelecimento de um efetivo sistema de ligação e coordenação dos meios aéreos e terrestres é atribuição do comando.

114. Quando não se dispõe de elementos especializados de reconhecimento em quantidade suficiente, é possível utilizar os meios disponíveis reforçados com elementos motorizados ou mesmo estes exclusivamente.

ARTIGO H

A DIVISÃO DE CAVALARIA NO RECONHECIMENTO

115. Quando a divisão de cavalaria depende de um exército, é do comandante dêste que recebe as missões. Caso esteja sob as ordens do comando chefe, os princípios que lhe regulam o emprêgo são os mesmos; o quadro, porém, em que opera, toma-se, geralmente, mais vasto.

116. O comandante da divisão é orientado pelo do exército, com precisão, acêrca da missão que lhe incumbe, e dêle recebe tôdas as indicações suscetíveis de facilitar-lhe a execução.

Essas indicações lhe dão a conhecer a situação geral do exército, o fim da operação a empreender e, quando possível,

a idéia de manobra do comando; as informações já obtidas acerca do inimigo e do terreno, a situação exata dos exércitos vizinhos e, conforme as circunstâncias, as missões recebidas pelas outras divisões de cavalaria.

Recebe, igualmente, instruções que definam claramente:

- as informações que deverá colher; natureza e ordem de urgência de cada uma delas;

- a zona ou a direção em que as informações terão de ser procuradas;

- as providências tomadas para facilitar ou acelerar as transmissões;

- o procedimento que deverá ter, após a tomada de contato: seja ofensivo, seja defensivo.

117. O comandante do exército comunica-lhe, igualmente, quais os meios suplementares postos à sua disposição (infantaria, artilharia, etc.) e qual a cooperação da aviação com que contará.

118. Dentro das instruções recebidas, o comandante da divisão tem plena liberdade de ação; recorrerá aos processos que julgar mais conveniente ao bom desempenho da sua missão. Seu dever é informar a tempo ao comando; a escolha dos meios para "conseguir isso fica entregue à sua inteira iniciativa.

ARTIGO in

EXECUÇÃO DA MISSÃO

119. As missões atribuídas à divisão de cavalaria em reconhecimento têm geralmente por objeto verificar a presença ou a ausência do inimigo em uma determinada zona e, depois de tomado o contato, informar ao comando sobre os movimentos do inimigo, a importância de suas forças e, se possível, sobre seu dispositivo.

120. O comandante da divisão organiza a busca de informes em função de sua missão e das necessidades de sua própria manobra, confiando-a a elementos muito móveis e à aviação que trabalha em cooperação. A cavalaria, agindo em

Cooperação cora a aviação, reconhece de preferência localidades, regiões cobertas e itinerários e tem sua ação muito facilitada peias indicações que esta lhe fornece.

121. Os informes importantes são fornecidos pelo contato com os grossos inimigos e não com os destacamentos que os cobrem. Resulta daí que a divisão terá primeiramente de romper as resistências opostas pos êsses destacamentos, para conseguir chegar aos grossos.

122. Diante de um inimigo em posição, deverá empregar a totalidade de seus meios, se fôr necessário, para pre-cisar a força do grosso, sua situação exata, o valor de suas organizações e a intensidade de suas reações.

123. Se o inimigo está em marcha, a maneira eficaz de reconhecê-lo consiste, por vêzes, em detê-lo numa posição escolhida, por fogos poderosos, e obrigá-lo assim a descobrir seus meios.

124. Embora o combate não seja o fim do reconhecimento, será, freqüentemente, para a cavalaria, um meio necessário; daí decorre a necessidade de achar-se o comandante da divi-são constantemente em condições de atuar com a maior parte de suas forças. Para isso, limita o efetivo dos desta-camentos ao mínimo necessário e conserva a divisão pronta para intervir a fim de rechaçar os destacamentos inimigos e alcançar o contato com os grossos, pelo combate.

125. No reconhecimento, o ato essencial é a obtenção do informe; mas êste só tem valor quando chega ao comando a tempo de ser vantajosamente aproveitado.

126. A transmissão das informações deve merecer o máximo cuidado do comandante da divisão.

ARTIGO IV

ÚRGAOS DE EXECUÇÃO

127. Constituem êstes órgãos: a aviação de reconheci-mento, os destacamentos de descoberta e as patrulhas de reconhecimento.

: A — RECONHECIMENTO AÉREO

128. O papel da aviação, no que concerne à sua cooperação nas missões de reconhecimento consignadas à divisão de cavalaria, consiste essencialmenté: ,

— em fornecer os informes longínquos que o chefe necessita — antes, durante e depois do contato — a respeito dos movimentos dos grossos inimigos;

— em orientar os órgãos de reconhecimento terrestres.

129. A aviação de reconhecimento não substitui os elementos terrestres de reconhecimento: completa e prolonga o trabalho dêstes. Com efeito, os elementos terrestres, capazes de determinar o contorno aparente do inimigo, difficilmente podem ir além; entretanto, a aviação de reconhecimento, geralmente incapaz de distinguir êsse contcrno, podê reconhecer, atrás dêle, organizações, desembarques, reuniões e movimentos, enfim tôdas as manifestações da atividade das forças inimigas.

B — RECONHECIMENTO TERRESTRE

130. O reconhecimento terrestre é assegurado por destacamentos de descoberta, de composição e efetivo variáveis e por patrulhas de reconhecimento.

O órgão normal do reconhecimento é o destacamento e o seu tipo normal é o destacamento de descoberta mecanizado.

131. O número de destacamentos depende da zona a reconhecer pela divisão e da rêde de estradas existentes; sua composição varia com a missão que lhe é atribuída, com a natureza do terreno, com a profundidade dos objetivos da busca e com a natureza e atividade do inimigo.

132. Os destacamentos de descoberta mecanizados são em regra, constituídos por um ou dois esquadrões de reconhecimento mecanizados, reforçados, se necessário, com frações de engenharia.

Atuam normalmente à distância de um dia de marcha à frente do grosso da divisão.

133. Os destacamentos de descoberta a cavalo são, em regra, constituídos, por um ou dois esquadrões de cavalaria, reforçados com metralhadoras, morteiros e meios de transmissão.

Em fim de jornada, devem manter-se a cêrca de 15 km. do grosso da divisão.

134. O comandante da divisão só utiliza patrulhas de reconhecimento quando deseja realizar rápidas sondagens de alcance limitado em direções ou regiões determinadas.

135. Em alguns casos especiais, e quando o terreno e a rede de estradas o permitirem, pode ser necessário fornecer meios poderosos a um destacamento. O comandante da divisão atribui-lhs, então, elementos tirados do regimento de cavalaria motorizado.

136. O comandante do destacamento de descoberta recebe do comandante da divisão uma missão com objetivos bem definidos. Deve ser minuciosamente esclarecido acêrca da situação, das informações já recebidas e, se possível, das intenções do comando e das ordens por êle expedidas, em vista da operação projetada. Recebe intruções precisas referentes aos informes que deverá procurar e as indicações necessárias para assegurar-lhes a transmissão. É, finalmente, informado da existência, das missões e dos itinerários dos destacamentos vizinhos.

137. O comandante do destacamento, recebe uma direção geral ou uma zona de ação; seu eixo é fixado, sem rigidez, por alguns pontos de referência bem precisos; mas cabe-lhe a faculdade de seguir outro caminho, se o que lhe foi assinalado está ocupado pelo inimigo, ou se mostra impraticável. Pá-lo-á, contudo, no interior da zona que lhe foi atribuída e retomará o eixo tão logo lhe seja possível.

138. O papel do destacamento de descoberta é ver. Não deve procurar o combate, a menos que conte fazer prisioneiros, os quais são sempre a melhor fonte de informes. En-

tretanto, se o inimigo lhe fecha o caminho, não hesitará em atacar, a fim de atingir de qualquer modo seu objetivo. Para minúcias, ver os manuais C-2-20, 02*30, 02-61 e 02-51.

ARTIGO V

DESLOCAMENTO DO GROSSO DA DIVISÃO

139. Orientado pelos elementos de reconhecimento, o comandante faz progredir o grosso da divisão por grandes lanços, regulados em função da missão, da distância em que se acha o inimigo e das grandes linhas do terreno.

140. Longe do inimigo, a divisão marcha pelas estradas, enquanto a situação o permitir. Para guardar o efeito da surpresa, é conveniente, sempre que possível, efetuar às marchas à noite e estacionar de dia, a coberto das vistas do inimigo.

O dispositivo visa, mais particularmente, facilitar o movimento, reduzir às fadigas e subtrair o mais possível as colunas aos ataques da aviação.

141. Se, por exceção, a divisão marcha era uma só coluna, a unidade da frente forma a vanguarda; o grosso marcha à distância conveniente e destacamentos de segurança garantem a proteção dos flancos. Quando a divisão marcha em várias colunas, cada uma delas cobre seu itinerário na frente e nos flancos. A ligação entre as colunas deve ser permanente.

142. Os elementos mecanizados e motorizados, constituindo um grupamento, deslocam-se por lanços em sua própria velocidade, seguindo itinerários que lhe assegurem o mínimo de fadiga e o máximo de segurança.

143. Uma fôrça de cobertura pode ser enviada com antecedência para se apoderar, à frente, de um acidente importante do terreno. O regimento de cavalaria motorizado, reforçado geralmente por elementos de artilharia e engenharia, é a tropa mais indicada para esta ação, por sua velocidade.

de e capacidade de combate. O emprêgo desta força de cobertura é, porém, limitado pela possibilidade de intervenção do inimigo, antes que ela possa ser apoiada pelo grosso da divisão.

144. A partir do momento em que a divisão entra na zona em que o encontro com fortes elementos inimigos é possível, adota um dispositivo que depende do terreno, dos informes recebidos sobre o inimigo e da idéia de manobra de general.

145. Este dispositivo pode comportar:

— os elementos motomecanizados em primeiro escalão e os regimentos de cavalaria em segundo escalão;

— dois regimentos de cavalaria em primeiro escalão e um em segundo, ou vice-versa, e os elementos motomecanizados em um terceiro escalão;

— os regimentos de cavalaria em primeiro escalão e os elementos motomecanizados em segundo escalão.

Os serviços sempre constituem um grupamento à parte.

146. A artilharia a cavalo pode ser repartida com os regimentos de cavalaria, constituindo com eles grupamentos táticos, ou ser mantida, tôda ou em parte, às ordens do comandante da divisão. Seu deslocamento se faz num dispositivo articulado com o dos regimentos de cavalaria, de modo que lhe permita fornecer sem demora o apoio de seus fogos aos primeiros ataques organizados. A artilharia motorizada desloca-se geralmente no conjunto dos elementos motomecanizados.

147. A artilharia, em geral, após ter ocupado posição para apoiar a vanguarda, desloca-se para a frente por escalões, de posição em posição, de modo a manter a continuidade do apoio.

148. A engenharia pode participar dos destacamentos de descoberta a fim de colher informações para seus próprios trabalhos, ou como reforço; pode também reforçar os regimentos de cavalaria de primeiro escalão.

149. As transmissões devem assegurar a recepção e

transmissão dos informes e ordens, de modo que o comando da divisão esteja sempre em condições de poder modificar seu dispositivo.

ARTIGO VI

TOMADA DE CONTATO

150. A tomada de contato é progressiva.

Os elementos de reconhecimento chocam-se primeiramente com elementos ligeros que o inimigo lança à frente, para esclarecer-se e cobrir-se; recalcam-nos, infiltram-se em seus intervalos e procuram fazer prisioneiros.

151. À medida, porém, que aumenta a penetração na rede de segurança do inimigo, mais acentuada se toma a densidade dessa rede e, por conseguinte, mais penosa a progressão dos órgãos de reconhecimento terrestre e maiores as dificuldades na transmissão dos informes.

152. Alguns destacamentos conseguem passar entre os elementos inimigos e rumar a seus objetivos; porém, são detidos pelo fogo e não podem continuar na direção desejada. Neste caso, o comandante do destacamento manobra, para continuar sua missão. Faz reconhecer a situação do inimigo, assim como a extensão da frente ocupada; se o terreno estiver livre em um dos flancos da posição, procura iludir o inimigo, furta-se rapidamente ao contato e retoma a direção primitiva, uma vez vencido o obstáculo.

153. Se a frente parece fracamente ocupada, mas apresenta um desenvolvimento que não permite ao destacamento desbordá-la, sem sair da zona de reconhecimento, o comandante toma suas disposições para abrir passagem pelo combate ou, ao menos, para forçar o inimigo a revelar seus meios. Escolhe, então, o ponto mais favorável, toma suas disposições e passa à execução sem perda de tempo, a fim de aproveitar ao máximo o efeito da surpresa, pela rapidez e vigor de seu ataque.

¶ 'Uma vez aberta a passagem, lança para a frente suas patrulhas, trata de assegurar a transmissão dos informes e, logo que possa, continua o movimento na direção fixada. Se não pode forçar a passagem conserva o contato.

' 154. Quando os elementos de reconhecimento terrestre se encontram, em toda a frente da divisão, diante de uma linha continua que não podem atravessar, estará determinado o contômo aparente do inimigo, além do qual só o reconhecimento aéreo ou a ação dos grossos poderão obter informes.

155. Cabe, então, ao comandante da divisão, se julga insuficientes os informes fornecidos por seus destacamentos, fazer precisar o contato por suas vanguardas, reforçando-as, em caso de necessidade, e assegurando-lhes apoio de artilharia.

156. Em certos casos, entretanto, o comandante da divisão desde que se julgue suficientemente informado pelos órgãos de reconhecimento e o permita a orientação geral de sua missão, poderá decidir-se a explorar ao máximo os efeitos de Uma ação de surpresa.

j :. . Suprime, então, a fase em que as vanguardas precisam i o contato e intervém com o grosso em ação ofensiva; violenta e rápida.

Êste golpe de força visa criar na frente inimiga uma larga brecha para assegurar a posse do terreno e poder lançar novos órgãos de reconhecimento, ou forçar o inimigo a revelar seus meios, precisando, assim, os informes já colhidos sobre o valor das suas organizações e a natureza de suas reações.

' O próprio comandante da divisão completa, se possível, o reconhecimento da linha inimiga por um exame pessoal do terreno, para determinar o ponto em que deseja realizar o esforço principal.

ARTIGO V n

TRANSMISSÃO DAS INFORMAÇÕES

157. Os elementos de reconhecimento enviam seus informes ao comandante da divisão que os recolhe e estabelece as informações destinadas ao comandante do exército, assegurando-lhes a transmissão.

158. Todos os informes, mesmo que pareçam sem importância ao órgão de busca, deverão ser transmitidos, por isso que poderão ser de grande valor para o comando mais elevado, quando considerados em conjunto com os provenientes de outras fontes. Os primeiros contatos e novas identificações são sempre comunicados.

159. Qualquer informe perderá toda utilidade, se chegar demasiado tarde.

Os informes importantes e urgentes, além de serem transmitidos ao comando superior imediato, são enviados pelos meios mais rápidos a todos os interessados, sem considerar os canais competentes usuais.

160. Conforme fôr exigido pela situação, as informações são difundidas às unidades subordinadas, em ordens, mensagens e boletins de informações especiais e periódicos.

ARTIGO VIU

AS UNIDADES DE CAVALARIA ORGÂNICAS DAS GRANDES UNIDADES NO RECONHECIMENTO

161. Ver os manuais C-20, C-2-30 e C-2-61.

CAPÍTULO 2

• A CAVALARIA NA SEGURANÇA

ARTIGO I

OS ELEMENTOS DA SEGURANÇA

162. A segurança tem por fim permitir que o comando tome suas disposições, isto é, possa reunir seus meios e acioná-los, tendo em vista o fim a atingir.

Deve também assegurar a proteção das tropas contra as surpresas em terra e os perigos decorrentes da aviação inimiga.

A segurança repousa nas informações, no dispositivo, no emprêgo de destacamentos de segurança e nas medidas tomadas para fugir à observação aérea e terrestre do "inimigo, aos efeitos dos gases e aos ataques de engenhos blindados.

163. O tempo de que precisa o comando para tomar suas disposições depende de suas intenções e do dispositivo das tropas; depende também do afastamento e de rapidez de progressão do inimigo. O comando determina a distância a que devem ir seus órgãos de reconhecimento e os orienta em consequência disso; articula, outrossim, suas tropas em profundidade, cobrindo-se com destacamentos de segurança encarregados de ganhar, em caso de necessidade, o tempo de que precisa. Esses destacamentos, quando em marcha, tomam o nome de vanguarda, flanco-vanguarda ou retaguarda; em estacionamento, denominam-se postos avançados...

184. As grandes unidades podem, com o fim de ganhar mais tempo, lançar em direções perigosas destacamentos de composição determinada, encarregados de deter o inimigo ou, pelo menos, retardar sua progressão. Nos exércitos, êsse papel é freqüentemente consignado às divisões de cavalaria, as quais poderão, neste caso, receber meios suplementares.

165. A proteção das tropas contra as surpresas terrestres é assegurada não só pelos destacamentos de segurança e pela própria articulação do dispositivo, como também por outras medidas tomadas contra a ação dos gases e incursões de engenhos blindados.

Essa proteção é confiada, no que respeita aos perigos do ar, à ação das armas anti-aéreas (canhões, metralhadoras) e às medidas de tãda natureza (observação, camuflagem, disciplina de marcha e de estacionamento) que tomam as tropas, para subtrair-se às investigações e aos acometimentos da aviação inimiga.

ARTIGO II

A DIVISÃO DE CAVALARIA NA SEGURANÇA DAS GRANDES UNIDADES

166. A divisão de cavalaria contribui para a segurança geral do exército a que pertence, seja no desempenho de uma missão de reconhecimento, seja no cumprimento de uma missão particular de segurança.

167. Quando recebe uma missão de reconhecimento, a divisão de cavalaria contribui para a segurança, pelas informações que fornece, por sua presença em uma região determinada e por sua intervenção eventual, cujo efeito é retardar a progressão do inimigo e sua entrada em ação.

168. Quando recebe uma missão de segurança em proveito de um exército enquadrado, atua à frente dêle. Se o exército opera na ala do dispositivo, a divisão de cavalaria pode ser empregada à sua frente; em regra, porém, atua no flanco exposto. Sua missão consiste em informar ao coman-

dante do exército sobre a presença e os movimentos do inimigo na zona de ação do exército; opor-se às incursões dos órgãos de reconhecimento terrestre do inimigo nessa zona (contra-reconhecimento); deter ou, pelo menos, retardar a progressão das colunas inimigas; eventualmente, conservar, até a chegada das vanguardas, uma posição em que não convenha deixar o inimigo tomar pé; fornecer tôdas as informações úteis ao exército sobre o terreno e em vista da preparação das operações ulteriores (marcha, estacionamento, combate).

169. O comandante da divisão é orientado quanto a sua missão pelo comandante do exército, que lhe dá conhecimento das informações sobre o inimigo já colhidas e o instrui sobre a zona de ação do exército e seu regime de marcha (dispositivo, itinerários, horas de partida, linhas que devem ser ocupadas pelos postos avançados no fim do movimento, etc.).

170. As instruções do comandante do exército fixam ainda a missão da divisão, a frente sobre a qual ela deve operar, os elementos de reforço postos à sua disposição, as grandes linhas do terreno que deve atingir em cada jornada, assim como as horas em que essas linhas devem ser atingidas; as ligações que cumpre manter com as divisões de primeiro escalão e as que devem ser estabelecidas, se necessário, com as divisões de cavalaria dos exércitos vizinhos; o apoio que a divisão pode receber das unidades de primeiro escalão e a manobra que deverá ser efetuada, se necessário, com as vanguardas; a conduta a observar em presença de forças inimigas importantes, seja para detê-las em uma posição determinada, seja para retardar sua progressão; enfim, as informações particulares que devem ser fornecidas acerca do terreno e dos recursos da região.

171. A divisão de cavalaria, encarregada de uma missão de segurança, busca os informes como na missão de reconhecimento, mas o alcance dos seus elementos de reconhecimento, neste caso, é sempre mais limitado e seus objetivos são quase sempre delineados pelos acidentes do terreno.

172. A busca de informes poderá ser realizada pela atribuição de toda a zona de investigação a um só elemento (o regimento de reconhecimento mecanizado) ou a destacamentos de descoberta acionados diretamente pelo comandante da divisão, que fixa, além de outros dados indispensáveis (particularmente sobre o inimigo), zonas de ação, linhas donde informar e conduta a manter.

173. Se existem, além da linha na qual se detêm os destacamentos de descoberta, pontos particularmente interessantes, o comandante da divisão os faz reconhecer por esses próprios elementos de reconhecimento.

174. Atrás de seus órgãos de reconhecimento, a divisão marcha largamente articulada e precedida pelas vanguardas, que esquadrinham o terreno.

Caso esteja operando no flanco exterior do exército, a divisão orienta também seus elementos de reconhecimento, e segurança sobre as vias de acesso, por onde o inimigo poderá desembocar. Nesse caso, será vantajoso levá-los até um grande corte do terreno, onde os pontos de passagem sejam mais fáceis de conservar. ■

175. Em qualquer situação, o comandante da divisão não deve perder de vista que sua missão consiste em deter, ou em retardar, a progressão do inimigo na zona que lhe é assinalada; conserva, portanto, sempre em mão, forças suficientes para atuar com eficácia.

176. A divisão de cavalaria progride na retaguarda, à réde formada por seus elementos de reconhecimento e segurança, pronta a apoiá-los; seja para agir contra os elementos inimigos que tiverem forçado a réde, seja para precisar, pelo combate, o valor dos informes colhidos. A marcha é feita em largos lanços, determinados segundo princípios análogos aos que são empregados no reconhecimento. Todavia, o comandante da divisão será geralmente levado, por sua missão, a dar ao dispositivo uma articulação em largura mais acentuada, de modo que possa intervir rapidamente contra os destacamentos inimigos e dar aos seus próprios um apoio imediato.

177. Quando a' divisão se choca com fôrças inimigas importantes que não pode recalar com seus próprios meios, seu comandante tomã disposições para detê-las, ou retardá-las, até que seja reforçado pelas vanguardas das grandes unidades de primeiro escalão. Regula sua manobra em função do tempo necessário ao engajamento das vanguardas e de maneira que lhes facilite a entrada em Unha.

178. Quando a divisão recebe a missão de ocupar antes do inimigo uma posição determinada, e de garantir a sua posse até á chegada das vanguardas, organiza-se defensivamente nessa posição e assegura a sua integridade, pondo em ação todos os meios disponíveis. Nesse caso, pode ter interesse em ganhar tempb, procurando o contato com o inimigo se dispuser do espaço necessário, além da posição que lhe é assinalada; mantém então sôbre esta os elementos necessários à sua organização e conduz uma ação retardadora em que a posição a defender constitui o limite posterior.

Se os informes fornecidos pelos elementos de reconhecimento assinalam que o inimigo está em posição, a divisão estabelece e mantém intimo contato, até o momento em que as grandes unidades estejam em condições de intervir.

Em qualquer desses casos, de acôrdo com a situação (em particular, terreno e inimigo), para á conduta em segurança e o preparo da manobra visada, o comando poderá tirar grande partido das possibilidades de seus elementos mptomecanizados, empregando-os à frente do grosso da divisão.

179. A transmissão das informações efetuà-se: segundo os mesmos princípios do reconhecimento, entretanto, a segurança relativa da retaguarda das divisões permite emprego mais fácil e mais'-intenso dos meios de transmissão.

ARTIGO m

A DIVISÃO DE CAVALARIA NA COBERTURA

180. A cobertura consiste em um dispositivo de segu-

rança confiado a unidades geralmente desdobradas numa larga, frente e organizadas para ganhar tempo. Tem por fim:

— no começo das operações, proteger a concentração dos exércitos contra os empreendimentos do inimigo;

— no decurso das operações, permitir que o comando execute o reagrupamento de suas forças.'

Em ambos os casos, os princípios de emprego da tropa e os processos de execução são os mesmos.

181. Em geral, eip uma missão de cobertura, uma divisão de cavalaria faz parte de um conjunto de forçaã. É habitualmente reforçada por elementos de tôdas as armas.

182. O comandante de uma divisão encarregada de uma missão de cobertura recebe instruções que lhe fixam:

— a Mtuacãp„do inimigp; 1

— a ^ ^ ração provávej.jJa^pjLissã'b'e o alcance da vigilância;

— a posição a defender, assim como o limite posterior da zona de ação; " ' 1

— as ligações a estabelecer com as unidades vizinhas, se a divisão está enquadrada;

— as medidas particulares a adotar, se está isolada ou no flanco do dispositivo de cobertura;

— os meios, suplementares postos eventualmente à sua disposição;

, — a conduta a manter diante de forças superiores; o apoio que, nessa conjuntura, poderá receber das vanguardas e o tempo em queAsse apoio poderá ser dado;

183. A divisão estabelece-se na posição fixada pelo comando do exército e seu comandante organiza a defesa segundo os princípios que regulam o combate defensivo. Se a frente a defender éjnuito_extensa, para que possa ser coberta pôr„umã rêde de fogos continua e suficientemente profunda, p general constitui reservas e as articula de modo a.poder transportar ràpidamenteflão ponto mais ameaçado, tódó o fogo necessário à defesa. , i . .

184. No traçado da posição de resistência, o comando busca muito particularmente:

— na frente: obstáculos naturais, se possível contínuos (grandes cortes de terreno, etc)* que possam ser facilmente vigiados e batidos e assegurem uma proteção eficaz contra os engenhos blindados;

— na retaguarda: cobertas e camuflagens próprias para dissimular as reservas e facilitar sua manobra.

185. O comandante da divisão toma ainda suas disposições para ter, em tempo conveniente, as informações necessárias à conduta da manobra e as que o comando do exército, eventualmente, o encarregar de obter.

186. Quando a divisão recebe a missão de assegurar uma cobertura *à* flanco, adota um dispositivo capaz de evitar o descobrimento. O comando escalona no flanco descoberto elementos de segurança e impele-os a uma distância suficiente, para ter tempo de opor-se à ameaça do inimigo. Constitui reservas tão fortes quanto possível e dispõe a maior parte delas no flanco exposto da posição.

187. No caso em que a divisão recebe uma missão de cobertura de duração limitada, seu comandante toma disposições para romper o combate nas condições mais favoráveis. Segundo as circunstâncias, pode reagrupar o grosso de suas forças na retaguarda de uma linha momentaneamente mantida por elementos disponíveis, ou desprender-se, valendo-se da mobilidade, para romper, de uma só vez, o contato.

188. Sempre que as ordens recebidas o autorizem, a divisão não deve esgotar em uma posição toda sua capacidade de resistência; recua para a posição seguinte, esforçando-se, todavia, em sustentar-se até o fim da jornada, a fim de efetuar o movimento durante a noite.

ARTIGO IV

ADIVISÃO DE CAVALARIA NA AÇÃO RETARDADORA

189. A ação retardadora é uma manobra que tem por

objeto retardar forças inimigas em marcha para a batalha. Consiste geralmente em ir tomar o mais longe possível o contato com essas forças, e em seguida realizar movimentos retrógrados, opondo resistências de duração limitada sobre posições sucessivas, de modo a obrigar o inimigo a marchar num dispositivo desdobrado e tomar frequentemente disposições para o combate.

190. Sempre que possível, a ação direta ao longo dos eixos de progressão do inimigo, deve ser conjugada com ações ofensivas sobre seus flancos e sua retaguarda, com elementos fortemente dotados de meios de fogo, muito rápidos e flexíveis, capazes de tirar o máximo partido das dificuldades do terreno. Atuações desta natureza obrigarão o inimigo a perder tempo para defender-se, a marchar com cautela e a montar ações parciais em direções afastadas de seu eixo de progressão.

191. Uma ação retardadora pode, segundo as instruções do comando, transformar-se em ação de cobertura ou vice-versa. Uma divisão em missão de reconhecimento ou de segurança, uma vez estabelecido o contato, terá muitas vezes de realizar uma ação desse gênero.

192. Para conduzir uma ação retardadora, o comandante da divisão deve conhecer:

— o tempo, necessário? ao comando superior para tomar suas disposições e que lhe deve ser proporcionado pela intervenção da divisão; por consequência, a linha que esta deverá manter em último recurso, até dia e hora determinadas;

— a direção geral em que se deve manter durante o movimento retrógrado;

— O lugar que pode esperar das vanguardas e o momento em que apoio se fará sentir;

— a condução a observar, no momento em que a divisão chegar à frente mantida pelas divisões de primeiro escalão;

— as ações que devem ser feitas durante o movimento.

193. Recebida a ordem de operar em ação retardadora, o comandante da divisão estabelece seu plano de manobra, no qual determina as ^ ^ções sucessivas, em que pensa opôr resistências ao inimigo, e nãa9â*iépartição inicial de suas forças. Escolhe essas posições, de preferência, atrás dos grandes pôrtosdo terreno, de modo que ofereçam, tanto quanto possível: — pára" frente, vistaslongínqua^, e campos de tiro extensos que dêem a possibilidade de "fazer atuar os meios de fogo (artilharia e metralhadoras) logo que o inimigo se apresente na sua zona de ação; — para a retaguarda, çobertas (bosques, povoados, etc.) e caminhamentos desenfiados que facilitem a rutura do combale e o jôgo das reservas.

194. O comandante da divisão mantém seus elementos de reconhecimento em contato com o inimigo, afeta à defesa da posição mais avançada o máximo de suas forças e destaca, ao mesmo tempo, para a posição seguinte, a fim de balizá-la e preparar a organização dos fogos, reconhecimentos de artilharia e das unidades encarregadas de ocupar os seus pontos importantes. Os cavalos de mão e as viaturas de transporte são, tanto quanto possível, mantidos nas proximidades dos combatentes a pé.

195. Quando o inimigo ataca, o comandante da divisão manobra e conduz seu combate, segundo os princípios expostos na o5 Parte dêste manual.

ARTIGO V

' A SEGURANÇA NAS UNIDADES DE CAVALARIA. !

A — Generalidades

196. Tôda unidade de cavalaria, para ficar em condições de cumprir a missão recebida, deve organizar sua própria segurança.

Esta segurança repousa:

— nas informações que lhe transmite o escalão superior e nos informes obtidos pelos seus próprios órgãos de Reconhecimento;

- nos destacamentos de segurança;
- no dispositivo adotado;
- nas medidas tomadas contra a ação eventual da aviação e da artilharia de longo alcance, contra os efeitos dos gases e contra os ataques de engenhos blindados.

197. As ordens para a marcha, ou para o estacionamento de uma tropa fixam, entre as prescrições peculiares a cada caso, as medidas destinadas a garantir sua segurança.¹

B — ■ Segurança em marcha

198. Independentemente do dispositivo que regula a repartição da tropa e seu escalonamento, toda a coluna de cavalaria em marcha, protege-se por destacamentos de segurança: vanguarda, retaguarda e, se fôr o caso, flancoguarda.

199. As grandes unidades de cavalaria marcham geralmente em mais de uma coluna e cada uma delas se cobre pôr uma vanguarda particular.

200. Quando um destacamento de segurança (vanguarda, retaguarda ou flancoguarda) estabelece contato com o inimigo, seu comandante organiza uma observação metódica e permanente do terreno e dá atividade do adversário, principalmente quanto aos órgãos de fogo que possam ser referenciados. Precauções semelhantes são tomadas quando o destacamento executa um alto prolongado, em fim de lanço cu ao anoitecer.

Os informes assim colhidos facilitam o engajamento do grosso, fornecendo ao comando indicações úteis para a determinação das direções de aproximação e a designação dos objetivos.

201. A missão dos destacamentos de segurança de uma coluna exige esforços suplementares, tanto maiores quanto mais longa é a etapa e maior a velocidade de marcha.

Se as circunstâncias não permitem sua substituição, durante a marcha, a eficiência do serviço ficará prejudicada. A segurança da coluna repousa, então, quase exclusivamente, em seu dispositivo e na sua mobilidade.

Vanguarda

202. A vanguarda é um destacamento de segurança que uma unidade lança á sua frente, na direção de marcha. Sua ação é sempre subordinada à do grosso, ao qual ela deve facilitar a execução da respectiva missão.

203. O papel geral da vanguarda-consiste:

- em reconhecer o terreno e interceptar qualquer comunicação entre a zona ocupada e o inimigo;
- em proteger o grosso contra as surpresas de terra e assegurar ao comando o tempo e o espaço necessários & utilização de seus meios;
- em desobstruir e mesmo reparar sumariamente as estradas.

204. O comando determina o eixo de marcha da vanguarda, sua missão e zona de ação, as linhas sucessivas do terreno que ela deve atingir, o apoio que a artilharia lhe poderá prestar e a conduta a observar em caso de encontro com o inimigo.

205. A missão e o modo de ação da vanguarda variam segundo as intenções do comando e as possibilidades de ataque pelas forças terrestres do adversário.

Longe do inimigo, a vanguarda deve estar em condições de repelir elementos ligeiros que possa encontrar em sua zona de ação.

Nas proximidades do inimigo, isto é, quando ó encontro com forças terrestres importantes já é possível, a vanguarda déve ficar em condições de combater, a fim de garantir ao grosso a sua liberdade de ação.

206. Quando elementos de reconhecimento trabalham á frente, a ação da vanguarda, desde que a distância entre ela e aqueles elementos diminúa, passa a ser condicionada à situação deles, devendo acolhe-los ou ultrapassa-los, se necessário.

207. Em caso de encontro, a vanguarda deve, segundo as ordens recebidas:

— continuar a progressão para fazer cair as resistências avançadas do inimigo ou repeli-las, até encontrar uma linha sólida e contínua;

— engajar-se a fundo para conquistar observatórios e pontos do terreno que o comando considere útil manter; e

— deter-se e tomar uma atitude defensiva.

208. A composição da vanguarda varia segundo a missão, a distância do inimigo, e extensão da zona a cobrir e a natureza do terreno. Seu efetivo, em geral, não deve exceder de um terço do efetivo total.

209. Nas colunas importantes (divisão), as vanguardas podem ser reforçadas com elementos motomecanizados, blindados, artilharia e engenharia. Sempre que possível, são apoiadas por artilharia e utilizam os informes da aviação

210. Os elementos a cavalo são apropriados para constituírem vanguardas de forças a pé ou de unidades a cavalo. Os elementos motorizados, devido à sua vulnerabilidade às emboscadas, não são indicados para o desempenho dessa missão, a não ser no caso de uma unidade motorizada, que se desloca isoladamente, ou para reforço de elementos mecanizados.

211. Quando a vanguarda for mista, de elementos a cavalo e mecanizados, estes são aproveitados para serem lançados mais a frente, ao longo das estradas.

212. A velocidade de marcha da vanguarda deve subordinar-se à da coluna. . l d j

A velocidade de marcha da coluna é determinada pelo seu comandante, a quem cabe tomar—segundo a missão, o estado físico da tropa e as dificuldades que podem surgir, do terreno ou do inimigo— a decisão de retardar a marcha, para dar à vanguarda o tempo de operar, ou acelerá-la, neste caso arriscando-se a comprometer a segurança do grosso.

213. Na marcha para a frente, o comandante da coluna tem geralmente interesse em não permanecer à testa do grosso. Confia a direção deste ao subordinado imediato, ao qual dá todas as instruções para reger o movimento.

O comandante precede, então, a sua tropa, podendo marchar nas proximidades do comandante da vanguarda (sem se imiscuir nos pormenores da conduta desse elemento), ou deslocar-se na zona de segurança criada pela vanguarda e, eventualmente, pelas flancoguardas.

Faz-se acompanhar pelos agentes de ligação e mensageiros necessários e, quando se trata de coluna importante, por oficiais de seu estado maior e pelo comandante da artilharia. Em permanente ligação com êle, os demais elementos do estado maior permanecem na testa do grosso ou em lugar préviamente fixado, que deve ser conhecido de todos os comandantes subordinados.

O comandante pode, assim, informar-se mais cedo, avançando sem demora até um observatório conveniente, para ver pessoalmente o terreno, transmitir rapidamente suas ordens e, regular a velocidade geral de progressão da unidade, dando diretamente instruções ao comandante da vanguarda.

214. Na divisão, o general determina o deslocamento sucessivo, sobre o eixo de marcha, dos centros de transmissão que lhe permitirão receber os informes nos pontos fixados, recolher a qualquer momento as comunicações dos seus destacamentos, as da retaguarda e as dos aviões, se fôr o caso e, finalmente, dispor de todos os meios para transmitir suas ordens.

v. 215. O movimento da vanguarda é regulado pelo próprio comandante, de acordo com as instruções do comandante, da coluna.

Para que a progressão do grosso da coluna se mantenha regular e contínua, é necessário que a vanguarda se distancie suficientemente, a fim de poder executar o reconhecimento metódico do terreno, sem retardar a marcha da coluna.

A vanguarda desloca-se por lanços sucessivos, podendo o grosso fazê-lo da mesma forma ou por movimento contínuo.

216. Na marcha retrógrada, a vanguarda é constituída

do mesmo modo que a retaguarda na marcha para a frente. Tem, então, a missão de desobstruir as estradas, para garantir a liberdade e rapidez de movimento do grosso. Precede o grosso à distância suficiente para que sua marcha não seja detida ou retardada.

Dispositivo geral da vanguarda

217. A vanguarda divide-se em três escalões:

- escalão de reconhecimento;
- escalão de combate;
- reserva.

Nas pequenas vanguardas, a reserva pode não existir.

218. O escalão de reconhecimento tem por missão informar sobre a presença e a situação do inimigo, bem como sobre a natureza do terreno: comunicações, obstáculos, cobertas, organizações defensivas, etc.

ff formado por elementos constituídos, enviados para a frente pelas unidades da testa do escalão de combate.

219. O escalão de combate tem por missão completar a ação do escalão de reconhecimento, manobrar ou romper as resistências locais que não tenham cedido às tentativas de desbordamento dêste; finalmente, diante de uma linha contínua de fogos, cobrir o grosso e, eventualmente, proteger a entrada em ação da reserva.

220. A reserva tem por missão finalizar a ação do escalão de combate e, juntamente com êle, proteger a entrada em ação do grosso.

221. A organização: da observação é realizada, dá modo a assegurar uma vigilância contínua ria zôriã de marcha; o pessoal dela encarregado progride com às unidades da testa do escalão de combate e se desloca por frações, de um a outro observatório.

222. Os elementos encarregados de providenciar sobre a instalação da rede de transmissões marcham sob a prote-

ção da vanguarda e no lugar designado pelo chefe respectivo.

223. O comandante da vanguarda desloca-se de um a outro ponto de observação, sobre o eixo de marcha escolhido, de modo a irielhor exercer sua ação sobre todos os elementos da vanguarda; esse eixo de marcha deve ser conhecido por todos os comandantes de unidades dependentes do comandante da vangiárda, assim cbmo dos respectivos agentes de transmissão.

O comandante da vanguarda é acompanhado pelos comandantes dos seus elementos de apoio e por alguns de seus elementos de comando; os restantes destes marcham com o escalão de combate, no lugar que lhes fôr designado.

224. Quando uma unidade de artilharia recebe missão de, apoio a uma vanguarda,, seu comandante, marcha com o dessa vanguarda; parte, dos seus reconhecimentos, às vêzcs, uma bateria, são colocados no escalão de combate, a fim de assegurar uma intervenção mais rápida em, proveito desse escalão; o restante de seus elementos seguirá com a reserva.

225. As viaturas do trem de combate das unidades da Vaihguarda seguem, em princípio, a progressão de seu último éscalão, utilizando as estradas e caminhos. Tratando-se de urna vanguarda de pequeno efetivo (esquadrão) essas viaturas conservam-se no grosso da coluna. : 1'

226. As ordens do comandante da vanguarda contêm, em função das instruções que êle próprio recebeu:

- composição do escalão de reconhecimento e do escalão de combate;
- zona de ação;
- principais pontos a reconhecer;
- lanços do escalão de combate;
- velocidade do escalão de combate;
- procedimento em caso de encontro.

Distâncias

- 227. A distância entre a vanguarda e o grosso depende

principalmente da natureza do terreno e da fôrça da própria vanguarda.

Tal distância não deve ser muito grande, para não privar a vanguarda da intervenção do grosso em tempo útil; mas, não deve ser muito reduzida, para evitar que o grosso seja submetido prematuramente ao fogo—é-experimente dificuldades no momento de entrar em ação. ;

228. Em uma forte coluna, os elementos mais avançados do escalão de reconhecimento deslocam-se muito além do* primeiros elementos do grosso, para que este não fique sujeito aos tiros da artilharia de campanha inimiga. ■ ■ j

O escalão de reconhecimento deve progredir, por sua vez, a uma distância suficiente do escalão-de combate, para atingir, em tempo conveniente, as linhas do terreno de onde o adversário poderia executar, contra este, fogos de infantaria à grandes distâncias. . .

229. Em uma coluna de fraco efetivo, como o esquadrão, por exemplo, cuja mobilidade é a melhor garantia contra as surpresas, a vanguarda marcha a uma distância do grosso suficiente para protegê-lo contra o fogo, das armas portáteis. . , " ,

O escalão de reconhecimento neste caso precede o escalão de combate a uma distância capaz de subtrair-lo, tanto quanto possível, aos fogos executados às médias-distâncias.

230. O grosso da coluna se mantém, sempre em ligação com sua vanguarda; cada escalão da vanguarda tem a mesma obrigação para com aquele que o precede. ■

A vanguarda realiza, igualmente, ligação com as Vanguardas vizinhas, se as houver. 1

231. Quanto fôr necessário, a ligação entre a coluna e sua vanguarda pode ser feita por intermédio de cavaleiros, denominados balizadores. / ‘

Para esse fim, há muitas vezes vantagem, numa unidade importante principalmente em terreno coberto, em destacar previamente, sob as ordens de um grãdiado) um grupo

derbalizadores para as proximidades da vanguarda, de modo que a ligação se faça automaticamente e sem interrupção.

Alto durante a progressão

232. Quando, durante a progressão, a vanguarda faz alto, seus elementos não se imobilizam simultaneamente.

i O escalão de reconhecimento prossegue no movimento, ge.6 necessário, para que seus elementos avançados atinjam pontos dõ terreno favoráveis à observação; o escalão de combate procura, para seus primeiros elementos, posições favoráveis ao tiro das armas automáticas e cobertas capazes de dissimular os demais às vistas do adversário.

t. 233. Nas pequenas colunas, devido ao fraco efetivo da yiuiguarda, esta nem sempre estará em condições de garantir completamente a proteção do grosso durante as paradas; cabe, pois, ao próprio grosso contribuir para a execução das medidas de segurança necessárias.

Ação da vanguarda longe do inimigo

234. Bm zona onde não haja possibilidade de intervenção de forças terrestres importantes, mas onde seja possível o encontro com elementos mótomecanizados e blindados de grande raio dè ação, a vanguarda visa, principalmente, opor-se às incursões dèsses elementos inimigos. Percorre, então, as-estradas importantes da zona de marcha com os meios suficientes, particularmente elementos mecanizados.

235. Seu dispositivo deve satisfazer às condições seguintes:

- permitir uma marcha rápida e facultar ao chefe a modificação do itinerário, de acôrdo com a situação;
- furtar-se, à observação aérea;
- reduzir, tanto quanto possível, o número e importância das unidades destacadas, exigindo-lhes o mínimo de fadiga;-

' 236. A marcha realiza-se por lanços largamente calcu-

lados sôbre linhas características do terreno: estradas, cursos d'água, vias férreas, linhas de cristas, etc.

Em cada lanço, a ligação com as unidades vizinhas é retomada, assim como é reduzida a profundidade do dispositivo, embora se procure conservar uma articulação suficiente e ocultar-se do melhor modo às vistas aéreas.

237. O escalão de reconhecimento é constituído em função da natureza do terreno e da importância da rede de estradas da zona de marcha.

Os elementos mecanizados ou blindados à disposição da vanguarda são repartidos entre os elementos do escalão de reconhecimento, com os quais operam em ligação. Marchans por lanços de amplitude variável, segundo o terreno, tomam distância nas zonas descobertas, realizam sondagens rápidas e a pequena distância, para um e outro lado da estrada de marcha; atuam em ligação com as unidades a cavalo nos reconhecimentos das cobertas, bosques, etc. !

■ 238. Em caso de encontro com destacamento inimigo, o comandante do elemento interessado toma rapidamente sua decisão, visando aproveitar circunstâncias favoráveis para atacar de surpresa, repelir o inimigo e fazer prisioneiros, ou para manobrar, a fim de atrair o adversário ao fogo do escalão de combate, cuja ação não deve prejudicar. j.

239. O elemento do escalão de reconhecimento que percebe engenhos blindados inimigos, previne a unidade que o segue pelos processos convencionados (sinais, etc.).

Os elementos mecanizados ou blindados esforçam-se por destruir os engenhos adversários ou, no mínimo, barrar-lhes a estrada; as unidades a cavalo, em ordem dispersa, ganham rapidamente a coberta mais próxima, de onde operam, apoiando aqueles elementos, se fôr o caso.

240. O escalão de combate, conforme sua força, a largura da zona de marcha e a missão recebida, utiliza um ou vários itinerários.

: : . .

A ligação entre os seus diversos elementos deve ser constantemente mantida,

241. O comandante da vanguarda marcha, conforme o caso, na altura do escalão de reconhecimento, a fim de ficar em condições de ver e de receber mais rapidamente as informações.

Ação da vanguarda nas proximidades do inimigo

242. As probabilidades de encontro com forças importantes tomam-se cada vez maiores, à medida que diminui a distância do inimigo.

A vanguarda deve ficar em condições de, nos limites dos recursos de seus efetivos, subtrair o grosso aos fogos do inimigo, bem como de dar-lhe o tempo e o espaço necessários para empregar seus meios.

Deve poder também localizar as resistências avançadas do adversário, obrigando-as a se revelarem, se necessário, pela manobra.

243. Para tal fim, a vanguarda toma um dispositivo desdobrado, largamente articulado em largura e profundidade, de modo a escapar tanto quanto possível à observação terrestre e aérea e permitir que o escalão de reconhecimento possa reconhecer toda a extensão da zona de marcha, bem como, ao escalão de combate, colocar rapidamente os meios de fogo necessários para apoiar a progressão do escalão de reconhecimento, ou para deter um adversário que ataque.

> 244. As unidades utilizam completamente a rede de estradas, caminhos, trilhas e picadas, até o momento em que, achando-se expostas aos fogos densos da artilharia inimiga e parecendo próximo um encontro, passam a avançar através do campo.

245. O escalão de reconhecimento marcha em pequenas

colunas, varrendo todas as estradas e caminhos da zona de marcha e procurando não retardar o avanço do escalão de combate.

Quando um elemento do escalão de reconhecimento encontra um ponto ocupado pelo inimigo, seu comandante informa, conserva o contato, esforça-se por avaliar a extensão da resistência e por desbordá-la, sem, entretanto, afastar-se da zona, cujo reconhecimento lhe incumbe.

246. O escalão de combate marcha em ordem dispersa, à retaguarda do escalão de reconhecimento, pronto para apoiá-lo. Evita, tanto quanto possível, as zonas batidas pela artilharia.

247. Na iminência de encontro com o inimigo, a vanguarda se desloca através campo; toma formações muito diluídas e procura continuar a progressão a cavalo, ou em viaturas, o mais longe que puder, utilizando o terreno.

Todo o elemento, impedido pelo fogo inimigo de continuar a progressão nessas condições, continua o movimento? a pé.

248. O escalão de reconhecimento vasculha todo o terreno e presta maior atenção aos pontos de onde o inimigo poderia empregar fogos de armas automáticas.

249. Quando se manifestam resistências isoladas, os elementos não detidos têm obrigação de avançar audaciosamente pelos espaços não batidos, para fazer cair as resistências por desbordamento. Os elementos submetidos ao fogo respondem ao fogo e aferram-se ao terreno.

250. Se os elementos do escalão de reconhecimento esbarram em uma linha mantida pelo inimigo, esforçam-se por determinar os pontos não ocupados ou, pelo menos, mais fracos, bem como os caminhamentos de acesso favoráveis.

251. Se a importância e a densidade da ocupação impedem qualquer infiltração, eles param, dissimulam-se melhor e continuam a observar, de maneira a fornecer ao comandante da vanguarda os informes mais completos possíveis.

252. O escalão de combale progride atrás do escalão de reconhecimento, pronto para apoiá-lo pelo fogo, ou acolhê-lo, em caso de necessidade.

Largamente estendido no terreno, utiliza os caminhos, ou progride através campo, mantendo uma ligação íntima pela vista, ou pôr meio de patrulhas, entre as diversas colunas. Seu dispositivo modifica-se de acôrdô com a situação, de modo que a aproximação a pé possa suceder, sem demora, à aproximação a cavalo ou em Viaturas.

253. O comandante da vanguarda geralmente têm conveniência em cêdo avançar para perto dos elementos do escalão de reconhecimento, afim de entrar em contato com êles e completar as informações que possui sobre a situação, assihr como para Lu* Uma impressão pessoal do terreno e ganhar tempo, decidindo com rapidêz.

254. Quando o escalão de reconhecimento é detido pelo inimigo e não pode mais progredir, o comandante da vanguarda toma suas disposições para completar a sua ação, com elementos tirados do escalão de combate.

Se a missão o comporta, o comandante da vanguarda não hesita em empenhar o grosso de suas fôrças, caso contrário, detem-se e se estabelece defensivamente.

Vanguarda nas marchas à noite

! 255. O trabalho da vanguarda, à noite, é gxeçûtado da mesma forma que de dia, salvo quanto às distâcias e aos intervalos entre os escalões, os quais se reduzpm sensivelmente.

256. O número, das linhas sucessivas em que a vanguarda deve parar ã aumentado para permitir a reorganização das unidades e o restabelecimento das ligações.

257. Na maioria das vezes, a vanguarda utiliza sòmente as estradas; entretanto,, quando o terreno é de fácil percurso e a noite é clara, alguns elementos podem marchai através campo.

Retaguarda

Retaguarda na marcha para a frente

• 258. Na marcha para a frente, a retaguarda tem por missão proteger os últimos elementos, contra a ação de pequenos destacamentos, de cavalaria, motomecanizados ou blindados. Sua constituição impõe-se, principalmente, para uma tropa colocada na ala descoberta de um dispositivo.

A força da retaguarda varia conforme, a importância da unidade.

259. A retaguarda marcha por lanços, como a vanguarda, parando nos pontos favoráveis à observação para trás; e deslocando-se rapidamente de um a outro ponto de observação.

• 260.. A ligação entre a retaguarda e o grosso, assim como entre seus escalões, realiza-se de trás para a frente, empregando, quando preciso, grupos de balizadores.

Retaguarda em marcha retrógrada

261. Na marcha retrógrada, a retaguarda tem por missão permitir ao grosso evitar o combate. Sua força, composição e, se a distância do inimigo o facultar, também a sua articulação, são semelhantes as da vanguarda na marcha para a frente.

Entretanto, como a retaguarda não deve contar com o apoio do grosso da coluna, é geralmente conveniente constituir-lhe fortemente, dando-lhe canhões anti-carros, meios mecanizados ou blindados, artilharia e engenharia.

* 262. O escalão de combate marcha por lanços, mais ou menos grandes, conforme o terreno e a velocidade de escoamento do grosso. Articula-se largamente, de maneira a poder descobrir e impedir qualquer tentativa de desbordamento,

Ocupa, em cada lance, pontos (cobertas, orlas, povoações, etc.) que lhe permitam oferecer resistência ao inimigo, mascarando sempre seus movimentos e preparando o retraimento para o momento oportuno.

263. Quando o inimigo se apresenta, a retaguarda retarda-lhe a progressão, executando tiros a grandes distâncias com artilharia, metralhadoras, etc.

Emprega, nessas ações sucessivas, os mesmos princípios anunciados na 3ª Parte deste manual (Movimentos retrógrados).

O escalão de reconhecimento esforça-se para obrigar o inimigo a se revelar. No momento de retrair-se, utiliza os caminhos favoráveis, evitando dificultar os tiros do escalão de combate.

264. Em princípio, o esforço principal de uma retaguarda deve ser no sentido de retardar a aproximação do inimigo, por todos os meios possíveis; para isso, além dos fogos de todas as armas disponíveis, e de contra ataques de inquietação, emprega ainda emboscadas, barricadas, destruições e outros meios semelhantes.

265. Quando o inimigo, for constituído principalmente de infantaria, a retaguarda deve fixar as testas de suas colunas e agir audaciosamente contra os seus flancos. As forças empenhadas no ataque aos flancos devem ter um efetivo suficiente para simular uma ação de certa envergadura; de outro modo, o inimigo poderia fazer face a esse ataque com pequenos destacamentos, continuando a sua perseguição.

266; Quando o inimigo for inteiramente constituído por tropas de grande mobilidade, será geralmente aconselhável que a retaguarda mantenha-se concentrada, empregando apenas patrulhas para os reconhecimentos necessários. Este processo permite, caso o inimigo procure, como é regra, atacar pelos flancos, o desencadeamento de fogos de surpresa combinados com contra-ataques.

267. .Algumas vezes, o inimigo poderá ser seriamente

retardado pelo emprego de emboscadas e ataques inopinados, a cargo de elementos blindados ou a cavalo, contra as testas das colunas em perseguição.

268: A conduta dos elementos a cavalo e motomecanizados numa missão de retaguarda, é análoga à descrita para a defensiva e ação retardadora, na 3ª Parte deste manual.

Não devem, em absoluto deixar nas mãos do inimigo material de guerra que lhe possa ser proveitoso; se não podem transportá-lo, inutilizam-no. Se as circunstâncias o exigirem, não hesitarão em sacrificar-se, para salvação do grosso da coluna.

Flancoguarda

269. A segurança dos flancos de uma unidade de cavalaria é realizada, conforme a importância da unidade e a situação, por flanqueadores, patrulhas de flanco e flancoguardas, móveis ou fixas.

270. Os elementos a cavalo são particularmente apropriados para as missões de flancoguardas de tropas a pé ou a cavalo; os motomecanizados devem ser empregados em caso de unidades motomecanizadas agindo isoladamente. É muito vantajoso às unidades a cavalo nesta missão disporem de alguns elementos mecanizados para lhes trazerem informes de mais longe, apoiarem-nas com seu armamento anti-carro e servirem de ligação com os grossos.

271. Os flanqueadores progridem ligados pela vista com o elemento que os destacou, vasculham o terreno e regulam seus movimentos de modo que aquele elemento não seja surpreendido por fogos de armas automáticas.

272. Quando a importância da unidade o comporta, a proteção dos flancos é assegurada por patrulhas, que operam à maior distância que os flanqueadores, marchando, em princípio, paralelamente a ela.

Sempre que a mobilidade da unidade é limitada pelo terreno ou pela natureza dos elementos que entram em sua composição, a proteção é assegurada a uma distância

correspondente ao tiro eficaz da artilharia de campanha do adversário; esta missão é confiada á pelotões a cavalo ou a elementos mecanizados ou blindados que, além dos informes, podem fornecer fogo eficaz. Tais elementos subdividem-se em patrulhas sucessivas que progridem pelo itinerário fixado pelo comando; a primeira destas patrulhas adianta-se sempre em relação ao dispositivo e marcha na altura das patrulhas do escalão de reconhecimento da vanguarda.

273. Para calcular a distância em que as patrulhas de flanco devem operar, é indispensável levar em conta a demora da transmissão, para que o informe seja recebido em tempo útil.

274. Quando se trata de uma tropa de fraco efetivo, a segurança dos flancos é realizada a uma distância correspondente ao fogo das armas portáteis. Esta proteção pode ser efetivada, enviando sobre os flancos, em cada lanço, uma patrulha que se reúne no lanço seguinte.

- 275. Finalmente, se o terreno não permite a progressão das patrulhas por itinerários sensivelmente paralelos ao eixo de marcha da tropa, a proteção dos flancos é assegurada por meio de sondagens lançadas à distância conveniente.

276. Sendo de receber elementos inimigos de certa importância, sobre o flanco, a unidade cobre-se por destacamentos de composição e forças variáveis. Tais destacamentos conforme a maneira de atuar, denominam-se flancoguarda móvel ou flancoguarda fixa.

277. As flancoguardas móveis, operam segundo os princípios marcados no número precedente para a marcha das patrulhas de flanco; devem ser capazes de oferecer uma certa resistência nos seus pontos de estacionamento sucessivos.

278. As flancoguardas fixas, que operam geralmente em proveito de unidades importantes (divisão de cavalaria), odúpam em tempo oportuno as passagens que dão acesso para a zona de marcha e criam, eventualmente, obstáculos.

Elas próprias se esclarecem por patrulhas nas direções perigosas. Se o inimigo ataca, precutam repeli-lo; em caso de inferioridade, manobram para retardá-lo. Reunem-se & unidade, logo que tenham terminado a missão.

279. Uma grande unidade reforça normalmente suas fiancoguardas, fixas ou móveis, sobre o lado ameaçado, com elementos mecanizados ou blindados que aumentam o alcance de suas investigações e lhes prestam, em caso de combate, apoio de fogo.

Especialmente as estradas que dão acesso à zona de marcha e podem ser utilizadas por engenhos blindados inimigos são barradas; além disso tomam-se medida para deter e destruir tais engenhos, quando possível.

C — Segurança em estacionamento

280. A segurança em estacionamento repousa particularmente no dispositivo que regula o escalonamento da tropa estacionada, na ação dos destacamentos de segurança denominados postos avançados, e em reconhecimentos lançados à longa distância.

A ação dos postos avançados é completada pelas medidas de defesa tomadas em cada estacionamento.

281. Quando a missão o permite, uma unidade de cavalaria tem geralmente conveniência em escolher, para estacionar, uma zona atrás de um acidente de terreno, sobre o qual possa estabelecer os postos avançados.

Postos Avançados

282. O papel dos postos avançados consiste em:

— proteger as tropas contra as surpresas de terra e dar-lhes o tempo necessário para tomar disposições de combate;

— informar o comando sobre preparativos de ataque e movimentos do inimigo na zona que lhes compete observar.

O comando fixa, na ordem de estacionamento, a missão dos postos avançados, sua zona de ação, a posição a ocupar, o apoio que a artilharia poderá dar e o procedimento em caso de ataque.

283. A missão e o modo de ação dos postos avançados variam contormê as possibilidades de ataque pelas ioiç„v, terrestres do inimigo, a situação da tropa a cobrir e o terreno.

— Longe do inimigo, os postos avançados se destinam a proteger o grosso contra empreendimentos de pequenos destacamentos, de cavalaria ou blindados.

— 7Perto do inimigo, quando o contato não foi ainda estreitamente estabelecido, os pontos avançados devem resistir em suas posições, a fim de dar ao grosso o tempo necessário para tomar as disposições de combate e ocupar uma posição de resistência escolhida peló'comando.

— Na proximidade imediata do inimigo, estando já o grosso das tropas sôbre a posição de resistência, os postos avançados são encarregados de alertá-lo, mantendo as posições durante um período mais ou menos demorado, segundo as ordens do comando.

Tomam, neste caso, o nome particular de postos avançados gerais.

284. A presença de um inimigo de grande mobilidade acentua a necessidade da segurança face a tôdas as direções. A possibilidade de ataques aéreos exige que tôdas as unidades empreguem seus meios de alerta e procurem proteger-se.

285. A natureza e a composição dos postos avançados variam com a sua missão.

286. O dispositivo dos postos avançados é articulado, visando a vigilância e o combate. Compreende:

- um escalão de vigilância; ..v.
- um escalão de resistência;
- uma reserva.

287. O escalão de vigilância tem a missão de assinalar a aproximação do inimigo e as ameaças de ataque.

Estabelece-se sôbre a linha de vigilância dos postos avançados e compreende postos, cuja ação é completada por patrulhas.

288. O escalão de resistência tem a missão de assegurar a defesa dos pontos de apoio dos postos avançados. Esses pontos de apoio são localizados em pontos importantes do terreno e que dominem o acesso à zona de estacionamento do grosso.

Sua força é proporcional à dos ataques possíveis e pode ser suprimido, quando os postos avançados recebem apenas uma missão de alerta.

289. A reserva, existente no caso de postos avançados importantes, tem por missão reforçar o escalão de resistência, contra-atacar ou, se os postos avançados tiverem missão retardadora, ocupar uma posição, donde possa cobrir o retraimento da tropa dos postos de apoio.

290. Quando há pontos importantes, que devem ser mantidos, além da zona de ação dos postos avançados, estabelecem-se aí postos especiais. O efeito e a composição desses postos podem variar entre largos limites, dependendo do terreno e da situação.

291. Em uma divisão de cavalaria, os postos avançados são, em princípio, divididos em quarteiros de regimentos; podendo ser designado, se a situação o exigir, um comandante dos postos avançados.

Um quarteiro subdivide-se em subquarteiros, atribuídos a esquadrões.

O sub-quarteiro engloba os elementos do escalão de vigilância e de resistência.

O esquadrão que o ocupa, fornece os postos e as patrulhas do escalão de vigilância e dispõe seu grosso para a defesa dos pontos de apoio nele enquadrados.

Os elementos do regimento, não repartidos entre os sub-quarteiros, constituem a reserva do quarteiro.

As vias de comunicações e os pontos importantes nunca são escolhidos para limites entre os quarteiros e sub-quarteiros.

292. Em todas as circunstâncias, impõe-se aos postos

Avançados a organização de observatórios com grandes campos de vista, para completar a ação do escalão de vigilância.

293. Durante o dia, poderão ser empregados elementos mecanizados ou blindados para o reconhecimento à frente e nos flancos dos postos avançados e para observar além dos elementos a cavalo.

294. De acôrdo com a situação, o comandante da divisão poderá colocar parte da artilharia em condições de apoiar os postos avançados. Em certos casos mesmo reforçá-lós com artilharia. Geralmente, entretanto, a artilharia permanece às ordens do comandante da divisão, que determina suas condições de desdobramento e o consumo de munição', cabendo aos comandante de quarteirões o cuidado de regular, pormenorizadamente, com os comandantes da artilharia, as condições de apoio a realizar, assim como as ligações necessárias.

295. A artilharia encarregada de apoiar os postos avançados estabelece-se em vigilância e prepara sua intervenção, que se produz sob a forma de tiros de interdição sôbre os caminhamentos utilizados pelo inimigo e tiros de deter sôbre os pontos importantes da frente.

296. O comandante da unidade de artilharia encarregada de apoiar os postos avançados, logo que recebe a missão, toma contato com o comandante do quarteirão que deve apoiar. Sendo possível, procura também entendimento com os comandantes de subquarteirões interessados.

Recebe dêsses comandantes as indicações das partes do terreno que escapão à ação dos fogos da defesa e particularmente dos caminhamentos que o inimigo pode utilizar e sôbre os quais há interêsse em superpor os fogos da artilharia aos das unidades em posição. Tais indicações permitem completar as previsões e regular o plano de fogos da artilharia.

Postos avançados longe do Inimigo

297. Longe do inimigo, os postos avançados limitam-se

a vigiar e preparar fogos sôbre as vias de comunicação vindas do lado inimigo, assim como ocupar certos pontos importantes, se houver necessidade. Seus elementos são estabelecidos de preferência ao longo de linhas naturais de defesa, em pontos de passagem obrigatória.

298. Na retaguarda, as tropas que, pela sua localização, se acham mais expostas, estabelecem, nas saídas de seus estacionamentos, barricadas que são ocupadas por pequenos elementos, organizando assim sua própria segurança.

Postos avançados perto do inimigo

299. Perto do inimigo, os postos avançados vigiam e mantém, em tôda a frente, a zona do terreno que lhes foi atribuída.

Ocupam para tal fim uma posição, comportando postos de vigilância, pontos de apoio e reserva, sôbre a qual deverão se manter tanto quanto o exigir a missão.

300. Na instalação dos postos avançados deve ser levado em consideração o seguinte:

— sendo a resistência geralmente de duração limitada, o valor do dispositivo depende menos do escalonamento em profundidade, do que da execução de uma cortina de fogos, sem lacuna, diante da linha de resistência, e das medidas empregadas para retardar a tomada de contato pelo inimigo, tais como a dissimulação dos órgãos de defesa e os tiros a grandes distâncias;

— devendo a instalação dos postos avançados realizar-se rapidamente, a organização do terreno é geralmente sumária: utilizam-se as cobertas e mascaras do terreno e emprega-se a camuflagem para não revelar à observação inimiga as disposições tomadas;

— a ligação entre as unidades vizinhas deve ser cuidadosamente assegurada; dois quarteirões vizinhos ligam-se, em princípio por meio de um pôsto comum sôbre a linha de resistência; os sub-quarteirões procedem da mesma forma, se o terreno o exige. •

• Em geral, dois sub-quarteirões vizinhos ligam-se por meio de um pôsto comum sôbre a zona de vigilância.

Postos avançados gerais

301. Na proximidade imediata do inimigo, os postos avançados constituem um elemento do dispositivo geral, organizado tendo em vista o combate defensivo, e tomam a denominação particular de postos avançados gerais.

302. A posição de resistência é, normalmente, coberta por uma posição de postos-avançados gerais. Esta deve, tanto quanto possível, mascarar a posição de resistência e abrigá-la das surpresas e dos fogos da infantaria e da artilharia adversárias. Deve ser apoiada, em certos pontos essenciais, por parte da artilharia instalada na posição de resistência, e suas saídas para a retaguarda devem ser facilmente batidas por fogos desta posição.

303. A organização da posição de postos avançados gerais depende essencialmente do papel que lhe foi determinado.

Seu dispositivo comporta, normalmente, os três escalões: de vigilância, de resistência e reservas.

304. O comandante da divisão fixa com precisão, na sua ordem de defesa, a conduta que deve ser mantida, tanto pelos postos avançados gerais, como pelas diferentes unidades da divisão.

Se os postos avançados têm por missão resistir a todo transe, as unidades do escalão de resistência são organizadas para combater, mesmo depois de cercadas.

„ 305. Se se trata sómente de informar, e de resistir durante um tempo limitado, prescrições particulares regulam as condições do recuo provável e especificam, os itinerários de retraimento, a fim de tomar exequível, o mais cedo possível o fogo dos escalões imediatos; Em todos os casos, a ordem de defesa deve conter disposições referentes aos cavalos e, eventualmente, aos outros meios de transporte das unidades dos postos avançados gerais.

306. Na execução de sua missão, as unidades regulam-se pelas prescrições da 3ª Parte dêste manual (combate defensivo).

Postos avançados de combate

307. Se os postos avançados gerais estiverem a considerável distância da posição da resistência, o terreno à frente desta posição deve ser temporariamente ocupado por postos avançados de combate, tirados de cada esquadrão da linha principal de resistência.

308. A missão dos postos avançados de combate é proporcionar segurança local, ganhar tempo em benefício da tropa ocupante da posição de resistência e iludir o inimigo quanto à localização da resistência principal.

309. Em regra é estabelecido um posto avançado de combate por esquadrão que esteja em contato com o inimigo.

Instalação dos postos avançados

310. No decorrer da marcha para a frente, os postos avançados são em geral fornecidos pelos elementos incumbidos da segurança (vanguarda e, eventualmente, flanco-guarda). Ao terminar a marcha o dispositivo da vanguarda transforma-se no de postos-avançados.

311. Quando a vanguarda é de fraco efetivo ou suas unidades se acham muito fatigadas, designam-se outros elementos do grosso para esta missão. Neste caso, as unidades escaladas para constituírem os postos avançados substituem os escalões da vanguarda, quando êstes atingem os pontos fixados na ordem de operações.

312. A colocação dos postos avançados tem lugar logo que as vanguardas atingem seus objetivos de fim de marcha.

313. Na marcha retrógrada, o comando pode determinar que os postos avançados sejam fornecidos pela retaguarda, ou que sejam constituídos com elementos tirados das

unidades do grosso; neste último caso, os postos são instalados sob a proteção da vanguarda e esta fica liberada, logo que a instalação dos mesmos esteja terminada.

314. A necessidade de executar marchas à noite, para escapar às investigações aéreas, acarretará muitas vezes a chegada da vanguarda, antes de clarear o dia, às proximidades da posição em que devem ser instalados os postos avançados.

Neste caso, a vanguarda se instala nos pontos atingidos, ocupando todas as vias de acesso que vão ter ao inimigo e toma um dispositivo que contém em germen e dos postos avançados, de modo a poder se transformar nos próprios postos avançados ao romper do dia ou, excepcionalmente, mesmo à noite, se a claridade o permitir.

315. Quando a proximidade do inimigo o exige, ocupam-se, mesmo à noite, os postos mais importantes do terreno.

316. O comandante da divisão, na sua ordem para a instalação dos postos avançados, deve especificar:

- a situação (informações sobre o inimigo e sobre as tropas amigas que operam à frente das linhas);
- a missão dos postos avançados;
- a sua composição;
- a linha geral que será mantida e os limites das frentes;
- as vias de acesso que devem ser particularmente guardadas;
- as ligações a serem feitas entre os quartelões e com os postos avançados das unidades vizinhas;
- os postos especiais a serem destacados e quem os destacará;
- as prescrições relativas à organização da observação e das transmissões;
- as condições de apoio de artilharia aos postos avançados e como se desencadeiam os tiros;
- a missão da aviação, se for o caso;

- a conduta dos postos avançados, em caso de ataque;
- as disposições a tomar pelo grosso da divisão em caso de alerta;
- os reconhecimentos especiais a executar;
- a senha prevista para o reconhecimento.

317. Os comandantes das unidades dos postos avançados fiscalizam a instalação dos elementos sob suas ordens e retificam as disposições tomadas, se julgarem conveniente.

Organizam o serviço no interior de suas unidades, de modo que:

- a vigilância seja permanentemente mantida;
- os fogos possam ser desencadeados nas condições previstas pelo plano de fogos;
- a fadiga motivada pelos serviços de vigilância e ronda seja igualmente repartida por meio de substituições;
- o funcionamento dos suprimentos e evacuações seja assegurado.

318. Em todos os escalões, os respectivos chefes são os responsáveis pelo serviço de suas unidades e se certificam da sua perfeita execução por meio de freqüentes inspeções. Determinam, quando julgarem necessário, exercícios de alerta.

É organizado um serviço de quarto em cada sub-quarteirão e reserva de sub-quarteirão.

Os oficiais e graduados de quarto fiscalizam o serviço, para que seja exercida uma severa vigilância, principalmente, ao romper do dia.

319. Quando termina a instalação dos postos avançados cada comandante envia ao chefe imediato um relatório de instalação, com um esboço, indicando, principalmente, o dispositivo de fogos organizado.

Diariamente, pela manhã, cada um daqueles comandantes envia, também, ao superior um relatório sumário sobre os acontecimentos da noite.

Postos avançados durante a noite

320. A noite, o dispositivo dos postos avançados pode ser modificado com o objetivo de:

- diminuir os riscos de surpresa dos elementos do escalão de vigilância;
- melhorar suas condições de observação;
- garantir o desencadeamento rápido dos tiros preparados para o caso de alerta e, principalmente, os de barragem diante dos pontos de apoio.

Para esse fim:

- os postos mais afastados são aproximados;
- durante toda a noite, ou em parte dela, destacam-se patrulhas que se instalam além dos postos de vigilância, nos principais caminhamentos utilizáveis pelo inimigo, e que funcionam como postos de escuta, prontos para desencadear tiros preparados sobre esses caminhamentos;
- tomam-se disposições no sentido de verificar e completar ordens para a transmissão do alerta e a execução do plano de fogos.

lievntamento dos postos avançados

321. Na ocasião de retomar a marcha para a frente, as unidades que fizeram o serviço dos postos avançados, não são normalmente designadas para constituírem a vanguarda.

Essas unidades ficam, em regra, na posição; até que os primeiros elementos da vanguarda tenham atravessado a linha de vigilância.

r Desembaraçam, em tempo oportuno, as vias de comunicação, dos Obstáculos que porventura nelas tenham construído.

Depois de terem sido ultrapassados, reúnem-se e tomam, no dispositivo, o lugar que lhes foi designado.

Particularidades relativas aos postos avançados, em terreno cortado e coberto

322. Em terreno cortado e coberto, é muitas vêzes impossível às tropas dos postos avançados assegurarem uma vigilância sem falhas e estabelecerem uma cortina de fogos continua, em tôda a frente ocupada.

As ravinas, os obstáculos e as cobertas criam ângulos mortos que limitam as vistas e não permitem aproveitar completamente o alcance útil das armas.

O inimigo poderá encontrar, então, condições favoráveis para infiltrar-se até uma pequena distância das frações dos postos avançados e surpreendê-las.

Em compensação, o dispositivo dêesses postos escapa mais facilmente às investigações aéreas e terrestres e a progressão de forças inimigas de certa importância será mais lenta, devido às dificuldades do próprio terreno.

323. Em tais circunstâncias, é necessário:

- completar a vigilância fixa. dos postos por uma vigilância movei muito ativa;

- aproximar a linha de vigilância da linha de resistência;

- compensar a insuficiência de fogos diante da linha de resistência por uma profundidade maior do dispositivo do escalão de resistência.

324. O papel das patrulhas assume particular relevância: em maior número e muito ativas, deym vigiar, de preferência, as partes da frente menos guarnecidas; algumas preparam emboscadas.

* 325. As unidades dos sub-quarteirões colocam-se de modo a interditar os corredores mais favoráveis à progressão do inimigo. São bem supridas de munição e meios de transmissão, bem como viveres, a fim de se manterem nas posições, mesmo depois de cercadas.

326. As reservas dos quarteirões são repartidas, de

forma a constituírem, com os elementos dos sub-quarteirões, um dispositivo em quincôncio irregular. Tal medida tem em vista opor ao adversário uma zona de resistência difícil de romper, e barrar-lhe os caminhamentos que lhe permitiriam contornar as unidades em primeiro escalão.

327. A ação da artilharia e dos morteiros é regulada, de modo a bater as partes do terreno que escapam às trajetórias tensas, assim como os intervalos entre as unidades dos sub-quarteirões que ocupam a linha de resistência.

328. O bom funcionamento das transmissões deve ser, em todos os escalões, objeto de atenção constante.

Particularidades relativas aos postos avançados estabelecidos em grandes frentes

329. As circunstâncias obrigam muitas vezes a estabelecer postos avançados em frentes bastante extensas em relação aos efetivos.

Essa situação pode apresentar-se sempre que fôr necessário realizar, a cobertura de tropas que ainda não terminaram a reunião de seus meios.

330. O fim a atingir é ainda deter o inimigo em qualquer ponto em que se apresenta, pelo menos, retardá-lo, abrindo fogo de maneira a atingi-lo o mais longe possível.

— o escalão de vigilância reduz-se aos postos estritamente necessários para ocupar os pontos vitais das comunicações (estradas, pontes, desfiladeiros, váus, etc.). A vigilância é reforçada, tanto de dia como de noite, por um serviço de patrulhas particularmente ativas.

— o escalão de resistência é organizado, de modo a manter os pontos principais da linha de resistência, tirando o maior rendimento das possibilidades do armamento, para interditar os intervalos, algumas vezes grandes, que separam as unidades; a camuflagem dos órgãos de defesa merece um cuidado especial;

— as reservas de quarteirão reduzem-se a pequenos efetivos e são localizadas tendo em vista uma rápida intervenção.

331. O valor do dispositivo depende principalmente da potência dos meios de fogo empregados, da boa organização da observação, da rapidez das transmissões e da grande mobilidade dos elementos em reserva.

Medidas de segurança nas zonas de estacionamento

332. A segurança no interior das zonas de estacionamento é obtida pela adoção de medidas ativas e passivas.

Uma guarda interna deve ser estabelecida para defender materiais valiosos, dar alerta de ataque aéreo, aeroterrestre, terrestre ou de gases, e para fazer cumprir as disposições adotadas sobre o tráfego, policiamento e camuflagem.

Armas anticarro e antiaéreas são colocadas em posição.

Uma força muito móvel e de grande potência de fogo deve ser escalada para prover a segurança contra tropas aeroterrestres.

Pontos de reunião são designados pelo comando para o caso de alerta.

D — Defesa anticarro

333. O terreno e a rede de estradas influem no emprego das forças mecanizadas ou blindadas.

O estudo da carta, completado por meio de conhecimentos aéreos e terrestres, indicará as regiões que poderão facilitar, ou impedir, as operações de tais forças.

Um eficiente aproveitamento dos obstáculos naturais, (convenientemente reforçados e protegidos, constitui a melhor defesa anticarro.

334. Se o terreno for muito acidentado, pantanoso, boscoso, pedregoso, montanhoso, cortado por cursos d'água importantes, canais, valas ou ribeirões, as unidades mecanizadas ou blindadas não se poderão deslocar eficientemente. Qualquer curso d'água, com mais de 1,15m de profundidade

constitue obstáculo intransponível para as unidades blindadas que não disponham de pontes ou portadas. Entretanto, não se deve confiar unicamente no terreno, pois poucas regiões poderão ser consideradas completamente à prova de carro de combate.

335. A segurança anticarro exige uma eficiente organização da vigilância (busca de informes e sistema de transmissões), visando assegurar informes oportunos e contínuos sobre a presença e a ação das forças móveis do inimigo.

336. Todos os órgãos de reconhecimento e observação, tanto terrestres como aéreos, devem informar imediatamente, ao comando mais próximo, de qualquer ameaça por parte de forças mecanizadas ou blindadas.

337. Além das medidas de segurança adotadas por uma tropa em conjunto, as unidades subordinadas realizam o reconhecimento local, com o fim de evitar ataques de surpresa.

338. O estabelecimento de um serviço de alerta eficiente deve ser uma preocupação primordial. Todos os órgãos de observação e reconhecimento, terrestres e aéreos, a cavalo ou mecanizados, são coordenados para esse fim. Devem informar imediatamente as unidades para as quais trabalham os escalões superiores e as unidades vizinhas sobre a ameaça de forças blindadas inimigas. Devidamente alertadas, essas unidades estarão em condições de promover sua defesa.

339. A fim de que o alerta seja dado a tempo, tomam-se providências para que os blindados inimigos sejam assinalados o mais longe possível, para que sua organização e seu efetivo sejam determinados e, se eles estiverem se deslocando, a direção e a velocidade de marcha. Estes informes devem ser obtidos, transmitidos e difundidos a tempo de permitir que sejam tomadas medidas de defesa, antes que a unidade inimiga possa aproximar-se e atacar.

340. A aviação de reconhecimento é um meio seguro e eficiente de se obter informes sobre forças blindadas devido à dificuldade que têm estes elementos de se furtarem à investigação aérea.

341. O reconhecimento aéreo deve ser completado pelo reconhecimento terrestre, levado a efeito em viaturas rápidas, equipadas com rádio.

342. Em território amigo, a rede telefônica e telegráfica comercial, bem como as estações de rádio, podem ser utilizadas para difundirem informações.

343. A rádio-goniometria e a escuta auxiliam grandemente na localização das unidades blindadas inimigas.

344. É indispensável que haja um sistema de sinais ou quaisquer outros meios de dar o alerta sobre a aproximação dos elementos blindados inimigos; para isto poderão ser utilizados os mesmos meios que para o caso de ataques aéreos.

345. Os meios de proteção contra os ataques de forças blindadas compreendem meios ativos e meios passivos.

346. Os meios ativos incluem canhões anticarros, artilharia, aviação de combate, meios químicos e armamento individual. Os meios passivos compreendem reconhecimento, camuflagens, abrigos, obstáculos naturais e artificiais, edifícios, destruições, minas anticarro e posições organizadas. Normalmente, os meios ativos e passivos são empregados em combinação.

347. A defesa anticarro deve ser organizada sob dois aspectos: proteção imediata da unidade e proteção da tropa em conjunto. A primeira constitui a missão das armas anticarro orgânicas da unidade e a segunda constitui a tarefa das unidades postas à disposição do comando superior.

348. - A coordenação dos meios de proteção é privativa do comando. Os comandantes subordinados recebem missões, especificando as condições de tempo, local, finalidade e cooperação com outras unidades, ficando, porém, a seu critério, as minúcias de execução,

349. A defesa contra blindados deve ser organizada em profundidade.

350. O canhão anticarro é o mais eficiente meio de defesa. O princípio de emprego dos canhões consiste em insta-

0 -lar uma parte deles de modo a batei os obstáculos e as vias de acesso dos blindados, constituindo..assim um primeiro es-calão da defesa. O restante das armas é considerado como reserva movei que será empregada de acôrd com os infor-riies que sejam recebidos: os canhões' em reserva são então deslocados rãpidamente pára locais já reconhecidos e dis-postos em profundidade, afim.de permitir o reforço oportu-no das zonas ameaçadas.

351. Os canhões destinados;exclusivamente ao emprêgo anticarro são conservados ocultos, até que seu objetivo particular apareça. A proteção imediata desses canhões deve ser 'assegurada pôr outras tropas.'

, 352. Armas não especializadas são também empregadas contra blindados. O fogo das armas portáteis tem efeito limitado e prejudica pincipalmente a observação inimiga. As granadas são efecientes contra determinados carros.

353. Tôda a artilharia de apoio deve estar preparada para auxiliar a defesa contra blindados. Tanto ria ofensiva, como na defensiva, deve haver uma previsão de artilharia sôpre tôdas as zonas, que favoreçam a reunião e a manobra, de unidades blindadas, particularinente sôbre, as,, faixas do terreno que conduzem a tais zonas.

354. O canhão anticarro é, sem dúvida, a arma mais eficaz, mas, na iminência de um forte ataque blindado, a artilharia leve pode ser deslocada para posições, de onde tenha possibilidades de bater os carros com tiro direto.

355. As armas da artilharia ,antiaérea ,prestm-se para a defesa anticarro, devendo, entretanto, ser empregadas com: munição capaz de perfurar blindagens.

356. Os agentes químicos podem' ser usados para interditar possíveis zonas de reunião de unidades blindadas, para causar-lhe baixas quando em movimento, e para tomar difícil a remoção de obstáculos e a reparação de destruições.

. 357. As minas são um meio eficaz; as anticarro podem ser colocadas na superfície ou enterradas, mas sempre camu-fiadas e dispostas em forma irregular.

Os campos minados são instalados não só à frente da zona a ser defendida como também no seu interior.

358. As minas são úteis para o rápido bloqueio das vias de acesso favoráveis ao inimigo; sua localização deve ser coordenada com obstáculos naturais ou artificiais e com o fogo dos canhões anti carro e de outras armas.

O emprego de minas anti pessoal, dispostas entre minas anti carro, concorre para dificultar a remoção destas ultimas por pessoal não especializado.

359. Entre os obstáculos naturais contra ataques blindados incluem-se edificações e muros, cursos d'agua, lagoas, pântanos terreno montanhoso, troncos, solo rochoso e bosques densos. Entretanto, não se deve confiar demasiadamente na eficiência de qualquer desses obstáculos.

360. Os obstáculos artificiais compreendem campos minados, fossos anticarro, barricadas, destruições. (Para mais detalhes ver o manual C-5-30). A localização desses obstáculos deve ser coordenada com os obstáculos naturais. É necessário batê-los com o fogo, afim de impedir que o inimigo os remova, o que pode ser também conseguido pela contaminação da região por agentes químicos persistentes.

361. As redes extensíveis, úteis particularmente contra viaturas de rodas, as valas profundas e cavadas de maneira apropriada, os dormentes de estrada de ferro e os trilhos quando dispostos convenientemente, bem como árvores abatidas, troncos pesados, grandes pedras, caminhos ou outras viaturas colocadas em pontos críticos das estradas, constituem também obstáculos artificiais eficientes contra blindados;

362. A segurança contra elementos blindados exige que o comando determine medidas de proteção face a todas as direções (inclusive da retaguarda) e que coordene as medidas tomadas neste sentido pelos seus subordinados.

Prescrições particulares para as unidades de cavalaria

363. As principais medidas de proteção empregadas pela

cavalaria contra ataques blindados estão incluídas nas prescrições anteriores, havendo, entretanto, algumas normas particulares à arma.

364. Se bem que as unidades de cavalaria, a partir do regimento, inclusive, possuam armamento anticarro orgânico para sua proteção, as grandes unidades, quando no cumprimento de missões que podem resultar no encontro com torças blindadas ipiporcentes, devem ser reforçadas por unidades anticarro.

365. Os elementos a cavalo empregam a dispersão e se aproveitam da escuridão e das condições atmosféricas como medidas complementares de proteção contra ataques blindados, sempre que a situação e a missão o permitirem.

366. Desde que não seja necessário para o cumprimento de sua missão, as unidades a cavalo procuram furtar-se ao encontro com unidades blindadas, dispersando-se e explorando sua mobilidade em qualquer terreno, de modo a tirar partido das dificuldades que este possa oferecer aos blindados.

367. Em caso de ataque por elementos blindados, as unidades a cavalo dispersam-se e exploram ao máximo as características do terreno e de seu armamento anticarro, para se defenderem. A cavalaria a pé, diante de um ataque desta natureza, deve procurar manter suas posições, empregando seu armamento anticarro até o fim, de outro modo poderá ser cercada e destruída.

368. As pequenas unidades a cavalo, ao se chocarem com elementos blindados, isolados ou em pequenos grupos, dispersam-se prontamente e atacam pelo fogo. Alguns elementos agem contra os flancos do inimigo, outros contra a frente e ainda outros contra a sua retaguarda, para eortar-lhe a retirada e capturá-lo ou destruí-lo.

369. As unidades devem ser instruídas sobre a maneira de escolher posições, dispondo de obstáculos e cobertas, próprias à defesa contra elementos blindados. Todos os homens, e especialmente os que forem armados com armas anticarro,

devem conhecer a fundo as possibilidades de emprego de seu armamento contra tais elementos.

370. Todos os homens serão instruídos quanto às partes vulneráveis das viaturas blindadas inimigas. As torres, janelas, lagartas e o mecanismo de suspensão constituem os pontos fracos da maioria dos blindados. Além disso, todos devem estar em condições de identificar perfeitamente as viaturas amigas e inimigas.

371. Deve-se inculcar no espírito da tropa, confiança na potência e nas possibilidades das armas e meios disponíveis para o combate contra os blindados Inimigos.

372. A cavalaria em marcha emprega seu armamento orgânico anticarro para proteger-se contra ataques de forças blindadas, de conformidade com as suas características particulares.

373. Os elementos a cavalo e os motorizados, nas unidades até o regimento, inclusive, asseguram sua proteção escalonando os lança-rojão, as metralhadoras e os canhões ao longo da coluna.

374. As unidades a cavalo, reforçadas com canhões anticarro podem utilizar uma parte de seus canhões para reforçar o armamento anticarro das pequenas unidades, especialmente das que se deslocarem na testa e na cauda das colunas. A maioria dos canhões anticarro deve ser mantida como reserva movei, sob o controle do comando da divisão*

375. Quando, devido ao terreno e às rêdes dè estradas, as vias de acesso dos carros inimigos são limitadas, as colunas em marcha protegem-se, dispondo seus canhões de maneira a poderem agir contra as prováveis vias de acesso. As armas anticarro cumprem suas missões deslocando-se por lanços sucessivos, de uma posição a outra, à medida que a coluna progride.

376. Os elementos mecanizados dispõem de armas anticarro em tôdas as suas viaturas e são, por isso, capazes de prover a sua própria segurança.

377. Quando uma unidades de cavalaria faz alto, seja para repouso, seja durante uma pausa do combate, explora todas as vantagens do terreno e dos obstáculos naturais e artificiais. As armas capazes de agir contra blindados ficam escalonadas ao longo da coluna; uma pequena parte dos canhões é colocada em condições de bater as prováveis vias de acesso dos blindados inimigos e o restante é mantido em reserva movei, com as posições das peças preparadas e os itinerários até as mesmas já reconhecidos.

378. A posição de um canhão antiearro, de modo geral, deve proporcionar segurança em tôdas as direções, ser suficiente larga e funda, ter bons campos de tiro, itinerários de aproximação cobertos e deve assegurar a proteção contra ataques diretos.

379. A defesa antiearro deve ser profunda e flexível. Às armas são empregadas em quantidade suficiente e só devem atirar a partir de seus alcances úteis.

E — Defesa antiaérea

380. Tôda a unidade deve considerar a possibilidade de ataques e reconhecimentos aéreos por parte do inimigo e, em consequência, adotar as medidas de proteção apropriadas.

381. As medidas de proteção contra ataques aéreos compreendem: a vigilância, a camuflagem, a dispersão e o fogo antiaéreo.

382. A primeira providência a tomar, com relação à segurança antiaérea, é a organização de um efeciente sistema de vigilância do ar.

383. O alerta da aproximação de aviões inimigos é dado pela aviação amiga, pelos reconhecimentos afastados e aproximados, e pelos destacamentos de segurança. Além disso, em tôdas as unidades são designados vigias do ar.

384. A partir do pelotão (inclusive) deve ser organizado um sistema de alerta, constituído por êstes homens especializados na observação do céu e equipados corp apitos e

binóculos. Quando o terreno o permitir, êsses vigias devem se deslocar a uma distância tal, da testa, da retaguarda ou dos flancos da coivada, que seja possível desta ouvir-se os sinais de alerta.

385. Quando uma unidade de cavalaria estiver operando em ligação com forças aéreas, é combinado um sistema de sinais que serão utilizados pelos aviões quando tiverem de alerta a tropa.

386. São os seguintes os processos empregados para assinalar um ataque aéreo inimigo: os aviões amigos dão o alerta por meio de movimentos distintos, previamente combinados; todos os destacamentos de segurança e elementos de reconhecimento transmitem o alerta; aos rádio operadores é permitido entrar na frequência de uma rede, a qualquer momento, para darem esse alerta; as viaturas que se acharem próximo à tropa, bem como os vigias do ar e todo combatente que primeiro avistar os aviões inimigos transmitem o alerta pelos processos estabelecidos.

387. Ao perceberem o sinal de alerta, as tropas estacionadas procuram a cobertura ou abrigo mais próximo e permanecem imóveis. As tropas a pé, em marcha nas estradas, dispersam-se e procuram abrigar-se; quando houver premência de tempo, abandonam a estrada e continuam a marcha. Os elementos a cavalo dispersam-se e utilizam todas as coberturas e abrigos disponíveis.

388. A presença e a posição das tropas são denunciadas a um observador aéreo pelo movimento, pela formação ou pelo contorno regular, pelos reflexos de luz, pela poeira, pela fumaça e ainda pelas pistas e organizações do terreno construídas anteriormente.

389. As sombras produzidas pela intercepção dos raios solares, nas primeiras horas da manhã e ao cair da noite, facilitam a dissimulação. A neblina ou a cerração podem

constituir uma eficaz proteção contra a observação aérea. Os bosques e povoados faciilitam à camuflagem.

390. A aviação inimiga de combate age de surpresa, geralmente guiada pelas informações dadas por seus próprios aviões de reconhecimento. O aproveitamento de abrigos e cobertas e a dispersão, dificultam o reconhecimento visual e fotográfico do inimigo; consequentemente, constituem a melhor segurança contra os ataques aéreos.

391. A segurança de uma coluna depende inicialmente da eficiência da camuflagem no seu último estacionamento. Durante o movimento, os períodos, críticos no que diz respeito a essa segurança são : a formação da coluna, a passagem de desfiladeiros, pontes ou cruzamentos de estradas e as paradas nas posições de reunião.

392. Quando houver ameaça de ataque aéreo, e desde que a situação e a missão, o permitam, todos os deslocamento, das unidades de cavalaria deverão ser feitos sob a proteção da noite. Quando tiverem de se deslocar durante o dia e ataques aéreos forem possíveis, as unidades de cavalaria empregam formações irregulares e dispersas, e aproveitam todos os abrigos e cobertas existentes.

393. As unidades de cavalaria, lio estacionamento, procuram furtar-se à observação aérea, dispersando-se em pequenos grupos irregulares, aproveitando-se das sombras das árvores Copadas e empregando ao máximo a camuflagem.

394. Nas paradas durante 'qs marchas, as unidades adotam formações dispersas e aproveitam as sombras naturais, e Os terrenos matosos ou dobrados, paia se ocultarem ás vistas aéreas.

,, 395. No combate, as reservas* os cavalos de mão e as viaturas devem ser objeto de medidas de proteção anti-aérea idênticas às que são tomadas nos estacionamentos.

, 396. Tôdas as unidades de cavalaria devem ter um sistema convencionado para se dispersarem, na eventualidade

de um ataque aéreo. Uma segurança antiaérea eficiente resulta de um procedimento padrão e de uma instrução intensiva.

397. Durante a noite, se uma tropa é iluminada por ação da aviação inimiga, deve se deter e permanecer imóvel.

398. Todas as unidades de cavalaria devem assegurar sua proteção imediata contra aviões em vôo baixo, pelo emprego de suas próprias armas. Os elementos que tiverem esta missão devem estar permanentemente preparados para a ação imediata.

399. Desde que não haja proibição por parte do escalão superior, as armas orgânicas das unidades de cavalaria são empregadas contra os aviões inimigos, sob a direção dos comandantes de esquadrão, ou de frações menores, quando estiverem agindo isoladas.

400. Se as condições o permitirem, os elementos a cavalo, ou em viaturas, apeiam ou desembarcam, para entrar em ação contra os aviões inimigos, metade, pelo menos, dos fuzileiros da unidade. A rapidez exigida em tais momentos, raramente admite o emprego das metralhadoras transportadas nos cargueiros. Entretanto, quando a missão o permite e se dispõe de tempo, essas metralhadoras também são empregadas.

401. Os elementos mecanizados e motorizados, dispondo de armas apropriadas e montadas nas próprias viaturas, mantêm-nas prontas para abrirem fogo, a qualquer momento, contra aviões inimigos em vôo baixo. Qualquer destas viaturas que estiver nas proximidades de uma coluna a cavalo, emprega suas armas para auxiliá-la, no caso de um ataque aéreo.

402. Qualquer elemento de cavalaria, quando a pé, em posição, em fôrma ou estacionado, desde que esteja iminente um ataque aéreo, coloca suas armas em posição, prontas para abrirem o fogo.

403. Nenhum avião será hostilizado antes de ter sido claramente reconhecido como inimigo.

J* – Defesa contra gases

404. Todo chefe é responsável pela adoção de medidas destinadas a prover a segurança de sua tropa contra agentes químicos.

■ 405. As medidas de segurança contra o ataque de agentes químicos compreendem: um sistema de vigilância adequado, o uso de equipamento de proteção individual e coletivo, medidas para a rápida descontaminação dos indivíduos, equipamentos e suprimentos e, finalmente, medidas táticas que diminuam os efeitos desses agentes químicos.

406. O sistema de vigilância Compreende: reconhecimento para localizar e balizar as zonas contaminadas, sentinelas contra ataques de agente químicos e um sistema de alerta para prevenir a tropa, quando um ataque fôr iniciado ou estiver iminente.

407. O equipamento individual consiste principalmente na máscara e na vestimenta protetora.

408. O equipamento coletivo compreende abrigos à prova de gás ou coberturas de proteção para os suprimentos, equipamento e material de descontaminação.

409. Às medidas táticas consistem em dar um dispositivo à tropa que tire maior proveito do terreno desfavorável para a concentração de agentes químicos e em evitar, ou evacuar, na medida do possível, as zonas contaminadas. Posições de fuga para as unidades e armas de apoio são escolhidas antecipadamente.

CAPITULO 3

A CAVALARIA NA BATALHA

ARTIGO I

Generalidade*

410. Iniciada a batalha, as grandes unidades de cavalaria que não tenham sido empregadas em missões de reconhecimento ou de segurança nas alas do dispositivo, ou que não tenham recebido missão de conservar momentâneamente uma parte da frente, são enviadas para a retaguarda e constituem reservas, particularmente móveis, à disposição do comando.

411. Quando a cavalaria tem missão de conservar, momentâneamente, uma parte da frente ou substituir tropas espenhadas, recebe instruções da autoridade a que está subordinada, e as executa empregando os processos normais do combate ou de substituição.

412. Quando a cavalaria é levada para a retaguarda, recebe do comando uma zona de estacionamento, onde pode, em segurança, recompletar e reorganizar suas unidades. Deve ser mantida, tanto quanto possível na posse de todos os seus elementos orgânicos em particular de sua artilharia.

413. Desde que o comando considere provável a sua intervenção, aproxima-a da frente e dá-lhe, no dispositivo de conjunto, um lugar determinado, de acôrdo com o plano de manobra, com as facilidades de comunicações e com os recursos que oferece a região do ponto de vista do estacionamento (cobertas, etc.).

414. A cavalaria adota, então, um dispositivo que corresponde às condições de seu emprêgo eventual. Geralmente, articula-se em profundidade e em largura: se se trata da divisão, os regimentos e a artilharia a cavalo em primeiro escalão, orientados nas direções mais prováveis de emprêgo; o regimento e o grupo motorizados em segundo escalão, em uma zona cuja rede de estradas facilite a sua intervenção; o regimento mecanizado pode contribuir para a busca de informes e para a segurança dos flancos.

O batalhão de engenharia destaca uma parte de seus elementos para as vanguardas; os elementos restantes seguem com o grosso, no lugar que lhe for determinado.

415. Tomam-se tôdas as providências para subtrair as unidades à ação da artilharia inimiga e para dissimulá-las às investigações de sua aviação. Os cavalos só serão mantidos encilhados na perspectiva de uma intervenção imediata.

416. O comandante da cavalaria, deve conservar-se pronto para passar sem demora à execução da missão provável. Para isso, estabelece, com o comando de que depende, ligações pessoais frequentes: analisa as diferentes hipóteses em que poderá intervir e estuda as condições de ação. (terreno, provável de intervenção, caminhamentos etc.). Orienta nesse sentido os comandantes das unidades subordinadas e faz proceder aos reconhecimentos e preparativos necessários. Tratando-se da divisão, o general destaca permanentemente, no posto de Comando do exército, em, cuja zona estaciona a divisão, um oficial de seu estado-maior encarregado de: conservá-lo ao corrente do desenvolvimento da batalha e de fornecer-lhe tôdas as informações que possam interessar sua intervenção eventual. Nas mesmas condições, destaca para junto dos generais que comandam as divisões, em cujas zonas possa ser chamados a atuar*. Põe-se em contato com os comandantes dos grupamentos de artilharia suscetíveis de apoiá-lo em dado momento. Faz organizar as transmissões necessárias.

417. . A intervenção da divisão de cavalaria na batalha apresenta-se sob a forma: ' "

- de ações ofensivas;
- ou de ações defensivas.

ARTIGO H

Ações ofensivas - ^

418. A divisão só pode ser empenhada em uma ação ofensiva, quando dispõe do espaço necessário para desenvolver todos os seus meios. .

419. Ei geralmente, nas alas do dispositivo inimigo' quie acha campo mais favorável à sua ação; entretanto, pode também ser chamada a atuar no centro de um dispositivo, quando se houver conseguido uma ruptura suficientemente larga e profunda, ou quando o inimigo, para escapar à destruição, tenta bater em retirada.

420. Ein ámbos os casos, a ação ofensiva da divisão visa completar o bom êxito tático já obtido: !•"

— ameaçando os flancos e a retaguarda do inimigo, para impedir ou, pelo menos, perturbar sua retirada;

— atacando os reforços que o inimigo procure lançar à batalha;

.... conquistando ou ocupando posições que interessam, p dpsevolvimento ulterior da manobra; . j,'

— : alcançando os órgãos vitais das retaguardas inimigas (comunicações, transmissões, etc.) e operando eventualmente sua, destruição. ,

A — Ação na ala de um dispositivo

421. O comandante da divisão recebe do chefe, a cujas ordens se acha, indicações que lhe fazem conhecer:

- a situação geral (informações sobre o inimigo, o terreno' etc.);
- as intenções do comando;

— a zona de ação e a direção de ataque da divisão que opera na ala do exército.

Recebe também instruções que lhe fixam:

- a missão da divisão e seus objetivos;
- os meios suplementares postos à sua disposição;
- o apoio que deverá prestar às unidades vizinhas
- as linhas de comunicações de que poderá dispor, e o que delas receberá;

422. Se a divisão ainda não estiver na ala do dispositivo onde deverá atuar, seu comandante desloca-se para essa ala, ganhando, ao mesmo tempo, o espaço necessário ao desenvolvimento da ação.

423. Logo que fôr possível, lança elementos de reconhecimento, aos quais dá a missão de obter, sobre o inimigo, os informes de que tem necessidade, assim como os que se referem à situação das tropas amigas empenhadas. Entra em ligação com os comandantes dos agrupamentos de artilharia suscetível de agir na zona de ação da divisão. Destaca, junto às unidades da ala do exército, oficiais de ligação encarregados de conservá-lo ao corrente do desenvolvimento da batalha.

Marcha de aproximação

424. A divisão ganha a ala do dispositivo sob a proteção das tropas empenhadas na batalha e dos elementos de segurança escalonados pelo exército em seu flanco descoberto. Essa marcha de aproximação se efetua, pois, em condições de segurança relativa; em consequência, o dispositivo da divisão visa sobretudo facilitar a progressão. Sendo necessário as unidades adotam formações que lhes permitam subtraírem-se à ação da aviação e da artilharia de longo alcance do inimigo.

425. Quando as circunstâncias obrigam a divisão a mover-se na proximidade da frente de combate, a progressão se faz através campo, num dispositivo largamente articulado, procurando-se dissimular os movimentos às vistas

terrestres e aéreas do inimigo e tomando-se tódas as medidas de precaução contra os gases. Os movimentos dos grossos têm lugar mais freqüentemente à noite, para se conseguir o efeito da surpresa.

Entrada em ação

426. O comandante da divisão de cavalaria é orientado pelos informes fornecidos por seus órgãos de busca e pelos elementos de reconhecimento da divisão que se acha na ala do dispositivo, bem comp pelas informações recebidas de seus elementos de ligação e do comando superior. Toma, ao abrigo da rêde de segurança do exército, disposições para irromper além dessa rêde, seja para lançar-se sobre o flanco do inimigo, seja para atingir diretamente. seu primeiro objetivo, no caso de já ter alcançado seu eixo de ataque.

427. Para assim irromper, o comandante da divisão adota um dispositivo que será função:

- da missão;
- da sua idéia de manobra;
- das reações possíveis do inimigo;
- da presença eventual de tropas inimigas de grande mobilidade, nas proximidades.

Desenvolvimento do combate

428. A divisão progride coberta por seus destacamentos de segurança. As vanguardas, além do papel de órgãos de segurança, formam o primeiro escalão da manobra divisória. São constituídas segundo a função que lhes é atribuída e comportam, se fôr preciso, frações de artilharia e carros.

429. Os elementos de reconhecimento e depois as vanguardas, recalcam os elementos de segurança do adversário: Quando se chocam com resistências mais fortes, tomam o contato, e esforçam-se por progredir até se defrontarem com fôrças superiores que não pôdem repelir com seus próprios meios.

430. Os elementos de reconhecimento, detidos na sua progressão, passam automaticamente às ordens do comandante da vanguarda em cuja zona, operam, desde que sejam por esta alcançados. Cabe ao comandante da vanguarda interessada restituí-los à sua missão inicial, desde que as circunstâncias o permitam.

431. O comandante da divisão manobra para desbordar essas resistências; se não o consegue, toma disposições para empenhar-se no combate. Quando decide atacar, escolhe seu objetivo em razão das facilidades de aproximação que apresenta, da importância tática que possui, assim como das facilidades de apoio pela artilharia e das possibilidades de exploração ulterior. A ação da divisão, compreende, geralmente, um esforço principal sobre o objetivo escolhido, combinado com uma ação secundária, seja ataque de frente, destinado a enganar o inimigo, seja manobra desbordante ou envolvente.

432. A artilharia prepara e apoia o ataque, agindo sobre os próprios objetivos e sobre os obstáculos que possam retardar a manobra. Quando o comandante da divisão dispõe de artilharia suficiente, pode atribuir diretamente frações dela às unidades encarregadas da manobra desbordante ou envolvente.

433. As decisões do comando constituem objeto de uma ordem de operações, para o ataque, que contém condições e prescrições próprias para orientar com precisão as unidades subordinadas e encadear suas ações.

- a situação, geral; . . ■
- ; ■ — a missão da divisão;
- a idéia de manobra do comandante da divisão;
- o dispositivo e a repartição das missões das unidades subordinadas;
- as ligações e transmissões.

■ 434. O comandante da divisão faz sentir sua ação no combate pela intervenção de suas reservas e pela manobra

do fogo de sua artilharia. Procura determinar os pontos fracos da linha inimiga, para neles empenhar suas reservas e fazer cair pelo desbordamento, os pontos de apoio fortemente mantidos, explorando desde logo, pela manobra, os primeiros resultados obtidos.

435. Conquistado o objetivo, é, imediatamente preparado o ataque, ao objetivo seguinte e realizado tão rapidamente quanto possível, para não dar tempo ao inimigo de restabelecer-se.

436. Se a divisão vai de encontro a uma posição, que não pôde tomar com os meios de que dispõe, mantém o contato e, continuando, sua missão, toma um dispositivo de cobertura, prolonga a frente de batalha do exército, ou desprende-se, para ganhar, espaço, procurar a ala do adversário e desborda-la.

B — Ação no centro de um dispositivo

437. A intervenção de uma divisão de cavalaria no centro de um dispositivo só é possível, quando a ruptura da frente inimiga foi realizada em largura e profundidade suficientes. Em tal caso, a finalidade do seu emprego é operar sobre o flanco e a retaguarda imediata da frente inimiga, seja mesclando sobre suas linhas de comunicações.

438. A decisão de engajar a divisão é tomada pelo comando superior, mas, a escolha do momento favorável de sua entrada em ação é decisão do seu comandante tendo em vista os informes que lhe fornecem as unidades com o interrogatório dos prisioneiros, a aviação, etc., especialmente; isto concerne à presença ou ausência, na retaguarda da frente inimiga, de reservas imediatamente utilizáveis.

439. O comandante da divisão é orientado, como no caso de uma ação na ala de um dispositivo.

As instruções que recebe fixam, além disso:

— a zona de ação da divisão;

as disposições particulares que devem ser tomadas para, o, ultrapassamento, das unidades empenhadas, etc.

440. O comandante da divisão destaca, para junto das grandes unidades empenhadas na zona da ação, oficiais encarregados de informá-lo sobre o desenvolvimento da batalha e de preparar a entrada em ação da divisão. Determina a ligação com os comandantes dos grupamentos de artilharia encarregados de agir nessa zona. Dirige-se, pessoalmente, ao ponto mais favorável para reunir todos os elementos necessários à sua decisão.

Aproxima da frente seus grupamentos táticos, que entram em ligação com a infantaria que ataca. Mantém seus elementos de reconhecimento também em ligação com a infantaria, em condições de serem lançados logo que possível.

Aproximação do grosso e ultrapassamento

441. A divisão transporta-se para o local em que deverá operar, realizando uma marcha de aproximação nas condições indicadas para o caso de uma ação na ala de um dispositivo.

Seu grosso é mantido articulado até o momento em que a operação deve ser desencadeada.

442. O comandante da divisão modifica, a tempo, seu dispositivo, de modo que possa efetuar, sem demora, a passagem pelas tropas em ligação. Esta deve ser preparada com cuidado e conduzida em ordem.

Para permitir à divisão atravessar rapidamente as retaguardas das divisões de infantaria empenhadas na batalha, sem provocar embaraços, uma ou várias estradas laterais são atribuídas durante o tempo estritamente necessário. Para executar essa operação, deve haver um entendimento prévio com os comandantes das divisões de infantaria interessadas, de acordo com as ordens do exército. -

443. O dispositivo é determinado:

- pela ideia de manobra do general;
- pelas informações existentes sobre o inimigo;
- pelo terreno, caminhamentos desenhados que apresenta, e facilidades de percurso que oferece;

— pela densidade de ocupação da zona atravessada.

444. Quando a ruptura se realiza em uma posição que apresenta o caráter de frente fortificada, a divisão tem de transpor, inicialmente, posições mais ou menos organizadas, através das quais a progressão da cavalaria é particularmente penosa. Tal operação exige minucioso preparo, porquanto é necessário construir pistas para a artilharia e para as unidades motorizadas. Este trabalho é geralmente confiado a unidades de engenharia e é empreendido, logo que a situação o permita.

Desenvolvimento do combate

445. A irrupção da divisão necessita, às vezes, de uma série de ações ofensivas parciais para vencer as resistências isoladas que poderiam impedir sua progressão. É pela presteza de decisão, pela rapidez da manobra e dos ataques, que se chegará a vencer essas resistências e a impedi-las de se coordenarem.

446. Desde que a divisão tenha ultrapassado largamente as unidades em linha, procurará, segundo as diretrizes do comando:

-- alargar a brecha por ações laterais, ligando sua ação às das grandes unidades empenhadas e desbordando as resistências que se opõem à sua progressão;

— penetrar no dispositivo adverso para completar sua desorganização, ou avançar ao encontro das reservas inimigas para retardar sua entrada em ação.

ARTIGO III

Ações defensivas

447. A divisão pode ser empenhada em ações defensivas:

— quando o inimigo tenta uma manobra de desbordamento;

— quando uma ofensiva inimiga rompe o sistema defensivo do exército;

1 s: — quando se produz um intervalo entre dois exércitos;

/ — quando, recebe missão de substituir, momentaneamente, unidades de infantaria empenhadas.

2A — Ação contra uma manobra desbordante do inimigo

448. Uma divisão de cavalaria à disposição de um exército ameaçado por uma manobra de desbordamento, poderá ser empregada:

— «unhando rapidamente o flanco ameaçado e tomando o mais longe possível, o contato com o inimigo ;

— exercendo uma ação retardadora;.

Vi — prolongando, na ala, exposta, a frente do exército;

— ordenando e cobrindo a entrada em linha das reservas, de modo que estas possam se desenvolver a coberto e se empenhar n'um terreno já reconhecido, cujos pontos essenciais (em particular os observatórios) já estejam ocupados.

„*449. As regras que presidem ao emprego de uma divisão encarregada de tal missão, foram expostas no capítulo anterior.

.. As disposições tomadas pelo comandante da divisão variam com a situação: podem ser influenciadas, em particular, pela existência ou não de tropas inimigas de grande mobilidade, nas proximidades.: 1

450. A missão da divisão: é geralmente facilitada pela ação da cavalaria orgânica das divisões da ala do exército, que lhe poderão fornecer informes de toda natureza sobre o terreno, a situação das tropas amigas e inimigas, etc.

B — • Caso de ruptura no sistema defensivo . i,

451. Quando uma defensiva inimiga rompe o dispositivo do exército, e este não mais dispõe, ao alcance, para imediata intervenção, das reservas necessárias para se opôr à; progressão inimiga e restabelecer a situação, uma grande, unidade de cavalaria pôde ser eficazmente empregada para fechar a brecha, cobrir a entrada em linha de reservas das da retaguarda e permitir a constituição de uma nova frente.

452. Se a ruptura fôr, mais extensa, o comando é geralmente obrigado a empregar várias divisões, constituindo com elas corpos de cavalaria, ou fixando para cada uma delas, seu objetivo e sua missão.

453. O comandante da divisão, encarregada de uma missão desse gênero, recebe do comando ao qual está subordinado, informações sumárias sobre:

- a situação geral;
- o estado das unidades empenhadas na frente considerada;
- o inimigo (sua direção de marcha, suas forças reconhecidas, a linha atingida pelos seus primeiros destacamentos e suas possibilidades).

Recebe igualmente instruções que lhe fixam:

- o fim da missão;
- a zona de ação da divisão e a organização do comando nessa zona;
- a manobra a realizar, em ligação com as divisões que irão operar nas zonas vizinhas, e também com as tropas ainda em condições de combater e que se acham na sua zona de ação, as quais poderão ficar sob seu comando; os meios suplementares postos à sua disposição; as condições em que se efetuarão os suprimentos, as evacuações, etc.

454. A divisão, alertada na sua zona de estacionamento, marcha, logo que possível, para a zona provável de seu emprego. No começo, a marcha é feita ao abrigo da frente, sem

que seja preciso tomar disposições particulares de segurança; ela é regulada de maneira a conduzir rapidamente a divisão ao local, com o mínimo de fadiga.

455. A divisão utiliza em princípio toda a rede de estradas da zona que lhe está afeta, evitando, todavia, paralisar a circulação geral. Elementos de reconhecimento procedem-na, a fim de esclarecer a situação, informando-se com as frações em linha. Os elementos motorizados e mecanizados precedem ou seguem os elementos a cavalo. Os trens recebem um horário de marcha particular.

456. O general precede a divisão para, pessoalmente:

— receber as instruções do comandante do exército;

— estabelecer ligação com os comandantes das grandes unidades empenhadas;

* — ter uma vista de conjunto do terreno provável de sua ação.

457. Desde que a situação se defina, e a divisão chegue à zona do combate, seu comandante toma disposições de segurança para cobrir a marcha. Lança para a frente elementos de reconhecimento com a missão de:

— tomar contato com as forças amigas empenhadas* em particular com as que mantêm os flancos da brecha;

— determinar os pontos atingidos pelo avanço inimigo;

informá-lo das mudanças que podem sobrevir na situação.

458. A divisão pode ser empregada:

— para amalgamar as unidades já empenhadas na sua zona de ação, apoiando-as, a fim de restabelecer, o mais rapidamente possível, uma linha contínua de fogos combinados de armas automáticas e de artilharia, reorganizar o comando e as ligações;

— para fechar uma brecha criada pelo avanço inimigo, interpondo-lhe, quanto antes, uma resistência sólida no eixo principal de sua progressão e esforçando-se por ligar

essa ação à das unidades ainda em linha, à direita e à esquerda; . u.:::

— para estender uma cortina destinada a mascarar uma larga brecha, cobrir o desembarque de grandes líhi- clades de reserva e preparar sua entrada em ação, assim como o desdobramento das unidades de artilharia enviadas em reforço.

459. Em consequência, o comandante da divisão inipuir | siona para á frente, tão cedo quanto possível, gjmpstmepfcos táticos à base de um regimento de cavalaria e um griipo artilharia a fim de:

— deter ou retardar a progressão inimiga;

— levar às unidades empenhadas um primeiro apoio, procurando restabelecer a continuidade da frente,

O comandante da divisão deve, ainda, guardar uma forte reserva, para conduzir sua manobra.

460. Desde sua chegada, o general assume a direção do combate, coordena a ação das diferentes unidades empenhadas, prevê a segurança de seus flancos e assegura a ligação entre a divisão e as unidades visinhas, fixa os locais das ihii- dades, reservadas, determina a repartição e as missões «ia artilharia. Conduz sua manobra e regula a intervenção das reservas, de maneira a manter ou a reconstituir, apesar dos ataques inimigos, uma linha contínua de fogos combinados. •

461. Quando as divisões de infantaria reservadas substituem a divisão de cavalaria, esta recebe uma nova missão ou passa para a reserva, afim de reconstituir-se.

C — Ação no caso de um intervalo entre dois exércitos

462. Quando, durante as operações, se produz um intervalo entre dois exércitos, pode ser chamada uma divisão de cavalaria para manter o espaço livre e assegurar a continuidade da frente. ‘ ;

463. O comandante de uma divisão, encarregada de semelhante missão, recebe geralmente reforços de infantaria e

de artilharia e aplica os processos de emprêgo expostos para as missões de cobertura, assim como os princípios que regulam o combate defensivo.

■ # 464.

Substituição de unidades de infantaria na frente de um exército

464. Quando uma divisão de cavalaria deve substituir unidades empenhadas, de infantaria, previamente executa os movimentos necessários, utiliza seus cavalos para aproximar-se de poite, quando possível, da frente a ocupar e executada a substituição, de modo que antes do dia esteja realizada.

Os cavalos são enviados para a zona de estacionamento designada para a divisão, assim como as viaturas dos elementos transportados.

i, A ação é regulada segundo os princípios que regem o combate defensivo (3ª Parte, capítulo 2, artigo II).

TL

CAPITULO 4

Aproveitamento do êxito e perseguição

■ # 465.

No curso de uma batalha ofensiva bem sucedida, o comando das forças atacantes pode empregar suas reservas com duas finalidades:

— aproveitar o êxito, para apressar a conquista do objetivo de ruptura, atuando sobre os flancos e a retaguarda imediata do inimigo;

— realizar a perseguição, para completar a destruição do inimigo, atuando profundamente sobre suas comunicações e órgãos vitais da retaguarda, e buscando realizar o cerco de suas forças.

Em qualquer dos casos, a operação poderá consistir numa ação de ala ou na exploração de uma brecha já conseguida no dispositivo defensivo do inimigo.

466. A cavalaria é particularmente apta para realizar tais

ações, pela sua mobilidade e capacidade de operar através campo em zonas de terreno difícil e revolvido. É, entretanto, na perseguição que as grandes unidades de cavalaria encontram sua melhor oportunidade devido à grande envergadura que, normalmente, apresentam as operações dessa natureza.

467. O comandante da divisão de cavalaria, recebe do comando superior indicações hecessárias à execução de Sua missão. Essas indicações orientam-no sôbre:

- a finalidade da operação; i ;'
- a situação geral (particularmente sôbre as possibilidades do inimigo);
- a manobra do comando superior; ' *
- as missões das outras grandes unidades, em particular das que devem dar apoio ou que terão de operar em coordenação com a divisão de cavalaria;
- a direção geral;
- os meios de reforço (particularmente blindados);
- a zona de ação e objetivos;
- o eixo de transmissão da divisão;
- as disposições relativas aos suprimentos e às evacuações.

468. Na execução da perseguição, o comandante da cavalaria impulsiona seus elementos de reconhecimento para a frente e fãz "progredir seus grupamentos táticos, por iáiíi&, sifitrc regiões ou ODjepVôjjQÊeffideffidfos, Com essa descên-traiizããb^Usca-se ^ârapidez da opèraxão e guarda-se a possibilidade de coordenar todos os meios da divisão para empreender uma ação centralizada, sempre que se tomar necessário.

A segurança da divisão repousa mais na rapidez da execução do que propriamente no emprêgo de destacamentos, A ligação, com as forças aéreas que trabalham em cooperação é de grande importância para a conduta da manobra. ■

469. A perseguição é realizada em larga frente e ijeve ser ininterrupta, audaciosa e encarniçada. Aã ações frontâis g^9~évítãdas^ e procura-se fazer cair as resistências iiumigãs pela manobra.

470. Sempre que à situação permitir deve-se tirar partido dos elementos motomecanizados fazendo-os preceder o inimigo em pontos vitais de sua reta-guarda. A organização (Te"turi grupamiento tático constitüidCfpelo regimento de cavalaria motorizado, o grupo de obuses 105 e blindados de que despuzer eventualmente a divisão, será aconselhável para esse fim.

471. Quando o inimigo consegue estabelecer-se numa posição que não pôde ser ultrapassada e da qual não pôde ser rapidamente expulso, cabe à divisão de cavalaria a manutenção do contato. O comando superior toma, então, todas as medidas necessárias para coordenar outro ataque.

472. Na manobra de cerco, procura-se alcançar a retaguarda das forças inimigas e interceptar-lhes a retirada. A destruição do inimigo resultará então da ação combinada das forças que exercerem a pressão, direta e das que realizam o o"e"reo. Os elementos motomecanizados e os blindados que eventualmente reforcem a divisão de cavalaria, têm grande oportunidade de emprego nesta fase da perseguição.

473. A perseguição é exercida por tréguas nem descanso até o limite extremo das forças. Deve ser continuada mesmo à noite a fim de impedir que o inimigo se retire sob sua proteção; nesse caso as unidades procuram progredir organizando ataques de objetivos limitados.

capítulo 5

Incursões

474. Desde o começo das hostilidades e sem esperar a reunião de todos os meios necessários para encetar as operações em larga escala, pôde ser vantajoso operar incursões em território inimigo, com o fim de ocupar uma determinada região para apoderar-se de seus recursos, entravar a mobilização e a concentração do adversário.

475. Operações desta natureza são sempre executadas por ordem do alto comando e revestem-se das formas mais variadas, incluindo as complexas operações combinadas.

A finalidade será, sempre, alcançar; por meio de uma ação rápida, certos objetivos geográficos que dominam a região; executar apreensões de material, destruições e agir defensivamente contra as primeiras formações constituídas pelo inimigo, para dispersá-las.

476. As grandes unidades de cavalaria são, em determinados casos, encarregadas de missões desse gênero. Porém mesmo, após uma missão de reconhecimento ou segurança, ter de ocupar certos pontos vitais de território inimigo, até o momento em que outras grandes unidades estejam em condições de intervir.

Para tais missões, e se a rede de estradas o permite, as divisões de cavalaria são geralmente reforçadas em infantaria e engenharia motorizadas e, eventualmente, em artilharia.

477. O comandante da divisão recebe do comando de que depende, instruções que fixam:

- a natureza exata da missão;
- se for o caso, a ação ulterior em proveito do exército (reconhecimento, cobertura, ação retardadora, etc.);
- disposições particulares para os suprimentos e para a proteção dos trens e comboios;
- eventualmente, a missão da aviação (particularmente das grandes unidades aéreas) que operam sobre os mesmos objetivos, assim como as ligações que devem ser feitas com essas forças.

478. Tais operações exigem preparo cuidadoso e execução vigorosa. Geralmente será oportuno aplicar os princípios seguintes:

- apressar-se, por surpresa, de todos os pontos vitais, e, se possível, operar o cerco da zona a ocupar;
- proceder ao desarmamento metódico da população civil, tomar reféns, organizar uma vigilância da zona;
- tomar os centros telefônicos e telegráficos, as estações de rádio, os pontos, etc.;
- impedir o exodo dos funcionários e das pessoas

de destaque, dos homens e cavalos mobilizáveis, dos meios de transporte e dos recursos de qualquer natureza;

— assegurar a guarda de suas próprias comunicações, estradas, vias férreas, etc.) e de suas transmissões;

• — ter em mão uma forte reserva inovei, para poder quebrar toda tentativa de sublevação, ou para anular int; ataque.

À PARTE

A CAVALARIA NO COMBATE ■ > „,„ ?

CAPITULO 1

CARACTERES GERAIS DO COMBATE

ARTIGO I

. ELEMENTOS DO COMBATE

479. O combate é, normalmente, o único meio de que a cavalaria dispõe para cumprir suas múltiplas missões. ■

• O combate pelo fogo, ofensivo ou defensivo,, constitui a regra geral; somente as pequenas unidades podem, ter ocasião de combater a cavalo, .

480. A manobra é uma combinação de esforços destinados a um fim preciso, ■ " 1

Manobrar é, não sómente combinar os esforços das unidades subordinadas' (manobra pelo movimento), mas também concentrar em um ponto da, do meios de fogo ainda disponíveis (manobra pelo fogo).

... A manobra executada sem que o inimigo «tenha conhecimento, dissimulando-lhe a força dos elementos empregados, produz a surpresa do comando e das tropas do adversário. •

481. O fogo é o fator preponderante do combate; pbshjii efeitos de ordem, ao mesmo tempo, moral e material,* Rem dirigido é bem conduzido, cria zonas de morte, onde as ^irb-

pas sofrem perdas tais que acarretam a impotência e as fixam ao solo.

482. O chefe, em todos os escalões, tem o dever de conseguir do fogo o efeito mais intenso, combinando do melhor modo a utilização das diversas armas, estudando o terreno em vista da determinação dos pontos a bater, velando pela regulação dos tiros e assegurando o remuniciamento.

483. Nem no ataque, nem na defesa, os fogos se improvisam segundo os acontecimentos; êles devem ser preparados pelo estabelecimento de planos de fogos, isto é, pela previsão e coordenação, em vista de determinada operação, dos tiros solicitados a todas as armas, inclusive as da artilharia e da aviação.

484. O terreno exerce na conduta do combate influência considerável e incessante.

Ter o sentimento do terreno é ser capaz de ver rapidamente os recursos que apresenta e as exigências que impõe; e, em seguida, deduzir dêla a manobra que deve ser tentada e os dispositivos que cumpre realizar.

485. O terreno deve ser estudado minuciosamente, consoante o caso particular a resolver, as facilidades que oferece, e as dificuldades que origina para a realização da missão recebida, os recursos que proporciona ao inimigo, e, ainda, as possibilidades que apresenta para a dissimulação dos cavalos e das viaturas à observação aérea.

ARTIGO H

COMBATE OFENSTVO.

486. Atacar é combinar o fogo e o movimento para avançar, a despeito do inimigo.

O fogo e o movimento são os dois meios de ação dos combatentes a pé. Devem estar sempre intimamente ligados; o fogo destrói o inimigo ou o força a apegar-se ao solo; o movimento conduz, cada vez mais perto do inimigo, um fogo poderoso destinado a quebrar sua resistência.

A — A manobra

487. Para a cavalaria, a manobra consiste primeira-mente em conduzir suas forças; a cavalo, ou em viatufáa,i em condições tais que tenham a vantagem do terreno na aproximação, que cheguem com segurança, face aos seus objetivos, ã uma base de partida favorável e que alcancem,i tanto quanto possível, o benefício da surpresa.

488. Sempre que as circunstâncias, e particularmente o terreno, o permitem, deve um chefe de cavalaria utilizai a mobilidade de sua arma; restringir-se a acanhados desbordamentos a pé é fazer um mau emprêgo dos meios de que dispõe.

489. Um terreno impraticável para às unidades m<jto-mecanizadas, pode, entretanto, ser utilizado por elementósl hipomóveis. É necessário habituar-se a tirar partido da impraticabilidade do terreno, das condições atmosféricas e da aptidão da arma para ações isoladas e subtâneas.

490. Quando a tropa apeia para o combate, a manobra prossegue em um quadro mais restrito: tem, então, por fimj combinar mêlhõr o fogo ê o movimento,' utilizando ao naáJ ximo as propriedades do terreno. A mais proveitosa das nisp nobras pelo movimento é o ataque desbõrdantê, atundo no flanco do adversário, ou penetrando no intervalo de uma' frente descontínua. Manobra-se, também, fazendo avançar uma parte da tropa, graças ao fogo de uma outra, e depois invertendo os papéis; manobrasse ainda quando; tendo mantido em segredo uma parte dos meios de fogo, são êfes empregados sũbtamente em um ponto da frente.

491. As manobras das pequenas unidades têm por fim adaptá-las às diversas formas do terreno, ou furtá-las aoa novos fogos inimigos que se revelam. Consistem:

— em combinar um ataque de frente, ou uma atitude momentâneamente defensiva, com um ataque de flanco, quando há espaço suficiente numa ala;

— em reduzir a frente de uma unidade desdobrada para aproveitar um corredor desenfado, ou evitar um declive, e depois novamente ampliar a frente;

— em abrigar e estabelecer a ordem em uma unidade colhida no campo de tiro de uma arma automática não identificada, enquanto as unidades não atingidas procuram localizá-la, reduzi-la ao silêncio e desbordar a resistência encontrada;

; — em concentrar o fogo sobre um ponto, sem deslocamento do pessoal, para fechar um intervalo, ou cobrir um flanco; para isso, as metralhadoras são particularmente proveitosas, pois, podem receber novas missões sem mudança de posição.

B — O fogo

'492. Tropa alguma pode progredir, sem experimentar pesadas perdas, enquanto os órgãos de fogo inimigos atiram livremente sobre ela.

í É indispensável, por um fogo apropriado, reduzir antecipadamente esses órgãos à impotência, seja obrigando o pessoal a enterrar-se, seja, pelo menos, tomando seu tiro desordenado e sem valor; é o que se chama ter a superioridade de fogo. Desde que se obtenha essa superioridade é pre-exaó^aprõvšiÈÁ-la sem demora para ganhar terreno para a frente, sem cessar todavia de neutralizar as resistências inimigas.

, | Determinar a situação dos órgãos de fogo inimigo é, então, um problema essencial; é também dos mais difíceis e fé pode ser resolvido por uma organização muito desenvolvida da observação no combate.

Se não é possível localizar com precisão os órgãos de fogo inimigo, é preciso cobrir de fogos nutridos os pontos Suspeitos que tenham boas vistas sobre a zona de ataque.

Plano de fogos

, 493. O plano de fogos na ofensiva prevê:

' 1 ; — a totalidade dos tiros a executar antes do desencadéamento do ataque:

— os tiros de apoio a realizar durante a progres-

são do ataque. pelos elementos, mantidos em posição e que podem agir sem perigo para as unidades que avançam; esses elementos, constituem a base de fogos; ■ • v

— p, deslocamento' progressivo, dos, elementos .que terminaram, sua missão sobre ,a base de fogos.; os locais e objetivos noys.a àr-lhes, para, continuar q, apoio do ataque.»;

— a constituição de uma base de fogos, no objetivo conquistado;

— a defesa contra aviões, voando à baixa altura;

— a defesa contra elementos blindados.

494., Independentemente ,dos tiros, assim, previstos pelo plano de fogos, o ataque põe em ação os fogos executados-rfiir rante a progressão pelas unidades do primeiro, escalão sobre os objetivos que se rev.eleiji no curso do movimento. ,

'495. Concebido com a preocupação de pôr em a.ção a totalidade das armas suscetíveis de serem empregadas, o plano de fogos na ofensiva deve tender ao desenvolvimento, de toda a potência possível a fim de dominar com segurança, o fogo do adversário. O plano de fogos aufere uma grande força do emprêgo .jUdição das concentrações de fogos. A Concentração de fogos sobre certos órgãos de resistência, a nível dos sucessivamente, proporciona resultados superiores aos que se poderiam alcançar com o tiro de igual numero de disparos distribuídos por-Vários objetivos, Com a condição; porém, de que a tropa assaltante possa aproveitar, sem demora, os efeitos desses fogos. * 3!"

— 'Escalão de ataque "

496. Toda formação de ataque: compreende um -escala de ataque: constituído pelos esquadrões de primeiro escalão.

497. O ritmo de; pelotões empregados no escalão -de ataque é regulado pela necessidade de realizar, a nível de ile fos'o. iBto: de guarnecer a frente de tantas armas automáticas quantas forem necessárias para ajuer o fogo' não aptet sente lacunas sobre o objetivo. Os grupos ficam, assim, "em condições de se sustentarem. pütuamente, batendo com, suas armas qitoimática Si.o terreno' que lhes fica, em frente, ie, o OS intervalos qqq, .os-separq.m.: dps grupog, vizinhos,

498. A plenitude do fogo deve Ser procurada desde o começo do combate, mesmo das primeiras resistências encontradas se mostram fracas e pouco densas; ela corresponde ao mínimo de potência necessária para assegurar, de início, a superioridade do fogo e para não ter de executar, sob o fogo inimigo, manobras de reforçamento delicadas, no caso de acentuar-se a resistência.

Base de fogo

499. A constituição da base de fogos é regulada pelo plano de fogos.

O apoio da base de fogos é indispensável para realizar a neutralização preventiva das partes do terreno de ataque, que não forarii indicadas a artilharia como objetivo e que há motivo para julgar ocupadas. A base de fogos é o elemento fixo, diante do qual se desenrola o combate essencialmente móvel do escalão de ataque. Abre-lhe o caminho por fogos mais ajustados do que os dele, protege-o dos contra-ataques ou dos retornos ofensivos eventuais e assegura-lhe o recuo eúicaso de revés.

500. O apoio que a base de fogos fornece ao escalão de ataque deeresce, em geral, à medida que êste avança; cessa inteiramente quáhdo nenhuma de suas armas pode continuar atirando, sem riscos para a segurança dos combatentes dos grupos mais avançados- Algumas frações designadas no plano de fogos mantêm-se em posição, até que a tropa atacante se aferre solidamente ao objetivo conquistado. Os demais elementos, depois de terminada sua missão de tiro, são impedidos sucessivamente para a frente, para ocupar novas posições, de onde possam continuar a apoiar o ataque. Quando êste atinge seu objetivo, constitui-se uma nova base de fogos sôbre o terreno conquistado, para favorecer a continuação ou a retomada da ação e fazer frente aos contra-ataques possdevis.

501. O ataque é assim preparado e, no curso de sua progressão, apoiado e protegido, por bases de fogos sucessivas, cuja constituição e deslocamento oportuno devem ser

preocupação constante do chefe, empenhado em assegurar, às suas unidades em movimento, um apoio tão ininterrupto quanto possível.

502. Entre o limite de eficácia de uma base de fogos é o objetivo assinalado, o movimento é apoiado por fogos alterados das diversas frações do escalão de ataque e também pelos das armas cuja missão na base de fogo terminou e que puderam ser recuperados. Essas armas são utilizadas para novos apoios, seja nas alas do ataque ou através dos intervalos, seja sôbre centros de resistência bem definidos.

Tais armas se deslocam por lanços, de posição de tiro em posição de tiro, de sorte que ao chegarem ao objetivo, a maior parte delas não esteja longe do melhor local para uma retomada de ação.

503. Os carros fomecem ao escalão de ataque um apoio poderoso. Sua utilização nas alas do ataque é geralmente o emprego mais consentâneo com as propriedades do material'.

O combinado cavalaria lupomovel-carros, seguido da infantaria motorizado ou não, conforme as condições, do terreno, é de emprêgo muito comum. Por esse meio é possível dar às forças blindadas, mais velozes que as motorizadas em terrenos difíceis e de poucas estradas, o apoio constante de que necessitam.

Esta combinação se impõe especialmente nas fases de aproveitamento do êxito, na perseguição e nos grandes movimentos envolventes, através terrenos particularmente difíceis.

C — O movimento

504. A superioridade de fogo é a condição preliminar do movimento, mas não se tira vantagem alguma de sua obtenção, se não for imediatamente aproveitada para avançar.

Uma tropa ardorosa e instruída só deve ter ho ataque uma preocupação: levar seus meios de fogo sempre mais à frente, até a abordagem do inimigo, em tôda a parte em que o monumento é possível.

505. A neutralização do fogo adverso que não é senão nfpVnentânea, deve ser aproveitada sem demora pelo assai-táiite, progredindo por todos os corredores e sob tôdas as cobertas, mesmo estreitas, temporariamente não batidas pelos fogos.

Constitui isso o objeto da infiltração, que tem por íím descobrir as lacunas da linha de fogo oposta e utilizá-las sem perdas de tempo.

1) — O terreno

c, ,506. O estudo do terreno de progressão do ataque deve se»:feito não sómente no sentido da profundidade, mas ainda no :da largura.

507. No sentido da profundidade, pode fazer presumir onde estão instaladas ás armas longínquas capazes de atuar contra os assaltantes. Permite fixar os objetivos sucessivçp èy.por consequência, os pontos afastados a neutralizar pelas (rmas de maior alcance.

■ Permite, ainda prever: as localizações proyáyejs dçs bases de fogos sucessivas. Há interesse, "sempre que possível, em tomar por objetivos sucessivos cristas de direção geral paralela à frente e contituindo máscara contra os fogos logíncuos. Quando semelhante objetivo é atingido o ataque dispõe de um local abrigado, favorável à reconstituição de sitas unidades, e tem na própria, crista, a possibilidade de, sem demora, instalar observatórios e organizar uma base de fogos. Se, ao contrário, o ataque é detido, antes de haver atingido a crista, fica exposto aos tiros que daí partem.

508. O exame do terreno no sentido da largura fará ressaltar a existência de linhas de alturas ou de cobertas que o coihpartimentem perpendicular ou obliquamente à frente; essas linhas serão a. origem provável de tiros de flanco e de escarpa que o ataque terá de sofrer e o escalão de ataque caras vêzes estará em condições de neutralizar com seus pró-pjdós meios.

■ 509. Resulta daí: .:

— que, antes do ataque, o estudo do terreno per-

mite determinar as neutralizações preventivas que devem ser pedidas à base de fogos e à artilharia;

— que, quando um compartimento não possui grande largura, há interesse em confiar o ataque de cada uma das cristas ou cobertas que o enquadram, a uma unidade constituída, assegurando-lhe momentaneamente, por meio de fogos, a neutralização do intervalo que as separa.

510. A utilização e a organização do terreno, para diminuir a vulnerabilidade e a visibilidade das tropas de ataque, para facilitar o seu comando, os suprimentos e as evacuações, são realizadas por iniciativa dos chefes das pequenas unidades, tanto nas bases de fogos, como nos locais das paradas momentâneas do escalão de ataque.

511. Durante o desenvolvimento, do ataque, e de acordo com um plano de conjunto ordenado pelo comando, as unidades em reserva e as frações de engenharia disponíveis mantêm as comunicações. ;

ARTIGO III

■ COMBATE DEFENSIVO.

512. O combate defensivo baseia-se essencialmente no estabelecimento de um sistema de fogos em profundidade e no preparo de uma contra-ataque. "pelo movimento." A maior parte dos meios a serem consagrada à manter a integridade de uma posição de resistência, esclarecida e coberta por postos avançados.

513. Uma rede de fogos potente, completa e profunda embora seja elemento capital da defesa; raramente será suficiente por si só para garantir a integridade da posição: o contra-ataque deve ser encarado normalmente como o elemento decisivo da ação.

514. O terreno representa, no estabelecimento de uma defesa defensiva, papel de grande importância; tem, além disso, um valor intrínseco que repousa sobre as vistas. Os campos de tiro, os flaqueamentos, as comunicações e os obstáculos naturais, especialmente os que são capazes de deter os engenhos blindados.

1 ■

Uma unidade que tem por missão manter um ponto do terreno, jamais deve abandoná-lo; cumpre a cada homem morrer em seu posto e nunca recuar.

A — A manobra

515. A manobra na defesa consiste:

- em concentrar sobre um ponto dados meios de fogo ainda disponíveis, graças à flexibilidade dos planos de fogos das armas automáticas e dos petrechos pesados e ao ajustamento desses planos de fogos com os da artilharia;

- em conduzir oportunamente para um ou vários pontos da frente a defender, reservas antecipadamente articuladas, por itinerários e caminhamentos previamente reconhecidos, e empregá-las em proveito da defesa, particularmente em ações de contra-ataque.

B — O fogo

516. A execução do plano de fogos é parte essencial da defesa. Ūve:

- assegurar à frente da linha principal uma barragem de fogos de armas portáteis contínua, suficientemente densa e profunda para ser intransponível e cujo desencadeamento seja instantâneo;

- realizar o flanqueamento recíproco dos órgãos de resistência;

- preparar tiros para médias e grandes distâncias, visando atingir o inimigo onde possa ser assinalado, no limite de alcance eficaz das armas e retardar, assim, sua progressão e os movimentos de suas reservas;

- permitir rápidas concentrações de fogos em caso de ataques locais, nos pontos mais sensíveis;

- prever a execução eventual, sobre objetivos muito afastados, de tiros diretos ou indiretos, efetuados sistematicamente ou desencadeados por observação;

- organizar a defesa contra aviões, voando a baixa altura;

- prever as medidas de defesa contra os carros;
- prestar-se a fracionamentos da frente e a barragens interiores préviamente estudadas, na previsão de guie o inimigo possa romper a posição;
- comportar o conjunto das medidas referentes às ligações e ao emprêgo das transmissões necessárias à sua entrada em ação instantânea, no momento propício, no todo*ou em parte, em particular, com indicação muito clara dos sinais ou das ordens que devem provocar o desencadeamento dos diversos fogos previstos.

517. O plano de fogos das armas portáteis deve ser intimamente combinado com o da artilharia cujos fogos precedem ou reforçam, em certos pontos, os daquelas armas, assim como os suprem, em regiões desenhadas.

518. A artilharia deve estar em condições de atuar, na frente e no interior da posição, com a totalidade de seus meios e, no apoio aos postos avançados gerais, com parte deles. Afim de preservar sua eficácia em face da superioridade inimiga, a artilharia deve explorar plenamente sua mobilidade.

519. A repartição dos órgãos de fogo é determinada de acordo com as considerações seguintes:

- os tiros amarrados são os únicos eficazes de noite, através da fumaça e da poeira;
- as metralhadoras constituem a ossadura do sistema de fogos. Recebem as missões que exigem fogos muito densos ou longínquos. Seu grande alcance as torna particularmente aptas & execução de tiros de barragem ou de flanqueamento, não sómente na frente de sua unidade, mas também em proveito das unidades vizinhas. Preencherão tanto melhor seu papel, quanto mais tempo se furtarem aos riscos de destruição ou captura. Procura-se protegê-las pelo aproveitamento do terreno, pela camuflagem, por seu lugar no dispositivo, ou, ainda, dando-lhes uma missão que não comporje tiro algum antes do desencadeamento de barragem. Será vantajoso, por vezes, colocá-las em primeiro escalão, caso seu rendimento possa, assim, ser aumentado, especialmejjte pela execução dos tiros de flanqueamento. Os grupos de combate vizinhos são, então, encarregados, de protegê-las contra os ataques aproximados.

520. Uma 'barragem bascãila unicamente no flaqueamento recíproco 'Sos grupos; arriscaria apresentar lacunas distante o combate; de outra parte o combatente que recebeu uma missão de flanqueamento, pode ser tentado á'desprezã-la, se(fôr ameaçado de frente e ,à cúrtã distancia. Resulta daí qub os fuzis-metralhadores são empregados, em principio, paftã atirar perpendiúulamerite à:frênte ou numa direção potico oblíqua; sempre que o são divers.-mionte, devern ser protegidos cõtrãÇ;tiatiquer àtneaçã'sôbre seus flancos.

521. Tôda arma automática ou petrecho pesado e todo grupamento de armas individuais, ^recebem' instruções 'particulares que compreendem geralmente uma iriisSão de tiro principal e missões secundárias eventuais.

Essas instruções:especificitãm as difêrentes "missões de cada arma e as prescrições, relativas à exebuão dos tiros: qí^jetivos, elementos de pontaria ou de amarração; regime de; tiro, sinais, ou ordens prescrevendo a abertura, o fim ou q,Reinício dp tiro.

t. 522. Â parte do-plano, de fogos que se deve desencadear diante da linha principal de resistência ao sinal de barragem, ê constituída pelo conjunto das missões principais de tôdas armas. A barragem é a mesma para o dia e para a noite. Executa-se com prioridade sobre qualquer outro-tiro, .mesmo um- curso de execução.

►U, 523.- As missões secundárias comportam tiros sôbre objetivos longínquos, tiros- á executar à vista, adiante da frente, em; certas condições fixadas. pelo plano de fogos òu tiros destinados a assegurar os fracionamentos da frente e as barragens inberiores. ■ i.é, -

■ : 524. O rendimento:dô plahode fogos é subordinado à mãhutenção de ùma rigorosa disciplina dos tiros previstos: depende além disso, do bom funcionamento dô sistema dê vigilância e de observação estabelecido em tôda a profúndidade do terreno ocupado c:que deve comportar:

— uma rêde de observatórios com vistas extensas, instalados pelo pessoal de observação da divisão, dos regimentos e da artilharia; v

•i.c; — os observatórios dos comandantes de esquadrão e de pelotão;

i — os postos e patrulhas fornecidos pelos postos avançados;

r; as vedetas de qualquer fração incubida de uma missão de combate.

525. O sistema de observação é completado pelo estabelecimento de ligação entre os órgãos de observação e os órgãos de comando ou de tiro que eles são encarregados de informar ou alertar. Todos os processos de transmissão são postos em execução, especialmente os que permitem dar alerta instantaneamente. As ordens de defesa, especificam as condições de emprego dos meios de transmissão e designam as autoridades qualificadas para utilizá-los, de modo a evitar todo risco de confusão.

526., Os sinais de barragem geral devem ser particularmente visíveis. São postos em ação, por iniciativa e ordem dos comandantes dos esquadrões em primeiro escalão, por um oficial ou graduado designado por eles e que é o único que deve ser detentor dos artifícios estritamente necessários.

527., Quando um atirador não pôde, por segurança, mesmo através da fumaça ou de gases, ser seu próprio observador, é auxiliado por uma vedeta, postada em local favoráveis para alertá-lo e transmitir-lhe os sinais. Nesse caso, são estabelecidas convenções para regular o desencadeamento dos tiros pela vedeta; Os sinais a empregar devem ser diferentes dos da barragem geral,

■ C — O terreno

528. Na defensiva, cada unidade, deve tirar o melhor partido possível do terreno que lhe couber, adaptando estreitamente a este um sistema de fogos, combinados com os obstáculos.

529. A organização do terreno tem como fim principal dar, ao fogo toda a sua intensidade, procurando vistas; campos de tiro e flanqueamentos. Deve também facilitar as ligações, os movimentos das reservas, os suprimentos e as evacuações,

pelo preparo de comunicações desenhadas e, quando necessário, camufladas. Não deve prejudicar, por outro lado, a retomada do movimento pra a frente.

530. A colocação dos órgãos de fogo resulta da determinação das partes do terreno que se quer bater e da densidade de barragem considerada necessária. fi, por outro lado, essencial que os grupos de combate, sem constituir uma linha densa, visível e vulnerável, não se sintam isolados. Resulta daí que as armas automáticas, abrigadas e camufladas devem ser escalonadas à distâncias e intervalos tanto menores quanto ipais coberto fôr o terreno.

v Os órgãos de fogo mais avançados cobrem-se por para-dorsos, a fim de tornar possível a execução dos tiros de; fuzil-metralhadores e de metralhadoras nos intervalos, liem como dos tiros diretos de metralhadoras, por cima dos efimentos assim protegidos;

531. Quase nunca a cavalaria tem possibilidade de criar uma linha de obstáculos contínua; limita-se, então, a preparar nas estradas e caminhos que conduzem ao inimigo, côrtes bem batidos pelos fogos e suscetíveis, em primeira urgência, de deter os engenhos blindados do adversário.

; 532. Os bosques e os povoados que se encontrem sobre a posição são utilizados como máscaras e como cobertas; pôdem mesmo constituir pontos de apôio, mas evita-se ocupar as orlas voltadas para o inimigo, sujeitas à destruição pela artilharia. Segundo o caso, a linha principal de resistência é colocada na frente ou na retaguarda da orla, cujo flaqueamento é assegurado por órgãos de fogo dispostos no exterior e nos flancos, para impedir o envolvimento. No interior, organizam-se obstáculos bem batidos pelo fogo. Evita-se, tanto quanto possível, abrigar os cavalos de mão e as viaturas de transporte nos bosques e povoados, onde ficam particularmente expostos ao tiro da artilharia inimiga; procura-se, eatão, dissimulá-los ás Vistas aéreas e protegê-los contra os efeitos dos gases.

AKTKÜO SV '

COMBATE A CAVALO OU EM VIATURAS

533. No curso de suas diferentes missões, pode acontecer que algumas unidades sejam levadas a combater a cavalo.

Aí, mais do que nunca, a surpresa será o fator essencial do sucesso. O ataque a cavalo poderá conseguir êxito, se fôr executado com arrojo e decisão, contra um adversário à pequena distância, abordado de surpresa. ; ' ; i di

534. Mesmo depois de um encontro bem sucedido V o deé mandante de uma unidade de cavalaria, não deve deixar-se arrastar a uma perseguição desordenada, pois correria o risco de cair inopinadamente sob fogos organizados, que não tardariam em lhe fazer perder o proveito do êxito anterior. Deverá rapidamente restabelecer a ordem em sua tropa e manter o contato.

1 535. A ação a cavalo deve ser instantânea; realijii(\$*te
lançando sôbre o inimigo o máximo dos meios que pôdesrn
atuar de surpresa; uma parte dêles constitui uma base 2efe
fogos para apoiar a ação do escalão a -cavalo ou .para ulifc-
riormente acolhê-lo.

536. Há conveniência em realizar, sempre que possível, a combinação do fogo e do choque, sob a condição de que o estabelecimento de uma linha de fogos, destinada a apoiar o ataque a cavalo, não tire deste a vantagem da surpresa.

537. Os elementos mecanizados auxiliam os elementos a cavalo no ataque, pelo reconhecimento dos objetivos e dos caminhamentos a que êles conduzem. Assim que o escalão de ataque cerra sôbre o inimigo, aqueles elementos manobram, a fim de auxiliarem o ataque com fogos desencadeados de posições favoráveis, ou continuam o reconhecimento dos flancos e da retaguarda do inimigo, para obter informes sôbre os deslocamentos das suas reservas e de inquietá-las.

538. Para que um ataque a cavalo ou em viaturas seja bem sucedido é mistér que existam, em grande parte, eis seguintes condições: surprêsa completa, fogos de apoio, superioridade numérica, terreno apropriado, inclusive caminfi-

mentos desenhados conduzindo à base de partida, objetivos limitados, perfeito reconhecimento e medidas de segurança adequadas. Êstes fatores devem existir numa extensão tal que o ataque possa ser executado sem perdas demasiadas e com resultados decisivos.

539. A surpresa no ataque a cavalo e em viaturas pôde ser obtida pela rapidéz, pela direção escolhida, pela hora de início e pelo aproveitamento do têrreno, da fumaça, do nevoeiro, da semi-escuridão e de outras condições de pouca visibilidade. Os resultados serão mais compensadores, quando, além disso, o inimigo fôr encontrado em formações compactas ou em posições desfavaráveis. .

540. Deante de um inimigo derrotado e em fuga, torna-se indispensável uma ação rápida e ousada: ataques a cavalo ou em viaturas sêrão então de uso frequente. A desmoralização do inimigo pode justificar o desprezo pelo fator segurança, pela superioridade de fogos e de número, pelo terreno, e por outros fatores geralmente considerados indispensáveis ao bom êxito de semelhante operação. Na perseguição, um comando por demais cauteloso está sujeito ao insucesso ou a um sucesso parcial.

CAPÍTULO 2

A DIVISÃO DE CAVALARIA NO COMBATE

541. O comandante da divisão comanda as diferentes armas e combina a sua ação em tôdas as fases do combate; só a união íntima das armas e seu esforço simultâneo permitem obter resultados satisfatórios.

ARTIGO I

COMBATE OFENSIVO DA DIVISÃO

A — Fisionomia do combate ofensivo

542. A divisão de cavalaria terá frequentemente de travar o combate, seja porque assim' lhe tenha sido determinado explicitamente pelo comando superior, seja por ser esse o único meio que resta para levar a bom termo a missão recebida.

543. A divisão combate pondo em ação todos os meios de fogo de que dispõe. A necessidade de obter informações obriga quase sempre a empenhá-la numa larga frente, entretanto é sempre gpaentrando, numa frente de ataque restrita e bem determinada, meios tão poderosos quanto possíveis, que seu chefe alcança a decisão. Quando o terreno permite, o ataque é combinado com uma manobra desbordante ou envolvente.

544. O combate ofensivo da divisão é baseado no efeito dá surpresa: uma cavalaria que levasse muito tempo a preparar o ataque, não tardaria a encontrar diante de si resistências que não mais poderia vencer. Tudo deve ser feita: para que o ataque apresente, sempre que possível, o caráter de uma ação brusca e que para isso, ele se desencadeie com a máxima rapidez, embora sem precipitação.

545. A rapidez desejada não deve, entretanto, ser obtida pelo desprezo dos informes proporcionados pela tomada de Contato, e pelas ações parciais que devem freqüentemente

completá-la; ainda menos o será pelo sacrifício do tempo necessário à instalação dos meios de fogo: um ataque empreendido em tais condições: seria fatalmente votado ao insucesso.

546. Muitas vèzes, a constituição de uma frente pelos elementos de reconhecimento e de segurança em coritató, será suficiente para fornecer ao comando o conjunto de informações que necessita e lhe permitirá escolher sua' frente de ataque, bem como dispor o grosso de suas forças face a esta frente.

547. A rapidez será obtida pela impulsão oportuna dos órgãos de busca, pela mobilidade e flexibilidade das unidades na tomada do contáto, pela facilidade que tem o chefe de transportar-se rapidamente a um observatório, de onde possa ver o terreno e acompanhar a ação, e, ainda pela possibilidade dos elementos de ataque avançarem a cavalo ou em viaturas até a última coberta, face a seus objetivos e na mesma formação que deverão empregar a pé.

, 548. , A organização dos fogos deverá, ser realizada sem demora e, se possível, a coberto. Se a natureza do terreno obriga a realizar essa organização a descoberto, o ataque, assim revelado ao inimigo, deverá ser desencadeado o mais cedo possível.

549. O combate ofensivo é geralmente o final de uma manobra que pôs em jôgo tôda a capacidade de movimento da cavalaria. A partir do momento em que a progressão a cavalo não é mais possível, as unidades ápeiam; os cavalos e os veículos são distribuídos no terreno, abrigados ou, pelo menos, dissimulados as vistas aéreas. Em alguns casos, podem átê ser enviados para a retaguarda, para uma zona menos exposta aos fogos inimigos. A qpfoximâção continua a pé.- As unidades dispõem-se, face aos seus objetivos, instalam: sua base de fogos, localizam seu escalão de ataque, é atacani à hora ou ao sinal fixado pelo comandante. •

550. Quando os objetivos são atingidos,, às unidades se estabelecem na posição conquistada; o comandante da divisão faz reconhecer as direções de retraimento dó inimigo è'toma suas disposições-pára continuar sua missão. Se o ataque falhay o comandante' instala seus sistemas de fogos e conserva-se

pronto para fazer frente ao inimigo. Se fôr preciso, rompe o combate, escalonando convenientemente seus meios de fogo'.

551. Se a divisão encontra resistências que não pôde desbordar ou romper com os recursos de que dispõe organicamente, é geralmente reforçada com artilharia, infantaria, carros e recebe apóio aéreo. Esse refôrço e este apóio dão ao comandante da divisão a possibilidade de montar o ataque com meios mais poderosos e permite-lhe estender a frente de combate, aumentando o número das unidades postas em linha. Sem renunciar às vantagens proporcionadas pela surpresa, estará, então, em condições de organizar, conduzir e alimentar um combate em profundidade, no ponto em que quer pronunciar seu esfôrço.

B — Tomada do contato e montagem do ataque

552. Diante de um adversário em posição, a tomada de contáto tem por fim precisar a linha sôbre a qual o inimigo oferece uma resistência sólidamente organizada.

Diante de um adversário em movimento, consiste em determinar a frente de marcha do inimigo, e, até aí, levar e manter elementos destinados a constituir uma linha de fogos, ao abrigo da qual os grossos vêm tomar suas disposições de combate.

553. A tomada de contáto é realizada progressivamente. Os primeiros informes são fornecidos pelos próprios órgãos de reconhecimento terrestres e aéreos; êles permitem ao comandante da divisão orientar sua manobra; algumas vêzes mesmo serão suficientes para que se resolva passar diretamente ao ataque, tirando o maior proveito do efeito da surpresa. Entretanto, quase nunca a situação do inimigo ficará suficientemente definida pela ação desses órgãos; incumbe, então, às vanguardas completar os primeiros informes e tomar o contáto. Estas procedem por infiltração, progredindo assim, até que tenham atingido seus objetiyos, ou até ijué não possam mais avançar; aferram-se então ao terreno, para cobrir o desdobramento da divisão. Em geral, essas operações se efetuam automaticamente, por iniciativa dos

comandantes das vanguardas e de acôrdo com a missão que receberam.

554. Se o comandante da divisão entende que o contáto, assim obtido, não lhe permite ainda fazer uma idéia de conjunto suficientemente precisa da situação do inimigo, de sua força, de seu estado material e moral, impõe-se completar a tomada de contáto por ações parciais sôbre certos objetivos escolhidos em razão do interesse que apresentam para a continuação da operação (observatórios, pontos de apôio) e das possibilidades de ataque que oferecem a um efetivo restrito.

555. Essas ações parciais são geralmente realizadas pelo primeiro escalão de forças da divisão ou pelas próprias vanguardas, reforçadas, neste caso, por unidades ainda não empenhadas e apoiadas por tôda a artilharia disponível.

Em qualquer caso, o comandante da divisão pôde fixar a cada comandante subordinado, encarregado destas ações, um objetivo particular, ou coordenar seus esforços em um objetivo único.

C — Execução do ataque

556. A fórmula de ataque geralmente adotada pela divisão de cavalaria é a ação em duas ou mais direções convergentes. O ataque numa direção única só é admissível em casos especiais, como seja diante de uma posição inimiga muito extensa e fracamente mantida.

557. O dispositivo da divisão para o ataque geralmente compreende:

- uma base de manobra;
- uma massa de manobra;
- uma reserva.

558. O papel da base de manobra é, inicialmente, fornecer ao comandante da divisão, pelo contáto precisado ou não, os informes necessários para que o mesmo tome sua decisão quanto à ação a empreender. Durante o ataque, e de acôrdo com a situação de contáto, elementos que constituam a base de manobra poderão executar, reforçados se

fôr o caso, um ataque secundário, tendo em vista aferrar o inimigo pelo fogo, ou fixar Suas reservas pelo fogo e o movimento.

559. Num combate de encontro, a vanguarda constitúe normalmente a base de manobra; num ataque preparado,) outro elemento pôde ser designado para constitui-la.

560. A massa de manobra cabe integrar o grupamento de ataque principal, constituído pela maioria das fôrças da divisão, operando sob as ordens de um mesmo chefe e destinado a empreender a ação decisiva. Pode também constituir, além do grupamento de ataque principal, um ou mais grupamentos de ataque secundários, ou, ainda, reforçar rara êste fim, os elementos já em contáto, da base de manobra,

561. O ataque principal deve ser organizado em profundidade. O número de unidades a pôr em linha depende da extensão da frente de ataque, considerando que a de um regimento de cavalaria, a pé, não deve exceder, em princípio, de, 700 metros. Depende, também, das possibilidades de apóio da artilharia.

562. As ações dos grupamentos de ataque são coordenadas pelo comandante da divisão no que respeita à hora dô início do ataque, direções, objetivos, zonas de ação e quanto ao apóio da artilharia. A fim de tirar o maior partido da cooperação entre o ataque principal e o secundário, todos os meios disponíveis devem ser utilizados para assegurar-la.

563. Os grupamentos de ataque, deslocando-se a cavalo ou em viaturas, alcançam suas zonas de reunião por caminhos desenhados e prèviamente reconhecidos. A seguir, as diferentes unidades são colocadas face a seus objetivos, numa linha de partida.

564. À hora fixada, ou ao sinal convencionado, o ataque é desencadeado, bem apoiado por fogos e protegido em seus flancos. As unidades desenvolvem no mais alto gráu a potência de seus fogos, evitando as formações densas que acarretariam perdas desnecessárias, e avançam, destruindo o inimigo, forçando-o a abandonar suas posições ou a enterrar-se. Durante o ataque, tddas as unidades em linha acentuam a in-

tensidade de seus fogos, e se esforçam em progredir, ligando seus movimentos aos do ataque inicial.

565. O ataque é preparado e apoiado pela totalidade da artilharia disponível. Sua atuação se faz por concentrações sucessivas, rápidas e densas sôbre os órgãos de fogo inimigos, qua se oponham à progressão.

566. Parte das forças da divisão é mantida em reserva pára ser empregada, inicialmente, dentro do plano de ataque traçado e, posteriormente, de acôrdo com o desenvolvimento da operação.

A reserva é, em geral constituída mais fortemente, quando o inimigo dispõe de forças numerosas de cavalaria ou de outras tropas de grande mobilidade.

567. A reserva devo manter-se em condições de agir prontamente a pé, a cavalo ou em viaturas. O perigo de uma surpresa será menor se o inimigo não possuir fôrça de grande mobilidade, entretanto podem surgir oportunidades em que; o emprego rápido da reserva, durante o ataque, provoque resultados decisivos.

568. A reserva é, inicialmente, localizada em uma região favorável ao emprego que lhe é previsto no plano de ataque,, posteriormente, durante a ação, desloca-se de acôrdo com as ordens do comandante da divisão.

569. Em situações de emergências, o comandante da, reserva não deve hesitar em agir por iniciativa própria: faz, reconhecimentos pessoais, e mantém íntima ligação com os elementos dos grupamentos de ataque; prevê os possíveis., emprêgos da tropa sob seu comando e- prepara, em conse-, quência, planos provisórios. , , ;

570. Quando os grupamentos de ataque cerram sôbre; o inimigo ou atingem seus objetivos, a reserva deve estar em condições de ser empregada para--dar. impulsão ao ataque, num momento crítico, para- aproveitar o êxito ou fazer face, a contra-ataques. Pode ainda ser epipregada na perseguição, de um inimigo que tenta a retirada-- ou; reforçar as tropas, que ocupam a posição conquistada, •Finalmente, em caso .de, insucesso, se fôr necessário o■retraipnento das fôrças.-que:-

atacam, a reserva protegerá esse retraimento e a consequente reorganização daquelas forças.

571. Se o inimigo se mantém nas posições, ao ataque segue-se o assalto que tem por fim quebrar-lhe definitivamente as últimas resistências, ameaçando-o de uma destruição certa, pelo combate aproximado. Fogos levados ao mais alto grau de potência preparam e apoiam o assalto.

572. O assalto é conduzido pelos elementos em primeiro escalão, os demais seguem-nos, progredindo quanto possível, de uma posição de tiro a outra, prontos para apoiá-los ou acolhê-los, em caso de recuo.

573. Nem sempre o assalto apresenta o caráter de simultaneidade: no curso do ataque realizam-se assaltos locais, geralmente por pelotões ou mesmo por grupos que se lançam à abordagem, executando assim o último lance de sua progressão, depois da 0 ter preparado pela ação de tôdas as armas disponíveis.

574. O comandante da divisão acompanha o desenrolar do combate. Aciona sua reserva, de modo que ela esteja sempre em condições de intervir no menor tempo. Desde que o objetivo foi atingido, as tropas dos grupamentos de ataque colocam imediatamente no terreno conquistado suas armas automáticas, asseguram a cobertura de seus flancos e mantêm-se prontas para repelir os retornos ofensivos do inimigo. As unidades são reorganizadas e as reservas parciais são reconstituídas.

575. Caso o aproveitamento do êxito não pareça possível, o comando conserva o contato, organiza seus sistemas de fogos sobre a posição conquistada e mantêm-se pronto para retomar a progressão, logo que possa. Se estima que a posição mantida pelo inimigo não pôde ser forçada com os recursos da divisão, conserva o contato e toma suas disposições para, em caso de necessidade, retomar o ataque com os reforços que lhe forem enviados.

D — Aproveitamento do êxito

576. Quando o inimigo cede e revela-se incapaz de continuar uma resistência organizada, o comandante da divisão explora o êxito obtido na direção que lhe parece mais favorável à execução de sua missão. Para esse fim, utiliza todos os meios disponíveis, inclusive suas reservas, visando assegurar a continuidade da ação e exercer uma pressão implacável sobre as últimas resistências do inimigo.

577. O comandante da divisão apercebe-se do êxito pelo continuado avanço de suas tropas numa direção decisiva e pela conquista de objetivos importantes; pela quantidade « estado moral dos prisioneiros capturados; pela quantidade de material abandonado; pelo número de mortos; pela diminuição do fogo da artilharia; pelo relaxamento ou cessação das reações inimigas e pelos informes de que o inimigo está se retraindo.

578. O sucesso do aproveitamento do êxito depende da rapidez com que as tropas nele empregadas penetrem na brecha aberta e da natureza do apoio que possam receber para atingir seus objetivos. Isto exige uma preparação cuidadosa, tropas capazes de suportar os fortes contra-ataques das reservas inimigas, e operações vigorosas contra os flancos da brecha.

E — Perseguição

579. A perseguição é desencadeada desde que o inimigo, não sendo mais capaz de manter suas posições, se esforça por escapar à destruição, retirando-se.

580. Na previsão do desencadeamento da perseguição, o comandante da divisão de cavalaria determina as medidas preparatórias a serem tomadas. Tais medidas compreendem:

- elaboração de planos e ordens em todos os escalões;

- reagrupamento das reservas;

- passagem da artilharia à disposição dos elementos que tenham de exercer pressão direta sobre o inimigo;

— atribuição de objetivos afastados aos principais grupamentos táticos;

— atribuição de missões á artilharia de ação de Conjunto visando impedir o movimento em itinerários de retirada.

581. Geralmente as forças encarregadas da perseguição exercem uma ação frontal sôbre o inimigo para evitar que êle se reorganize e combinam esta ação com debordamentos ou envoltimentos tendo em vista isolá-lo e destruí-lo. Sempre que as circunstâncias ô permitam, ô cêrço por ambos os flancos do inimigo deve ser tentado.

582. Sômente uma perseguição empreendida a fundo, com energia e tenacidade permitirá obter resultados completos. As forças empenhadas numa missão desta natureza têm o dever de se empregarem até o limite da resistência de séus homens, cavalos e viaturas.

F — Cooperação da artilharia

583. O comandante da divisão dirige a ação de sua artilharia em tôdas as fases do combate por-intermédio do comandante da artilharia, file a reparte, para o ataque, em duas frações:

— uma, chamada de apoio direto, que deverá satisfazer aos pedidos de intervenção da tropa apoiada, acompanhando sua progressão, de perto, Com seus fogos;

— outra, chamada de ação de conjunto, que permitirá ao comandante da divisão fazer sentir sua ação no curso do ataque, por meio de concentrações de fogos nos pontos convenientes.

584. Á ação da artilharia divisionária na ofensiva com* preende:

— bombardeios preliminares e fogos de preparação, antes do ataque;

■— fogos de apôio, durante o ataque;

— fogos de interdição, de inquietação e contra-bateria.

585. A preparação da artilharia precede imediatamente a partida do ataque e tem por finalidade neutralizar os órgãos de fogo e de comando do inimigo. Em princípio, a preparação Compreenderá um sistema de fogos intensos e será de curta duração.

Em certos casos, porém, a preparação de artilharia pode ser suprimida e o comandante da divisão reserva todas as munções para o apoio do ataque.

1 586. Os fogos de apoio destinam-se a permitir ao atacante abordar o inimigo, antes que possa fazer uso eficaz de suas armas; a neutralizar, no momento oportuno, os observatórios e os pontos de onde o inimigo possa atuar, por seu fogo, sobre a tiopa atacante e ainda, a fazer abortar os contra-ataques.

tão piançados e executados de acordo com as necessidades da manobra, levando em conta os objetivos que o escalão de ataque tiver maior interesse em neutralizar. Empregam-se concentrações sucessivas sobre os diferentes objetivos, começando pelos mais próximos, sendo essas concentrações transportadas para objetivos mais distantes, à medida que o escalão de ataque seja por eles ameaçado, Q: transporte desses tiros será feito mediante entendimento entre as unidades de apoio e as apoiadas, podendo obedecer a um horário, segundo a velocidade prevista para o ataque, ou a pedido de observadores.

587. Os fogos de interdição e de inquietação visam essencialmente os pontos de passagem obrigatória, procurando impedir ou dificultar o reforçamento da frente. Esses fogos, bêm como os de contrabateria, serão conduzidos normalmente com observação terrestre OU aérea. rí; ur.

588. A realização e a manutenção da ligação entre as tropas que atacam e a artilharia que as apoia são essenciais. A justaposição dos postos de comando da artilharia dos grupamentos, ou regimentos, facilitam-na. Além disso, uma turma de ligação, comandada por um oficial, é enviada para junto de cada regimento que ataca, com a missão de informar sobre as possibilidades da artilharia e, de outra parte, precisar constantemente a essa artilharia a situação

e as necessidades do ataque. As turmas de ligação dispõem de meios de transmissões para possibilitar ligações rápidas e "seguras com o comândante da unidade que a 'destacou.

539. Observadores avançados são destacados pelos grupos de apôio direto para junto das unidades apoiadas; esses observadores asseguram, um apôio eficaz e oportuno, em tôdas as fases do ataque, em vista de poderem conduzir fogos nas proximidades imediatas do escalão de ataque.

590. Quando as circunstâncias não mais permitem' â artilharia apoiar eficazmente os combatentes da posição em que se acha, seu deslocamento toma-se necessário e deve efetuar-se por escalões, a fim de assegurar um apôio contínuo. Tôdas as medidas preparatórias são tomadas suficientemente cêdo, para que a interrupção do apôio das unidades postas em movimento seja a mais curta possível. (

<» — As ordens

591. A ordem de operações da divisão para o ataque 'deve ser breve. Deve fazer conhecer a situação geral, a missão da divisão, a ideia de manobra, o dispositivo, ôs objetivos, o papel da artilharia, a situação das reservas e, se fôr o caso, o papel dos carros e a cooperação da aviação.

Dá; além disso, prescrições concernentes às condições da localização das tropas, o desencadeamento da preparação, a hora ou sinal de ataque, o local dos pontos de comando, dos centros de informações, a organização das transmissões e a cobertura dos flancos. O funcionamento-dos suprimentos é das evacuações constará da ordem geral dos serviços.

Para mais detalhes, ver o manual C-101-5.

H — Postos de comando

592. O posto de comando da divisão é estabelecido de artilharia e das reservas da divisão. Deve ser de acesso fácil e, tanto quanto possível/situado ao alcance de um observatório.

O comandante da divisão fixa ou sanciona a localização dos postos de comando de seus subordinados imediatos,

o. Durante o combate, o comandante da divisão e os comandantes de grupamentos de ataque e regimentos têm toda a liberdade de se dirigirem para onde julgarem necessária sua presença; neste caso devem tomar suas disposições, para que a evolução do combate fique assegurada.

I — Ligações e transmissões

594. Em tôdas as fases do combate — marcha de aproximação, tomada de contáto, ataque — o comandante da divisão vela pela boa execução das ligações e transmissões. O posto de comando de divisão deve ser ligado de modo contínuo e por vários meios aos postos de comando dos grupamentos de ataque e regimentos, aos da artilharia, aos dos grupamentos que receberem uma missão particular e ao da reserva da divisão. O comandante da divisão procura também manter-se em ligação direta e constante com o comandante da grande unidade que marcha à sua rétrégua o qual deve ser conservado ao corrente da situação.

3 — Caso de uma divisão da cavalaria reforçada

595. Quando a divisão recebe em refôrço; unidades de outras armas (infantaria, artilharia, carros), emprega-as de acôrdo com os princípios seguintes;..

— infantaria. Em princípio, as unidades de infantaria não são engajadas durante as fases preliminares do combate; há, geralmente interesse em reservá-las para o ataque. Então, com os regimentos, na composição dos grupamentos de ataque.

— artilharia. Quando a divisão recebe reforços em artilharia, inclui êsses reforços na organização de sua artilharia para o 'combate dentro das regras previstas no n* 583.

Ô conjunto da artilharia ficará sob as ordens do comandante da artilharia divisionária, que reparte as missões, atribui os observatórios e as posições, e regula o remuniciamento.

Em certas circunstâncias, quando, por exemplo, a zona da divisão é especialmente compartimentada, o comandante da divisão pode atribuir aos grupamentos de ataque, ou regimentos em linha, unidade de artilharia.

596. Quando a divisão de cavalaria entra em ação sobre uma posição já ocupada por unidades de infantaria engajadas, ao comandante da divisão cabe organizar, sem demora, o comando na zona que lhe é afetada.

K — Carros

597. Ver o Manual C-17-36.

L — Artilharia antiaérea

598. Ver o Manual C-4-100.

M — Apôlo aéreo

599. Ver o Manual C-31-35.

ARTIGO n

COMBATE DEFENSIVO DA DTVISAO

A — Fisionomia do combate defensivo

600. Desde que o comandante da divisão tome a decisão de estabelecer-se na defensiva, determina a posição de resistência e nela organiza, antes de tudo, uma rede continua de

fogos cruzados. Prescreve a conduta em caso de ataque e faz recolher à retaguarda as impedimentas, os cavalos e as viaturas dos combatentes. Fixa a posição dos postos avançados gerais e prescreve-lhes, com precisão, as normas de ação em caso de ataque. Parte das forças da divisão será mantida em reserva.

601. Se o combate defensivo fôr uma fase de uma ação retardadora, o comandante da divisão fará reconhecer, à retaguarda, posições sucessivas, que serão ocupadas por elementos incumbidos de organizá-las, caso seja possível; neste caso, os cavalos de mão e as viaturas do regimento de cavalaria motorizado são mantidos tão perto das unidades engajadas quanto o permitam as circunstâncias.

602. Graças à sua dotação em armas automáticas e à mobilidade dos elementos que pode manter em reserva, a divisão de cavalaria é capaz de combater defensivamente em frentes extensas comparativamente a seus efetivos. Todavia, quando dispõe apenas de seus meios orgânicos, só lhe é possível executar uma defesa de duração limitada: sendo capaz de conter momentaneamente o inimigo, sua resistência não poderia, entretanto, prolongar-se eficazmente contra um adversário com possibilidades de manter um ataque metódico, com meios poderosos. Quando a divisão é incumbida de resistir durante um certo tempo sobre uma posição, o comando superior é geralmente levado a reforçá-la em infantaria, artilharia e carros.

B — Organização de defesa

603. Escolhida a posição de resistência, o comandante da divisão para aí conduz suas primeiras unidades disponíveis, cobrindo-as por postos avançados gerais. A organização de uma rede contínua de fogos cruzados é, desde logo, iniciada.

604. O comandante da divisão estabelece seu plano de manobra e faz baixar as ordens necessárias à sua execução. Tais ordens devem conter:

— a situação do inimigo;

- a missão da divisão;
- a posição de resistência;
- a posição dos postos avançados gerais;
- o dispositivo da divisão (zonas de ação, artilharia, reservas);
- a conduta a manter pelos postos avançados gerais;
- o papel da artilharia e da engenharia;
- o local dos cavalos de mão e das viaturas;
- os trabalhos a executar e sua ordem de urgência;
- as ligações a estabelecer no interior da divisão e com as unidades vizinhas, se fôr o caso;
- localização dos pontos do comando;
- as transmissões a organizar;
- a organização das comunicações, dos suprimentos e das evacuações.

605. A posição de resistência é escolhida tendo em vsfc, tirar o máximo proveito do terreno. Deve assegurar a posse de observatórios com vistas longínquas, possuir bons campos de tiro e proteção contra a observação do inimigo. A existência de obstáculos naturais é fator de grande importância, sobretudo quando o inimigo dispõe de fôrças mecanizadas ou blindadas. Cobertas capazes de dissimular o dispositivo e o movimento das reservas favorecerão o jôgo das mesmas.

606. A posição de resistência comporta organizações mais ou menos desenvolvidas, mantidas por núcleos de defesa que se apoiam mutuamente e dispostos de modo irregular, em largura e profundidade.

A linha que une a orla exterior dos núcleos de defesa mais avançados é chamada Unha principal de resistência.

Deve ser coberta por obstáculos, tanto quanto possível, contínuos, na frente dos quais é organizada uma barragem de fogos de armas automáticas e petrechos, destinada a quebrar os ataques. Os fogos de artilharia são ajustados para reforçar

essa barragem nos pontos particularmente perigosos, e mesmo supri-la nas zonas, desenhadas.

607. A profundidade da posição de resistência é obtida pelo escalonamento dos elementos de apoio e das reservas. O conjunto da rede de fogos da posição deve tender a formar um dispositivo irregular de elementos que se apoiam e flanqueiam mutuamente.

603. O traçado da orla exterior deve prestar-se a defesa pelo fogo nas melhores condições; assim é que, em certos casos, poder-se-á utilizar a contra-eneosta, a fim de subtrair os órgãos de fogo às vistas diretas do inimigo. Geralmente adotar-se-á um traçado quebrado, de maneira a permitir flanqueamentos eficazes. Há conveniência em localizá-la longe de cobertas que permitam ao inimigo desembocar de curta distância.

60D. A posição dos postos avançados gerais é definida e organizada nas condições fixadas pela 2ª parte deste manual. Normalmente não será estabelecida além do alcance eficaz da artilharia leve da posição de resistência.

A deficiência de efetivos nem sempre permitirá às tropas que a guarnecem o estabelecimento de fogos contínuos. Ocupam, então, certos pontos do terreno sobre os caminhamentos prováveis do inimigo e, se possível, organizam-se nêles defensivamente. Lançam à sua frente um sistema de vigilância, completado, em seus intervalos, por meio de patrulhas; os elementos mecanizados são, durante o dia, particularmente aptos para essa missão.

610. Se os pontos avançados gerais estiverem a considerável distância da posição de resistência, o terreno à frente dessa posição deve ser temporariamente ocupado por postos avançados de combate, tirados de cada regimento da linha principal de resistência. Sua missão é proporcionar segurança local, ganhar tempo em proveito da tropa que os destacou e iludir o inimigo quanto à localização da resistência principal. Seu efeito aproximado pôde ser fixado previamente pelo comandante da divisão.

Organização do terreno — Fogos

611. A organização do terreno e o desencadeamento dos fogos são realizados como foi indicado na 3ª Parte capítulo 1, artigo III (Combate defensivo) deste manual, e como está; previsto no C-100-5 n.ºs. 610 a 625.

D — Dispositivo

612. Em razão da mobilidade de suas unidades e do número de armas automáticas que pôde por em linha, a divisão tem possibilidade de combater sobre uma larga frente. Quanto mais extensa for essa frente, menos profundo será o dispositivo, menos eficaz o apoio da artilharia e, conseqüentemente, menos longa a duração da resistência da divisão.

613. O regimento é a unidade em que o comandante da divisão baseia seus planos para a organização da posição. Admite-se, geralmente, que a frente mantida por um regimento é, em princípio de 1.000 metros, podendo ser elevada a 2.000 e 3.000 quando o terreno for favorável; uma frente maior não permite estender senão uma cortina. Pondo em linha o efetivo de dois regimentos de cavalaria e seu regimento de cavalaria motorizado a divisão pode, então, combater numa frente que varia de 5 a 9 quilômetros; numa missão de cobertura, entretanto, pôde ser levada a combater numa frente mais extensa.

614. As tropas dispostas na posição de resistência se organizam em núcleos de defesa de modo que seja mantida a continuidade do fogo na frente da linha principal e detidar a progressão de um assaltante que tenha conseguido penetra* na posição.

A distância entre estes núcleos não deve ultrapassar o alcance eficaz das armas portáteis; deve, entretanto, ser suficientemente grande para evitar que dois núcleos sejam abrangidos pela dispersão de um mesmo tiro de artilharia.

615. Os cavalos de mão e as viaturas das unidades em posição são enviados para a retaguarda, a uma distância dos combatentes que varia segundo as circunstâncias.

616. Os postos avançados de combate são fornecidos pelas unidades da linha de resistência.

Os postos avançados gerais são destacados das reservas.

617. As reservas da divisão, sempre que possível, compreendem unidades constituídas. Essas reservas, a cavalo ou em viaturas se for o caso, são mantidas na retaguarda da posição de resistência, em locais escolhidos, em vista de sua intervenção eventual e, tanto quanto possível, próximo das estradas que lhes permitam usar sua mobilidade.

E — Conduta do combate.

618. Enquanto o ataque não está iminente, as tropas destinadas a defender a posição de resistência estacionam próximo às suas posições, em condições que lhe permitam executar os trabalhos prescritos, poupando toda fadiga inútil. Desde que se esboça o ataque, tomam suas posições, sob a proteção dos postos avançados.

619. Os postos avançados gerais, de acôdo com as ordens do comandante da divisão, resistem no local ou se retraem, assegurando ao grosso o tempo de tomar suas disposições de combate. Se têm ordem de resistir, a artilharia apoia sua defesa, batendo os acessos à posição, e, depois, os intervalos dos pontos de apoio que ocupam. Se devem retrair-se, o fazem em condições de tempo e seguindo câminhamentos nitidamente determinados, de modo que a artilharia possa, por seus tiros de deter, proteger seu recuo.

620. Quando o ataque está iminente, o general pode prescrever a execução da contrapreparação, na qual, frequentemente, as metralhadoras e os demais petrechos poderão colaborar útilmente.

621. Quando o ataque irrompe, a artilharia e as unidades em linha esforçam-se em detê-lo por meio de uma ação

cômum: seus sistemas de fogos, estreitamente coordenados, se completam. Os fogos de deter da artilharia interditam mais especialmente as partes do terreno que as armas automáticas batem mal, em razão da tensão de suas trajetórias e São desencadeados, em princípio, sôbre os elementos do escalão de ataque.

622. Engajado o combate, o comandante da divisão dirige-o, controlando os fogos, regulando a intervenção de suas reservas e preocupando-se em manter a integridade da posição de resistência.

623. Se o inimigo penetrar na posição de resistência, as unidades em linha e a artilharia empenham-se em limitar sua progressão, enquanto as reservas locais contra-atacam, aproveitando os momentos de confusão que se seguem imediatamente à penetração.

624. As reservas da divisão são empregadas pelo general, para realizar contra-ataques, para substituir unidades na posição, ocupar posições à retaguarda, prolongar os flancos da posição e, excepcionalmente, para reforçá-la.

625. Os contra-ataques devem ser preparados minuciosamente e desencadeados, tanto quanto possível, de surpresa, mas sem precipitação. Há sempre interesse em dirigí-los contra o flanco do inimigo. Não exigem grandes efetivos, porém um forte apôio de artilharia e sempre que possível a cooperação dos carros. Os contra-ataques têm sempre um objetivo limitado e bem conhecido de tôdos os executantes. Para atingi-lo rapidamente as forças que contra atacam progredem, aproveitando os efeitos da neutralização produzidos pelo fogo. ;

626. Quando as circunstâncias o permitem, as reservas podem ser empregadas para efetuar uma manobra sôbre ps flancos do inimigo.

F — Cooperação da artilharia

627. Ém princípio, tòda a artilharia da divisão deve

estar em condições de intervir diante da linha principal de resistência e o mais perto possível desta.

628. O conjunto da artilharia se escalona atrás da linha principal de resistência, de maneira que seu escalão mais avançado possa bater profundamente a zona inimiga e apoiar os mais recuados núcleos de defesa da posição.

629. O traçado da posição de resistência deve ser ajustado, de modo a assegurar à artilharia bons observatórios.

630. Antes do inimigo ter montado seu dispositivo de ataque, a intervenção da artilharia tem por fim retardar a tomada desse dispositivo. Em seguida, quando o ataque está iminente, sua intervenção se faz sob a forma de contra-emprego cujo fim é fazê-lo abortar, desorganizando ou destruindo o dispositivo inimigo. Uma vez desencadeado o ataque, a artilharia executa fogos de deter, para quebrá-lo, dissociá-lo e, finalmente, detê-lo. Deve, além disso, estar sempre em condições de apoiar os contra-ataques.

631. O plano de fogos, estabelecido pelo comandante da artilharia divisionária, segundo as instruções do comandante da divisão, compreende, no caso mais geral:

- tiros na frente da posição dos postos avançados gerais;
- tiros entre aquela posição e a posição de resistência;
- tiros diante da posição de resistência;
- tiros no interior da posição de resistência.

632. A artilharia orgânica não tem possibilidade de desencadear barragens eficazes senão em partes limitadas da frente. Isto exige um cuidadoso estudo, a fim de que seja feita uma judiciosa escolha das regiões de aplicação dessas barragens.

633. A barragem geral, compreendendo barragens fixas da artilharia e tiros das outras armas da defesa, dispostas para concorrer à barragem, será desencadeada mediante um sinal convencional.

634. As turmas de ligações funcionam segundo as mesmas regras do combate ofensivo.

< } _ Defesa antiearro, antiaérea e contra gases.

Ver na 2ª Parte dêste manual, capítulo 2, artigo V

CAPÍTULO 3 .

MOVIMENTOS RETÓGRADOS

ARTIGO I

GENERALIDADES

635. Movimentos retrógrados são aqueles que uma tropa efetua para a retaguarda, ou para furtar-se ao inimigo. Podem ser impostos pelo inimigo ou realizados voluntariamente. Classificam-se como retraimento, retirada e ação refardadora.

636. Os movimentos retrógrados podem ser feitos para atender a uma ou mais das seguintes finalidades :

- Romper o combate
- Evitar o combate em situação desvantajosa
- Atrair o inimigo a uma situação desfavorável
- Ganhar tempo, sem empenhar-se em combate decisivo
- Adaptar-se ao deslocamento de outra tropa local.
- permitir o emprêgo de parte da tropa em outro

637. Os movimentos retrógrados exigem controle e fiscalização constante por parte de todos os chefes.

A presença de forças blindadas e de aviação de combate inimigas aumenta a dificuldade de execução desses movimentos e impõe a organização e ocupação de posições à retaguarda, antes de seu início.

ARTIGO II

RETRAIMENTO

638. O retraimento é a operação de romper o combate

cora o inimigo. Sua finalidade é recuperar ou preservar a liberdade de ação dos grossos; sem, contudo, perder o contato Com as forças inimigas,

O retraimento termina, seja com o reagrupamento das unidades em zonas de reunião, previamente determinadas, seja pela ocupação de uma nova posição à retaguarda.

639. Em qualquer caso, o comando que ordena o retraimento designa uma posição de cobertura destinada a proteger a reunião do grosso das forças, e destaca para guardá-la uma força de cobertura constituída de elementos muito móveis e de grande potência de fogo.

A divisão de cavalaria é apta para executar essa cobertura em proveito de outras grandes unidades.

640. Quando é a própria divisão de cavalaria que vai executar um retraimento, seu comandante determina a posição de cobertura e as tropas que deverão ocupá-la. Neste caso, o regimento de cavalaria motorizado, reforçado com artilharia, carros, elementos de engenharia e, se possível, de guerra química, é particularmente indicado em condições favoráveis de terreno, para constituir essa força de cobertura.

641. Durante o retraimento, impõe-se a descentralização, a fim de tornar possível aos chefes subordinados conduzirem-se de acordo com a situação particular de cada um. Entretanto o comando retoma o controle da operação, mediante a designação de zonas de reunião ou pela constituição da coluna num ponto inicial.

642. Os comandantes de unidades subordinadas designam pontos de reunião para as tropas, à retaguarda de um escalão de acolhimento, constituído com as suas reservas. Desses pontos de reunião, as unidades dirigem-se para a zona de reunião da unidade superior.

643. Quando o retraimento se processar por escalões sucessivos, a ordem de urgência das unidades tem particular importância. Neste caso, as unidades que estiverem menos empenhadas têm prioridade; entretanto, a situação pode

levar o comandante a ordenar o retraimento, em primeira urgência, daquelas que estiverem mais expostas, ou sujeitas a maior pressão do inimigo, desde que não comprometa o conjunto de suas forças. O retraimento por escalões sucessivos tem a vantagem de permitir que as unidades que permanecem em posição protejam o deslocamento das que se retráem.

A — Retraimento diurno

644. O comandante fixa a constituição da força de cobertura e determina por quanto tempo esta força deverá manter a posição, o que depende do tempo necessário ao retraimento e à reunião do grosso.

645. A missão da força de cobertura é deter, limitar ou desviar o avanço inimigo. A sua posição é localizada sobre os eixos de retraimento e, em certos casos, nos seus flancos.

646. Após a reunião do grosso, a força de cobertura passa a constituir, seja a retaguarda das colunas de marcha, sejam os postos avançados gerais, no caso da ocupação imediata da nova posição, seja ainda a cobertura dessa nova posição, caso esta última esteja situada a grande distância.

647. O retraimento deve ser iniciado antes que as tropas em posição estejam aterradas pelos fogos inimigos.

Caso contrário, somente com o desencadeamento de contra-ataques de desaferamento, à base de carros, será possível o rompimento do combate por parte dos elementos já aferrados.

648. O retraimento durante o dia acarreta normalmente perdas muito pesadas para as tropas que o realizam. Em muitos casos, tornar-se-á preferível manter a todo o custo a posição com o fim de só efetuar o retraimento durante a noite.

B — Retraimento noturno

649. Neste caso, o retraimento da maior parte das forças

empenhadas inicia-se pouco depois do anoitecer. Reduzidos elementos: retirados das tropas mais avançadas, são deixados em presença do inimigo, constituindo o escalão de contáto. Sua missão é disfarçar o retraimento, dando a impressão de que a posição continua ocupada; para esse fim, esforçam-se em manter a atividade normal da posição, por meio de fogos, patrulhas, emprego de meios de transmissão, etc.

Sempre que a situação o permitir, as unidades efetuam o retraimento simultaneamente.

650. A segurança da operação é realizada, como, no retraimento durante o dia, pelo estabelecimento de uma força de cobertura, cuja finalidade é, inicialmente, acolher o retraimento do escalão de contáto e, posteriormente, cobrir do grosso das forças.

ARTIGO II

RETIRADA

651. A retirada é a operação pela qual uma tropa procura reconquistar sua liberdade de ação, deslocando-se para a retaguarda.

Executa-se segundo um plano bem definido (p) tem por finalidade evitar um combate decisivo nas condições " existentes no momento.

Quando um retraimento preceder a retirada, esta só tem início depois que as colunas de marcha estiverem formadas.

652. Nenhum comandante tem autoridade para ordenar a retirada, por iniciativa própria simplesmente em virtude de insucessos locais ou revêses sofridos por unidades vizinhas. Tal ordem só se justifica quando esgotadas todas as possibilidades de cumprir a missão e a continuação do combate levar a excessivas perdas ou à derrota total.

653. Na divisão de cavalaria, o comandante descentraliza a operação, executando-a por agrupamentos táticos.

As unidades iniciam a retirada, dispostas em colunas, normalmente em larga frente e utilizando todos os itinerários disponíveis. As unidades a cavalo podem deslocar-se através campo, por itinerários previamente balisados.

Uma zona de ação é, geralmente, atribuída a cada unidade de combate, de valor comparável ao regimento.

654. A proteção antiaérea deve ser estabelecida nos desfiladeiros importantes dos itinerários de marcha. À medida que a retirada vai se processando, a artilharia antiaérea desloca-se rapidamente, por lanços, de zona em zona, tendo, para retirada, especialmente sobre os flancos.

655. A aviação de reconhecimento cabe conservar sob observação qualquer força inimiga que possa interferir na retirada, especialmente sobre os flancos.

656. A segurança deve ser garantida em todas as direções. Se a retirada puder ser realizada só à noite, a força de cobertura para o retraimento proporcionará suficiente segurança à operação. Se o movimento prosseguir durante o dia, será necessário estabelecer uma retaguarda, constituída pelos elementos que integravam a cobertura, reforçados, se assim o exige a situação.

Quando for necessário, a retaguarda se sacrifica no cumprimento da missão.

657. Especial atenção deve ser dada às medidas necessárias para neutralizar os ataques de blindados sobre os flancos das colunas.

ARTIGO IV

AÇÃO RETARDADORA

658. A ação retardadora é um movimento retrógrado, realizado com a finalidade de ganhar tempo, retardando o avanço inimigo e evitando uma ação decisiva.”

É um recurso utilizado pelo comandante quando a sua preparação está incompleta e o inimigo tem superioridade.

Pód3 ser empregada, seja nas fases iniciais da batalha, seja na sua fase final. Encontra ainda especial aplicação nas operações das forças de cobertura e dos outros elementos da segurança.

G53. O retardamento do avanço inimigo geralmente se faz por meio de resistências limitadas em posições sucessivas. Entretanto, a defesa numa única posição, a ação ofensiva, ou mesmo uma combinação dessas ações, podem ser utilizadas com a mesma finalidade.

■ 660. A ação retardadora em posições sucessivas consiste em uma série de ações defensivas temporárias, cada qual seguida de um retraimento para a posição seguinte.

Sòmente a primeira ou as duas primeiras posições de retardamento são ocupadas inicialmente; neste último caso, os elementos que ocupam a primeira posição podem retrair-se, quando forçados a isso, para uma terceira. Dêste modo o movimento retrógrado prossegue, por lanços alternados.

661. Sempre que a situação o permitir o contáto com o inimigo é estabelecido o mais a frente possível, por intermédio dos elementos de reconhecimento que recebem a missão de realizar um primeiro retardamento do inimigo.

O emprego de destacamentos retardadores e de postos avançados, bem como de obstáculos de tôda natureza, em particular os campos de minas, são meios de que p comando lança mão para retardar o inimigo à frente da posição.

Os carros de combate serão particularmente úteis nesta fase da ação.

662. A intensidade da ação retardadora atinge o seu máximo, quando o contáto com a posição de retardamento é estabelecido. Ganha-se tempo obrigando o inimigo a reconhecer a posição, aproximar seus meios e manobrar.

Normalmente, o retraimento é efetuado antes que sérias perdas possam ocorrer, a menos que a missão exija uma resistência mais prolongada.

663. Todas as oportunidades devêm ser aproveitadas

para o emprego ofensivo de fortes elementos contra os flancos e à retaguarda do inimigo. Tiros longínquos de metralhadoras contra colunas inimigas, desencadeados de posições de flanco produzem, muitas vezes, ótimos resultados.

664. As posições de retardamento devem, tanto quanto possível, oferecer bons campos de tiro, possuir bons observatórios, ter os flancos protegidos, dispor de obstáculos naturais à sua frente e de cobertas que facilitem a rutura do combate.

Em terreno plano e limpo, a ocupação de posições na crista topográfica facilitará o retraimento.

665. Em princípio, a distância entre duas posições de retardamento sucessivas deve ser tal que obrigue o inimigo a deslocar sua artilharia para realizar o ataque a cada uma das posições.

- 666. Além das indicações sobre a situação, a manobra do escalão superior, o comandante de uma unidade que vai realizar uma ação retardadora recebe uma missão que deve conter essencialmente:

— a direção geral que deve manter durante o movimento retrógrado;

— a zona de ação;

— as condições de tempo e de espaço para a execução da missão (linha de onde deverá iniciar o retardamento, prazos, etc.):

— conduta em fim de missão.

637. O comandante de uma unidade que executa uma ação retardadora coordena as ações dos subordinados pela constante ligação através todos os meios de transmissão possíveis e pela observação pessoal. Os retraimentos devem ser previstos e planejados cuidadosamente. Durante o deslocamento de uma posição para outra há, geralmente, uma descentralização para que cada subordinado possa agir de acordo com sua situação particular. Entretanto, o comando retoma o controle da operação logo que a nova posição esteja ocupada.

668. A artilharia representa, na ação retardadora, um papel capital, procura atingir o adversário o mais longe pos-

sível para obrigá-lo a desdobrar-se e a progredir através campo, muito antes de abordar a posição. Atua sobre objetivos que lhe são assinalados e sobre pontos de passagem obrigatória ou sobre os caminhamentos mais favoráveis à progressão do inimigo. Em certos casos, frações de artilharia podem ser postas à disposição das unidades.

669. A engenharia é empregada para estabelecer zonas de barreiras, compreendendo minas, destruição e outros obstáculos, à frente da primeira posição de retardamento e no intervalo entre as posições sucessivas. Parte dela é dada em reforço aos destacamentos retardadores.

670. Tropas químicas podem ser empregadas para colocar barreiras de agressivos químicos persistentes, na frente e nos flancos de cada posição, bem como para reforçar os elementos que operam à frente das mesmas.

Para prescrições particulares referentes à divisão de cavalaria na ação retardadora ver 2ª Parte, capítulo 2, artigo IV, deste manual.

CAPITULO 4

CASOS PARTICULARES DO COMBATE

ARTIGO I

ATAQUE ATRAVÉS DE UM CURSO D'AGUA

A — Generalidades

671. Tendo de realizar a transposição de um curso d'água, a cavalaria aproveita sempre sua mobilidade para deslocar-se ao longo da margem, em busca de pontos sem defesa, ou fracamente mantidos pelo inimigo.

Não se póde esperar que seja capaz de tentar uma travessia em presença de uma forte resistência, sem o apoio de elementos complementares.

Entretanto, em qualquer caso, deve basear-se nas normas estabelecidas neste artigo e na doutrina firmada pelo manual C-100-5.

672. Quando a divisão de cavalaria tem de realizar uma transposição a viva força, articula-se geralmente em :

- grupamento de ataque principal;
- grupamento (ou grupamentos) de ataque secundário encarregado de realizar fintas em outras partes da frente de transposição;
- reserva.

673. O terreno assume influência decisiva sobre a escolha dos pontos para a travessia, desde que tenha de ser efetuada diante do inimigo. É indispensável a existência de itinerários de aproximação cobertos, de observatórios para a artilharia

e de locans favoráveis à instalação das armas. As margens devem facilitar as operações de embarque. Os pontos, onde o rio é mais estreito e a água junto às margens menos profunda, dev[^]m ser preferidos. Os cotovelos, formando salientes em direção à força atacante, favorecem a concentração de fogos, de frente e de flanco, sôbre as forças defensoras. Contudo, êss[^]s salientes limitam a manobra da tropa atacante após a travessia e podem obrigá-la a ter que executar um ataque frontal, contra posições inimigas localizadas na base do saliente. O terreno na margem contrária deve apresentar posições apropriadas ao estabelecimento de uma cabeça de ponte, posições cuja captura privará o inimigo de observatórios para sua artilharia, assegurará a proteção dos elementos restantes na travessia e proporcionará bastante espaço para o desenvolvimento de t[^]da a unidade, tendo em vista o ataque que se deve seguir após a travessia.

674. Nessas operações, os elementos de engenharia, orgânicos da divisão de cavalaria, são empregados para auxiliar as operações de travessia. A colocação de elementos à disposição das pequenas unidades depende inteiramente da disponibilidade dêstes elementos e da natureza do obstáculo constituído pelo rio. Todos os esforços devem ser feitos para colocar à disposição da cavalaria que vai atravessar um curso d'água invadeável, como refôrço, elementos de equipagens de pontes. Em todos os casos, é necessária uma completa coordenação da engenharia orgânica, com a que estiver à disposição.

675. O trabalho mais difícil de uma operação de travessia é o de harmonizar as exigências táticas e técnicas. A travessia propriamente dita das forças atacantes depende em grande escala do grau de instrução técnica dos elementos.

676. Nas operações de pequena envergadura, quando não houver tropa de engenharia à disposição, as unidades devem construir os meios para a realização da travessia. Para isto, poderá ser necessário construir balsas, reunir os botes disponíveis, ou fazer t[^]da a unidade ou parte dela atravessar a nado.

B — Fases da operação

677. Uma operação de transposição & viva força compreende, normalmente, as seguintes fases:

1* — Preliminar — reconhecimento e preparação da travessia.

2* — Travessia propriamente dita e conquista de uma zona que elimine o fogo eficaz e direto das armas portáteis contra a frente de travessia.

3» — Prosseguimento do ataque e conquista sucessiva.

— de uma zona que elimine o fogo da artilharia observado de terra, contra o local ou locais escolhidos para a ponte de equipagem e que possa ser apoiada pela artilharia leve da margem amiga;

— de uma zona que elimine todo o fogo de artilharia contra os locais das pontes, proporcionando o espaço necessário à manobra, na margem inimiga.

678. Os reconhecimentos táticos e técnicos são iniciados desde os primeiros momentos das operações ofensivas. O comando necessita de informações para estabelecer seu plano de manobra e, para esse fim, lança mão de todos os órgãos de reconhecimento disponíveis.

679. Os reconhecimentos devem ser efetuados simultaneamente, a fim de facilitar a coordenação, desde o seu início,

— Os reconhecimentos técnicos compreendem a localização de vau ou outros pontos de travessia, tanto para os ataques principais, como para as fintas, e outros dados quanto à natureza do terreno em ambas as margens do rio. Os táticos dizem respeito ao efetivo e: localização das tropas inimigas na margem; do rio; de seus elementos de apoio e de suas reservas.

680. Durante os reconhecimentos, a unidade deve ser mantida num local distante do curso d'água, e, uma vez escolhidos os pontos de travessia para as fintas, conduzida para suas proximidades. Em seguida, enquanto os elementos

incumbidos desta parte da operação prosseguem em direção a seus objetivos, o restante da unidade deve mudar de direção, quer durante a noite, quer utilizando todos os caminhamentos desenhados disponíveis e se dirigir ao local escolhido para a travessia principal. Se este deslocamento for efetuado após o escurecer, deverá ser iniciado a uma hora tal que a travessia possa ser começada ao amanhecer, ou antes. Os elementos de engenharia, sob a proteção de um destacamento de cobertura, devem se deslocar à frente da unidade e efetuar os preparativos necessários à travessia dos elementos de combate.

Éstes, por sua vez, deslocam-se para a frente, na ordem em que estão escalonados para a travessia. As armas de apoio devem se deslocar com os primeiros elementos, para serem colocadas em posição, em condições de apoiá-los desde o início da travessia.

681. A finta constitui, normalmente, o ataque secundário da operação. Sua finalidade é atrair, em proveito do ataque principal, os elementos de apoio e as reservas do inimigo e levar o comando adversário, mantido na incerteza, a empenhar suas forças numa direção errada, ou tardiamente. Para cumprir integralmente sua missão, a tropa encarregada da finta deve iniciar suas operações antes do ataque principal, de maneira a atrair as reservas inimigas, mas não com tanta antecedência que seus esforços sejam desperdiçados.

682. A finta deve ser feita com a maior realidade possível e se transformará numa verdadeira travessia se, por acaso, não houver uma resistência efetiva por parte do inimigo. Nesta eventualidade, poderá vir a prestar uma eficiente ajuda ao ataque principal, por meio de ameaças ao flanco e à retaguarda do inimigo, ou mesmo passar a constituir, a ação principal.

As tropas que realizam a finta devem ser suficientemente fortes para cumprir sua missão e protegerem-se, caso logrem efetuar a travessia.

, 683. Se as tropas encarregadas da finta não efetuarem

a travessia, devem receber ordens para cessar o ataque e, logo que o êxito da travessia principal estiver assegurado, ser deslocadas para o ponto da travessia principal.

684. A finta pode consistir apenas no ato de se deslocar a .ro a em direção a um ponto }rovável de travessia e, então, mudar do direção, sob a proteção dos abrigos e cobertos existentes dirigindo-se ao local escolhido para a travessia propriamente dita. Pode-se também, fazer uma finta, utilizando-se uma cortina de fumaça em pontos apropriados, o que poderá levar o inimigo a supor que está sendo tentada uma transposição nesses locais.

685. No ataque principal, a travessia pode ser executada a vau, a nado, em pontões, balsas e portadas. Deve ser feita em uma larga frente, recebendo cada unidade um ponto ou uma zona de travessia.

686. A travessia pode ter lugar, totalmente ou em parte, sob a proteção da noite. Entretanto, devido à confusão e à desorganização resultantes das operações noturnas, é difícil a uma grande unidade efetuá-la antes do amanhecer.

O momento mais aconselhável é o que permite aos primeiros elementos, isto é, os destacamentos de cobertura e as tropas encarregadas da cabeça de ponte, chegarem na outra margem pouco antes do amanhecer.

687. Os destacamentos de cobertura atravessam o rio, evitando os pontos que possam estar batidos pelas metralhadoras inimigas, mesmo que o tenham de fazer em lugares menos favoráveis sob o ponto de vista técnico. Logo que atingem a margem oposta, desenvolvem-se, tendo em vista flanquear, ou eliminar, as posições de metralhadoras e quaisquer outras resistências idealizadas próximo ao rio, e que possam ter sob seus fogos os pontos de travessia mais favoráveis. O combate para a posse dessas posições deve ser iniciado em terra e não durante a travessia.

688. A travessia, uma vez iniciada, deve continuar tão rapidamente quanto possível. Os demais elementos normalmente atravessam, a seguir, por diversos processos. Logo

que atingem a margem oposta, progridem e procuram conquistar a cabeça de ponte.

A conquista dêste objetivo deve privar o inimigo de observatórios para sua artilharia e de posições, de onde lhe seja possível, com suas metralhadoras, hostilizar as tropas duramente a travessia. Os elementos encarregados da cabeça de ponte devem ser bem dotados de material anticarro.

389. Em seguida, a posição deve ser ampliada rapidamente, a fim de serem eliminadas todas as possibilidades de fogos de artilharia sobre quaisquer pontos, por onde tenha de passar o grosso das tropas.

690. Finalmente têm lugar a travessia dêste, levando consigo seus cavalos e viaturas, e o ataque prossegue.

691. Normalmente, não se atira, enquanto a travessia não foi descoberta pelo inimigo.

ARTIGO H

DEFESA DE UM CURSO D'ÁGUA

692. As posições defensivas organizadas em terreno próximo a um curso d'água, em virtude da própria natureza do obstáculo, são particularmente importantes.

Ainda que o curso d'água e o terreno adjacente não ofereçam obstáculos de grande valor, a tropa que vai tentar a travessia, normalmente ficará numa situação desvantajosa durante a operação.

603. Um curso d'água pôde ser defendido de três modos: no lado inimigo, na própria margem do curso d'água e em uma posição afastada do mesmo.

A — Defesa no lado inimigo

694. Este processo pressupõe que as forças da defesa estejam de posse dos pontos de travessia existentes, ocupando uma ou mais posições defensivas. Estas devem estar localizadas de modo a impedir o fogo da artilharia inimiga contra

os locais onde existem pontes e garantir espaço suficiente para a manobra.

695. Se possível, é estabelecido o contáto e iniciada a ação retardadora, estando o inimigo ainda bem distante do curso d'água. '

B — Defesa na própria margem do rio

696. Nôste caso, o rio é utilizado como obstáculo imediatamente & frente da posição de resistência e o inimigo é atacado ainda na sua margem e enquanto está efetuando a travessia.

A organização da defesa é semelhante a de qualquer posição defensiva; com a particularidade de que as posições na margem devem ser mantidas com fortes elementos, e reservas adequadas devem ser guardadas para intervirem nas regiões decisivas, isto é, em qualquer ponto onde o inimigo tente a travessia.

697. A defesa eficiente de um curso d'agua nestas condições exige um conjunto de circunstâncias favoráveis, tais como: frente compatível com o efetivo da unidade encarregada da defesa; segurança nos flancos; inexistência de pontos de passagem fora da zona defendida; largura do rio suficiente para permitir bater o inimigo por um certo tempo, durante a travessia.

698. A natureza das margens, em ambos os lados, deve ser considerada: margens em barranco dificultam a ação das forças inimigas. A existência de abrigos e cobertas no lado inimigo facilita o lançamento de meios de passagem e a proteção do pessoal.

D — Defesa afastada do curso d'água

699. fiste processo tem aplicações gerais e permite obter resultados decisivos. A margem do curso d'água é mantida por elementos relativamente fracos, ao passo que o grosso das tropas é localizado à retaguarda, a uma distância tal, e

num dispositivo que lhe permita deslocar-se rapidamente para qualquer ponto onde uma travessia em fôrça seja tentada. Sua conduta é ofensiva, uma vez que a finalidade é eliminar as forças inimigas que tentem estabelecer-se na margem amiga.

700. Além desta disposição das tropas que constituem o grosso, são ainda características normais desse tipo de defesa:

- Reconhecimento aéreo vigoroso.
- Patrulhamento constante através do rio, penetrando nas linhas inimigas, para obter informes e identificações.
- Permanente observação terrestre do inimigo.
- Emprego de destacamentos relativamente fracos na margem amiga. Estes destacamentos se encarregam da segurança, agem e são organizados de maneira idêntica aos postos avançados gerais. A sua missão é de assinalar a travessia pelo inimigo, bater com fogos seus elementos avançados e impedir que se estabeleçam antes da chegada do grosso das tropas amigas.
- Localização de elementos suficientemente fortes nos prováveis pontos de travessia, destinados a retardá-la e opôr-se ao desenvolvimento de forças mais importantes, dando tempo para a aproximação do grosso e o contra-ataque.
- Localização da artilharia, de maneira que possa bater as tropas inimigas concentradas para o ataque e os seus itinerários de aproximação.
- Camuflagem dos deslocamentos e do dispositivo.

701. Qualquer que seja o processo adotado na defesa de um curso d'água, forças de cobertura ficam na margem oposta, para manter contáto com o inimigo, retardar-lhe o avanço e identificar as zonas de reunião e os prováveis locais de travessia. Quando forçadas a recuar, retráem-se atravessando o rio. Medidas oportunas devem ser tomadas para a destruição dos pontos de passagem, após a travessia do último elemento, ou a tempo de evitar que caíam nas mãos do inimigo.

..... a r t i g o i r r

V. COMBATE NOTURNO

, 702. Os ataques noturnos são realizados pára completar, òu aproveitar uní sucesso, conquistar uni terreno importante pára operações iiltèriores, evitar as grandes perdas que ocorreriam em ataques diurnos sôbre terreno limpo, ou para atrair reservas inimigas.

705. Devido às dificuldades de eontrôle, no ataque no- em terrenos reconhecidos e que possuam pontos caracterís- ticos, tais comq córregos, cêrca e estradas conduzindo ao objetivo, sendo preferível um terreno limpo. Sem reconhe- cimentos preliminares e completos, não se deve empreender um ataque noturno.

704. Quando se dispõe de tempo suficiente, a tropa deve ensaiar a operação num terreno semelhante àquele em que q ataque vai ser realizado. Não existindo esta possibilidade, òs exercícios devem ser conduzidos num plano relêvo.

705. Devido às dificuldades de cotrôle, no ataque no- turno é aconselhável empregar somente tropa bem instruída, e de preferência, a de moral elevada e não fatigada. Um bom comando e uma preparação cuidadosa não necessários.

706. Equipamento especial, tais como: granadas, meios de identificação, artifícios luminosos e outros recursos se- melhantes, devem ser postos à disposição dos elementos que vão efetuar o ataque.

707. Os ataques noturnos pôdem ser determinados pelo escalão superior, a fim de:

— Surpreender um inimigo mal preparado.

— Prosseguir um ataque diurno, a fim de evitar que o inimigo reforce suas posições, ou se retire sob a pro- teção da noite.

— Reduzir ao mínimo as baixas que possam ser ôcasionadas na conquista de um objetivo limitado.

Apôderar-se de ùm ponto vital do terreno, na con- quista do qual fracassaram todos os ataques diurnos.

— Conquistar uma linha vantajosa, para facilitar o prosseguimento do ataque, ao amanhecer.

— Completar ou explorar um êxito.

708. O objetivo deve ser limitado, hem definido, e pouco profundo, de modo que não seja necessária uma reorganização durante o ataque. Deve ainda ser suficientemente acessível, para permitir o reconhecimento à vista, durante o dia, dos itinerários de progressão. O terreno a ser atravessado não deve ter obstáculos de importância. Uma posição bem fortificada, protegida por cercas de arame, não pode ser assaltada com êxito à noite, a não ser que o ataque seja precedido por fogos de artilharia suficientemente intensos para abrir brechas nos obstáculos, ou destruí-los.

709. A hora de início do ataque pode ser determinada pelo escalão superior ou pelo comandante da unidade que vai realizá-lo. Quando se quer impedir o retraimento do inimigo, ou o reforço de suas posições durante a noite, o ataque deve ter lugar nas primeiras horas depois do anoitecer. Deve ser executado nas últimas horas da noite, quando constituir um ato preparatório para o ataque, ao amanhecer. y

710. Uma noite clara favorece o contôle da preparação, mas diminui as possibilidades de se furtar a tropa à observação do adversário. O vento, vindo da direção do inimigo, contribui para tornar imperceptível o barulho motivado pelos deslocamentos noturnos. Uma preparação cuidadosa e o em» prégio de uma tropa bem instruída compensam a ausência de condições atmosféricas ideais.

711. Os preparativos para um ataque noturno compreendem:

- Reconhecimento.
- Escolha de itinerários e posições de reunião. .
- Elaboração do plano de ataque. . >
- Medidas para coordenação, contrôle, identificação e segredo.
- Ensaio, quanto possível.

712. O reconhecimento diurno deverá ser tão completo quanto permitam o segredo, o tempo, o inimigo e finalmente

o terreno. Entretanto, seu raio de ação é limitado, para que o inimigo não seja alertado. Um reconhecimento noturno, sumário, é aconselhável, a fim de que sejam observados certos aspectos do terreno após o anoitecer.

— O reconhecimento, realizado ao anoitecer, permite que os executantes adquiram uma impressão dos aspectos do terreno, não só de dia, como à noite.

713. O comandante da unidade de ataque, para estabelecer seus planos, executa um reconhecimento, no que é acompanhado por todos os seus subordinados imediatos, até os comandantes de pelotão, inclusive, o qual deve ser o mais completo quanto o permitir a situação.

Desta maneira, todos ficam habilitados a determinar as zonas de reunião, os itinerários que a elas conduzem, às posições iniciais de ataque, o aspecto do objetivo, a localização de pontos de referência no itinerário e os obstáculos intermediários.

714. A elaboração de planos precisos por todos os comandantes é indispensável ao bom êxito do ataque noturno, pois, deste modo, é diminuída a confusão resultante da má visibilidade.

715. Os itinerários para as zonas de reunião são escolhidos, de modo a serem, evitados cruzamentos de colunas em marcha.

Guias e marcas luminosas são colocados nos pontos críticos, ao longo dos itinerários; além disso a tropa leva consigo seus grânas: ""

716. As zonas de reunião são escolhidas bem à frente e nas proximidades da linha de partida. Esta deve ser bem definida no terreno e, de preferência, perpendicular à direção do ataque.

717. O eixo de progressão do ataque deve ir direto ao objetivo e ser inconfundível. É indispensável que o terreno por onde progredirem as tropas de ataque, não possua obstáculos, importantes. Manobras que desviem o elemento do eixo de ataque devem ser evitadas.

718. No caso de haver itinerários de progressão inconfundíveis, tais como picadas, estradas de ferro, orlas de bosques, cristas ou vales, estes devem ser designados às unidades subordinadas. Cada unidade recebe um **azimute** de marcha e lança à sua frente patrulhas que progridem ousada, mas furtivamente, a uma distância de 100 a 150 metros, função do terreno e da escuridão reinante. Ao ser tomado O contáto, as unidades de assalto as absorvem.

719. Sinais de identificação são fornecidos a todos os elementos em combate; faixas brancas nos braços ou uma lenço branco prêso às costas de cada soldado são meios valiosos de identificação. Senhas e contra-senhas também são empregadas.

720. O segredo é indispensável à surpresa.- Tôdas as luzes, cigarros, conversa em voz alta, ruídos desnecessários e assobios são proibidos, até que o ataque tenha se revelado.

721. As ordens para um ataque noturno devem ser claras e tão minuciosas quanto possível e cada homem deve ter uma compreensão completa daquilo que lhe compete fazer durante o ataque. Tais ordens devem fixar não só os deslocamentos e as ações preliminares, antes da conquista do objetivo, como também a conduta a seguir após, e em caso de contra-ataque.

722. A segurança das forças atacantes repousa, em grande parte, na escuridão e no segredo. A proteção na sua frente é assegurada pelas patrulhas que as precedem, e pelos exploradores dos elementos de ataque. A segurança dos flancos é conseguida por meio de pequenas patrulhas enviadas pela reserva.

723. As formações iniciais devem ser compactas e flexíveis, para facilitarem a direção e o controle. As distâncias e intervalos dependem do grau de visibilidade e das dificuldades do terreno.

724. A reserva se mantém em condições de reforçar as posições ocupadas, ou proteger o retraimento, caso necessário; não pôde ser empregada como um elemento de ma-

nobra e não deve ser empenhada prematuramente, nem reunida às unidades de assalto.

725. O ataque noturno consta, normalmente, de três fases:

- Progressão para o assalto.
- Assalto.
- Reorganização e ocupação da posição.

726. Cada unidade do escalão de ataque progride diretamente sobre seu objetivo, sem se preocupar com as unidades vizinhas e sem atirar. Quando o inimigo emprega artifícios luminosos, pára e mantém-se imóvel, até que o efeito do artifício desapareça. A progressão é feita cautelosa e silenciosamente.

727. Desde que o inimigo tenha se apercebido da realização do ataque, a rapidez de progressão torna-se importante. Se forem encontrados elementos isolados do inimigo, os exploradores os atacam. Caso sejam encontrados grupos mais importantes, os exploradores informam a sua presença, por meio de sinais convencionados, cabendo aos comandantes os elementos que os seguem, decidir a forma de ataque.

728. Os elementos do escalão de ataque atingem o objetivo em horas diferentes, cerrando sobre o inimigo à sua frente, sem fazer paradas para responder aos fogos. As coronhas dos fuzis, as pistolas e as granadas de mão, quando disponíveis, são empregadas no combate aproximado. Os elementos de apoio do escalão de ataque não se imiscuem com o de primeiro escalão, até serem empenhados pelo comando.

729. A reorganização é fixada em instruções preliminares.

Uma vez ocupada a posição, a tropa é reajustada, medidas de segurança são tomadas e é feita a ligação com as unidades vizinhas. As metralhadoras são mandadas para a frente e colocadas em posição para a defesa aproximada. São dadas instruções às reservas. Cada comandante de unidade informa ao escalão imediatamente superior sobre a situação.

730. As armas de apoio podem ser colocadas em posição para proteção dos flancos do ataque; quando o terreno permitir o tiro por cima da tropa; estas armas podem ser colocadas à retaguarda, com o fim de apoiar o ataque; ou cobrir a retirada. ; i

731. Canhões anticarro e cârros de combate não são normalmente empregados nos ataques noturnos; poderão, no entanto, ser mandados à frente antes do amanhecer, a fim de cooperarem na repulsa aos contra-ataques. . *

732. A conduta a seguir, no caso do ataque ser repellido, somente é dada a conhecer aos oficiais. São designados pontos de reunião, localizados longe do eixo de ataque e de preferência sob a proteção de abrigos e cobertas, - beatificados como os itinerários que a eles conduzem. ■ ()

733. Ver os parágrafos 829 a 849 do manual C-100-5.

ARTIGO IV ■■■■: ■:

V

COMBATE EM LOCALIDADES

r

734. Em virtude das cobertas, que oferece às tropas, bem como da proteção que lhes proporciona contra os tiros e os ataques mecanizados do inimigo, as localidades constituem, muitas vezes, fortes regiões defensivas naturais. **

735. O combate dentro dos limites de uma localidade é caracterizado pela reduzida eficácia dos tiros e da observação, pela grande importância do combate aproximado e pela dificuldade de controle da tropa. A luta se trava a curta distância e o êxito depende grandemente de iniciativa e da agressividade dos comandantes subordinados.

736. Algumas vezes, pequenas unidades, independentes, podem receber a missão de guarnecer localidades isoladas, tais como vilas, povoados ou fazendas, devendo ficar em condições de defendê-las de ataques, muitas vezes por tropas irregulares com superioridade numérica. A ausência de um contato seguro com o inimigo e a falta de informações precisas à seu respeito, aumentam o perigo, da surpresa. As obrigações rotineiras da unidade podem proporcionar sua dispersão, ou

dificultar-lhe a reunião para enfrentar um ataque inopinado, a não ser que sejam tomadas precauções especiais, tendo em vista esta possibilidade. O aspecto militar da defesa é ainda mais complicado pela presença de não combatentes e pela extensão da localidade a ser protegida.

737. Um plano de defesa é preparado e a unidade deve ser instruída para executá-lo. Esse plano compreende as medidas de segurança a serem adotadas, as organizações a serem preparadas e suas localizações, a designação dos elementos para ocupá-las, os itinerários que a elas conduzem, a designação da reserva, a determinação de pontos de reunião, os meios de transmissão a serem empregados, a localização dos cavalos e das viaturas e as instruções relativas aos não combatentes, ao descongestionamento das ruas e quaisquer outras considerações relativas à situação.

738. O planejamento da defesa deve ser organizado de acordo com as regras da ofensiva móvel. O dispositivo deve permitir fazer face a todas as direções e se caracteriza pela pequena profundidade, extensão da frente, intensidade de fogo e atitude agressiva. A utilização de minas e obstáculos amplia as possibilidades da unidade. Deve ser instalado um Sistema de observação e uma rede de transmissões. Todo o pessoal deve ser mantido em estado de alerta, principalmente à noite e durante os períodos de má visibilidade.

739. São preparadas trincheiras apropriadas à natureza da localidade a ser defendida e providências devem ser tomadas para a defesa antiaérea. No caso de uma vila, trabalhos comuns de organização serão suficientes.

Esses trabalhos devem ser localizados em salientes, para que possam ser apoiados mutuamente. Uma vez terminadas, as organizações devem ser ocupadas temporariamente pelos elementos que vão utilizá-las, e frequentemente, em épocas posteriores, para fins de instrução.

740. A proteção contra ataques de surpresa é assegurada por meio de patrulhas enviadas à distância, por vários itinerários, em horas diferentes, durante o dia e à noite. Se a defesa dispuser de elementos mecanizados e da cooperação

da aviação, êstes tomam a si o reconhecimento afastado. Os mecanizados têm por missão reconhecer tôdas as prováveis vias de acesso do inimigo, a fim de procurar o contáto; podem também ser empregados para inquietá-lo e retardá-lo.

Em certos casos, a natureza da missão exige uma considerável dispersão da unidade. A ligação entre os vários elementos dispersos é, então, de máxima importância. Todos os meios de transmissão devem ser empregados. Os artifícios são utilizados ao máximo.

741. Tratando-se de ataque a uma localidade, em regra é vantajoso combinar uma ação frontal com o ataque principal envolvente, visando isolar a localidade das posições defensivas vizinhas.

Quando a ação envolvente não fôr exequível, o atacante concentra seus esforços na conquista da orla mais, próxima da localidade, utilizando os processos aplicáveis ao ataque de qualquer posição organizada. Em seguida, reajusta seus esforços para continuar o avanço através à localidade, procurando alcançar sem demora suas saídas.

742. Reconhecimento à vista e fotográficos determinam a organização defensiva da região, a natureza dos trabalhos e fornecem dados a respeito de todos os elementos que tomam parte na ação.

743. As localidades fortifieritè defendidas raramente oferecem oportunidades para o emprégo de carros de combate. Para outros detalhes ver o manual C-31-50.

ARTIGO V .

COMBATE EM DESFILADEIROS

744. A defesa de um desfiladeiro de grande extensão pôde ser feita por três processos, conforme sua finalidade (denominações referidas ao Sentido domòvimentb do inimigo):

— Na entrada do desfiratòrd.

— No interior do desfiladeiro. ' "

— Na saídâ-dó desfiladeiro:- -c

■O 745. Na entrada do desfiladeiro os fôgos defensivos abrangem uma ampla frente e o espaço disponível para manobra é restrito; Tal solução, em geral, só deve ser adotada quando se tiver em vista proteger um desembocar ou um retraimento. Se uma posição desta natureza for ocupada, deve ser localizada à curta distância da entrada do desfiladeiro, para que esta não seja batida pelas armas inimigas, especialmente pela artilharia. No caso dos flancos serem acessíveis, devem ser tomadas precauções, a fim de impedir flanqueamentos.

A ação retardadora é também aconselhável em tais situações. ;

746. No interior do desfiladeiro o terreno restringe a frente e a mobilidade do elemento encarregado da defesa, tornando este processo uma operação de difícil execução. Uma pequena força pode, porém, retardar uma tropa com grande superioridade durante um tempo considerável. A utilização, ao máximo, de obstáculos e destruições em combinação com uma tática de emboscada e retardamento, é muito eficiente.

747. A posição mais favorável à defesa de um desfiladeiro está na sua saída, em virtude da frente da força atacante ficar limitada e suas possibilidades de manobra serem restritas. A distância da posição à saída deve ser tal que permita a execução de fogos convergentes sobre as colunas inimigas, antes e durante seu desembocar.

O máximo retardamento e desorganização do inimigo, dentro do desfiladeiro, são obtidos pelo emprego de destacamentos de cobertura, concentrações de artilharia, destruições, obstruções, agentes químicos e ataques aéreos.

748. O processo, a usar para forçar um desfiladeiro depende do modo pelo qual ele está defendido e da acessibilidade de seus flancos. Quando a defesa é feita na entrada ou próximo, e há flancos acessíveis, o ataque deve visar as regiões que dominam a entrada; se os flancos forem inacessíveis, o ataque é feito por penetração. Quando a defesa está situada

na saída do desfiladeiro, o atacante tenta desbordar a posição, procurando, para isso, desembocar na mais larga frente possível

ARTIGO VI

COMBATE EM BOSQUES

749. Sob vários aspectos, o combate em bosques é similar ao em localidades; sendo que a observação e o controle da tropa são, às vezes mais difíceis.

750. Os bosques limpos, de mato alto e grandes dimensões, oferecem à cavalaria a possibilidade de dissimular sua aproximação e subtrair às vistas do inimigo os grupos de cavalos de mão e as viaturas. Os bosques cerrados, ao contrário apresentam muitas vezes dificuldades apreciáveis para os movimentos de uma unidade importante.

Os bosques pequenos constituem em geral objetivos para artilharia inimiga.

751. Nos bosques permeáveis à cavalaria, a marcha de aproximação se efetua, em princípio, por pequenos grupamentos; estes são dispostos em colunas, que se esforçam em manter a ligação pela vista.

752. Alguns bosques, devido a suas dimensões ou localização, constituem fortes zonas defensivas; outros, todavia, podem ter reduzido ou nenhum valor defensivo, podendo até oferecer vantagens para o atacante, devido às vias de acesso e cobertas que lhe proporciona.

753. O ataque, em geral, procura evitar zonas boscosas, encravadas na posição defensiva inimiga, desbordando-as por um ou por ambos os flancos, enquanto suas orlas são neutralizadas com fogo ou fumaça.

Em tempo seco, bombas e granadas incendiárias são altamente eficazes, par esse fim.

754. Na impossibilidade de evitar um bosque e sendo sua posse necessária, o atacante procura capturá-lo, por ação des-

,bordante. Caso isto seja impossível, é necessário atacá-lo frontalmente. Neste caso o ataque é dirigido inicialmente contra os salientes, neutralizados previamente pelo fogo da artilharia e de outras armas. Esse fogo de apoio é mantido até que o atacante esteja em condições de assaltar as posições inimigas, quando então é transportado para os reentrantes ou para outros objetivos no interior ou no lado oposto do bosque.

755. O dispositivo a adotar nesta segunda fase, depende da natureza do bosque; em bosques ralos, as formações são semelhantes às usadas em terreno descoberto, apresentando, porém, maior densidade no escalão mais avançado; em bosques densos, pequenas colunas, neste escalão são mais eficazes.

756. Tomam-se medidas para assegurar a direção, a coesão e as transmissões. Os elementos de apoio do escalão de ataque em coluna, seguem de perto os de primeiro escalão.

757. A vulnerabilidade dos flancos num ataque desta natureza requer medidas especiais de proteção.

758. Para evitar confusão e impedir que as tropas amigas atirem umas contra as outras, pode ser necessário regular a progressão, no interior do bosque, por lances.

759. As reservas são dispostas de modo que não sejam envolvidas na luta do escalão de ataque e possam ser empregadas, onde a maior progressão estiver sendo feita.

760. Conquistado o bosque, é necessário ter-se cuidados especiais para continuar o ataque. A orla de um bosque constitui alvo bem definido para o inimigo, por isso deve ser ultrapassada rapidamente.

761. O movimento das viaturas é regulado de modo a não obstruir as estradas através o bosque; se o bosque não for muito extenso, estas são conservadas na orla anterior, até que o ataque tenha atingido o lado oposto:

762. Como posição defensiva os bosques têm o inconveniente de constituírem alvos, claramente definidos, para as forças atacantes.

As posições instaladas no interior do bosque so-

frerão a desvantagem de vistas restritas e campos de tiro limitados; consequentemente os elementos encarregados da observação terão que ser levados a orla.

763. A conduta da defesa consistirá em, enquanto o atacante está detido pelos obstáculos, procurar quebrar seu dispositivo, atraindo-o em falsas direções e procurando não sofrer as mesmas limitações.

764. O apoio imediato da artilharia é difícil. Os campos de tiro das armas de trajetórias tensas são muito limitados;,, entretanto, as armas de tiro curvo, orgânicas das unidades; não sofrem as mesmas limitações.

ARTIGO VH

OPERAÇÕES EM MONTANHAS

A — GENERALIDADES

765. As operações em montanha caracterizam-se principalmente pelas dificuldades que oferecem ao movimento das tropas.

A inacessibilidade de certos locais, os vales estreitos e os desfiladeiros limitam a importância das forças a empregar.

Além dessa redução da mobilidade, o terreno montanhoso reduz o poder e o efeito dos fogos, dificultando também as transmissões e os suprimentos.

766. Em uma operação desta natureza o sucesso depende muitas vezes, mais da adaptação dos meios ao terreno que propriamente da importância desses meios. As pequenas unidades são favorecidas pelas cobertas, pela diminuição do efeito do fogo e pelas facilidades proporcionadas à observação. As poucas estradas existentes aumentam o valor militar das elevações que as dominam.

767. A descentralização é, também, uma característica.

dominante nas operações, em montanhas. A ação de elementos sémi-independentes, conquistando ou obstruindo passos, assume grande importância.

768. A cavalaria, abrangendo todos seus elementos, a cavalo, motorizados e mecanizados, pode encontrar emprego nestas operações. A importância dos elementos a cavalo aumenta em terreno coberto de mato ou montanhoso, enquanto a dos outros elementos decresce.

769. Conquanto as unidades mecanizadas possam ser empregadas em missões de reconhecimento afastado, deve-se ter em conta que são muito vulneráveis às emboscadas. Os elementos a cavalo são empregados também em missões semelhantes, porém a menores distâncias. Alguns deles são postos à disposição de grupamentos de forças para fins de reconhecimento e segurança.

770. As operações de reconhecimento são facilitadas pela subordinação dos movimentos às estradas. Entretanto, a impenetrabilidade de certas zonas não deve levar à conclusão que são inacessíveis ao inimigo.

771. O emprêgo de guias locais é, muitas vezes, vantajoso, visto como as cartas topográficas destas regiões são, em geral, incompletas e inexatas.

B — MARCHAS

i : 772. Na organização de marchas em terreno montanhoso, deve-se ter em conta a dificuldade que geralmente existe de qualquer modificação no dispositivo, devido à deficiência de estradas; em consequência, êste deve ser tal que facilite a entrada em ação da unidade.

773. A segurança da marcha exige medidas especiais devido à observação afastada de que póde dispor o inimigo, à lentidão do movimento, às crescentes possibilidades de surpresas e às restrições do terreno ao movimento dos elementos de segurança dos flancos. O estabelecimento da segurança em tôdas as direções, para cada grupamento de marcha é necessário.

774. Entre as medidas especiais que proporcionam segurança nos terrenos montanhosos, incluem-se: o movimento alternado do grosso e da vanguarda, a conquista das cristas que dominam os vales, o envio de elementos para conquistar pontos sensíveis a fim de proteger o avanço, a utilização da escuridão ou do nevoeiro, o emprêgo de retaguardas.

C — COMBATE OFENSIVO

775. Dada a importância das linhas de comunicações, os objetivos são geralmente passos e elevações que controlem as linhas de comunicações inimigas, pelas quais o inimigo possa dominar, pela observação ou pelo fogo, as linhas amigas.

776. A surpresa é facilitada pelo desenfiamento excepcional e pelos ângulos mortos que as montanhas proporcionam, e que frequentemente permitem o desembocar à pequena distância do inimigo.

777. Normalmente, não são designados limites entre as unidades táticas.

778. Os ataques noturnos oferecem grandes vantagens, evitando perdas que ocorreriam em ataques durante o dia, com fogos de apoio insuficientes, através terreno de avanço lento e difícil e levado a efeito sob fogos observados da defesa.

D — OPERAÇÕES DEFENSIVAS

779. A defesa procura manter as elevações que dominem, pela observação e pelo fogo, as vias de comunicação e a aproximação do inimigo. Procura, também, impedir o acesso aos passos e outros desfiladeiros que, se forem perdidos, tornarão insustentáveis as elevações defendidas.

780. As posições defensivas, em geral, compreendem uma combinação de elevações e desfiladeiros.

781. É, muitas vezes, possível combinar as vantagens de encostas, cristas e contra-encostas, numa mesma posição.

782. As destruições e os agentes químicos assumem grande importância para defesa.

" 783. Os postos avançados, em geral, têm bons itinerários de retraimento, que não impedem os fogos da posição principal.

u 784. A posição de resistência compreende núcleos de defesa organizados para atuarem em todas as direções. Os intervalos entre os núcleos são fechados por elementos de ligação.

785. As destruições e os agentes químicos assumem grande importância para a defesa. Desta deve fazer parte, também, um completo sistema protegido de obstruções de estrada.

786. Na ação retardadora, a conduta normal consiste em retardar o inimigo por meio de elementos instalados em elevações que ameacem pelo fogo qualquer movimento inimigo ao longo do vale.

787. Elementos de engenharia e de guerra química são utilizados para efetuarem destruições e lançarem agentes químicos em zonas nas quais se faz coordenação com os fogos de interdição da artilharia.

Para maiores detalhes ver o manual C-70-10

i

ARTIGO V m

OPERAÇÕES NAS SEEVAS

788. O controle das operações e a manobra nas selvas são extremamente difíceis. Há poucas estradas ou caminhos disponíveis; esses muitas vezes, devem ser rasgados à medida que as tropas progredem; a observação é limitada a pequenas distâncias. Essas dificuldades aumentam proporcionalmente ao vulto da tropa empregada.

789. As selvas favorecem a surpresa por pequenos elementos. Nas marchas, a emboscada constitui uma ameaça permanente à segurança das colunas.

790. A manobra na selva consiste no flanqueamento das

resistências pelo emprêgo de unidades <Ja retaguarda que se destacam da coluna principal, para contornar a posição inimiga.

791. A defesa, no combate de encontro, dentro da seiva, é difícil. Consiste, primordialmente, no bloqueio das vias de acesso ao objetivo do atacante.

792. O fuzil e a baioneta, o fuzil automático, a granada, o fuzil metralhador, o mosquetão, o facão de mato e os morteiros são as armas apropriadas ao combate nas selvas.

793. O reconhecimento terrestre é realizado normalmente por pequenos elementos. As distâncias, a que os elementos de segurança e de reconhecimento operam, decrescem com a espessura da selva.

794. O emprêgo da cavalaria a cavalo é geralmente limitado às trilhas e regiões abertas. Os pequenos destacamentos montados podem dar bons resultados nas missões de reconhecimento. Entretanto, durante as estações chuvosas, mesmo as unidades de cavalaria transformam as trilhas em atoleiros, dificultando, assim, sobretudo, a marcha de qualquer tropa, a cavalo ou a pé.

795. Havendo, entretanto, caminhamentos favoráveis à progressão, tais, como as trilhas e leitos de rios, a mobilidade da cavalaria torna-se especialmente indicada para agir de surpresa em ataques de flanco ou sobre a retaguarda inimiga.

796. As montarias nativas, possíveis de forragear nas selvas, constituem não só ótimas montadas como também simplificam grandemente o problema do forrageamento.

Para maiores detalhes, ver o manual C-31-20.

ARTIGO IX

OPERAÇÕES EM REGIÕES DE TIRO INTENSO

797. As operações militares conduzidas sob condições de intenso frio e neve exigem equipamento especial e, sempre que possível, uma organização e um treinamento particulares.

pata as' trapas que a devam realizar. As severas condições fde tempo dificultam OImovimento e tomam necessárias medidas táticas e logísticas especiais para o sucesso da operação.

798. A cavalaria a cavalo pode ser eficientemente empregada nos climas frioá com pouca neve. A neve profunda diminuir-lhe-á a mobilidade.

799. As unidades motorizadas, mecanizadas e blindadas movem-Se' fàcilmente, quando o terreno está completamente gelado e há pouca neve. Rios e outros cursos d'água não cons- titüem obstáculos quando gelados em uma espessura suficiente para suportar o pêsô' das viaturas.

800. O principal problema das marchas na neve é o da abertura de trilhas, sendo por isso conveniente substituir seguidamente as tropas que marcham na testa.

801. A espessura da neve superior a 8 ou 10 centímetros já exige equipamento especial para viaturas; os movimentos para elementos importantes são limitados às estradas. A espessura da neve acima de 50 cm impede o movimento das viaturas sôbre rodas e dificulta o movimento das unidades de lagartas, restringindo-o a pequenos deslocamentos. Acima /de 80 cm, todo movimento é impossível.

802. O frio intenso anula o valor dos cursos d'água como Obstáculos anticarrp; zonas normalmente inacessíveis aos carros tornam-se, então, direções vantajosas de ataque.

f 803. A eficiência das minas anticarro é anulada, salvo rse forent colocadas em terreno perfeitamente consistente.

, 804A A neve profunda favorece a defesa; entretanto, 'devido ao fato de'cobrir os obstáculos e os campos de minas, anula os efeitos dêstes. As ferramentas de sapa comuns são ineficazes.

,805. O localização de uma posição defensiva na crista militar será geraimehte eficiente, vistô que, tanto as tropas ,á pé, como os carros, têm dificuldade em subir uma encosta .íngreme coberta de neve.

î , 806., As reservas devem ser conservadas o mais próximo

possível de seus prováveis locais de emprêgo, devido às dificuldades de movimento.

807. As operações ofensivas exigem preparação especial, proporcional à importância da tropa e às condições elimáticas.

808. Os objetivos de um ataque são constituídos pelos pontos importantes do terreno que dominam as estradas vindas das posições inimigas. Os melhores itinerários de progressão são Oferecidos pelas linhas de crista.

809. As condições meteorológicas — cerração, queda de neve e gelo — limitando a visibilidade, dificultam os reconhecimentos das posições inimigas e a observação dos tiros de artilharia, sendo apenas possível o tiro sôbre zona e particularmente o tiro direto.

y \ < <

Para maiores detalhes, Vêr o mahuai C' 31-15." ->

4» PARTE

MOVIMENTOS E ESTACIONAMENTOS

CAPITULO 1

MOVIMENTOS

810. A » tropas se movimentam marchando (a pé a cavalo ou fâjotorizadas), por via férrea, por água, pelo ar e pela combinação dêstes processos. O processo a empregar depende da situação, do efetivo e da composição da unidade que se vai deslocar, da distância a percorrer, da urgência da execução, das' condições da tropa e da disponibilidade e capacidade dos diferentes meios de transporte.

ARTIGO I

MARCHAS

A — Generalidades

811. Uma marcha é bem executada quando as tropas chegam ao destino na hora prevista e em condições satisfatórias para o combate. E dever dos chefes conciliar a necessidade de rapidez dos movimentos com a conservação do poder combativo das tropas.

812. A possibilidade de uma tropa conseguir resultados decisivos no campo de batalha depende, em grande escala, de sua capacidade de marcha. .

813. A execução das marchas é assunto especialmente

importante para a cavalaria, visto que sua principal característica, a mobilidade, baseia-se, em particular, na sua capacidade de bem realizá-las.

814. As marchas noturnas, não obstante as fadigas que acarretam, serão usadas freqüentemente para fugir & investigação aérea e realizar a surpresa.

815. Para que as suas finalidades sejam atingidas, as marchas devem ser planejadas e preparadas, ordens precisas devem ser dadas e perfeita deve ser a execução.

B — Planejamento

816. Tendo em mente o objetivo do movimento, o comando, ao planeja-lo, deve levar em consideração os fatores e as condições que possam influir diretamente sobre a capacidade e a velocidade de marcha de sua unidade. Esses fatores e condições são: a situação tática, o efetivo e a organização da unidade, a profundidade das colunas, o estado e o grau de treinamento dos homens e animais, as condições das Viaturas, as condições meteorológicas, o terreno (número e estado das estradas), existência ou não de água para os animais e a situação dos suprimentos.

817. Ao planejar uma marcha perto do inimigo, isto é quando o encontro com importantes forças terrestres pode ocorrer, o comando deve considerar, em primeiro lugar, a sua missão e a segurança das tropas. A velocidade de marcha, a extensão da etapa e o conforto dos homens e animais são fatores de importância secundária. No entanto, a fim de manter-se o poder combativo da tropa, deve-se tirar proveito de todas as oportunidades para poupar os homens, animais e viaturas, e amenizar os contratempos e dificuldades da marcha.

818. O dispositivo de marcha de uma unidade deve ser tal que a tropa, a qualquer momento, esteja pronta para entrar em combate.

— Nas pequenas unidades, os vários elementos

são colocados na coluna em função do seu enprêgo provável.

— Nas divisões de cavalaria, as colunas de marcha são constituídas em grupamentos, de acordo com as missões tácticas. Os diversos elementos de cada coluna são organizados, de maneira a facilitar o possível emprego das unidades e a satisfazer as necessidades da segurança; não há, portanto, ordem normal de marcha.

819. A tropa pode marchar em uma ou mais colunas, dependendo da ação provável a ser empreendida, das possibilidades do inimigo, do efetivo da tropa e da disponibilidade da rede de estradas. Uma só coluna facilita o controle da marcha e o desenvolvimento para os flancos. Duas ou mais colunas facilitam o desenvolvimento à frente. O escalonamento das colunas para um flanco facilita a manobra e o desenvolvimento na direção desse flanco. Um grande número de pequenas colunas ou formações dispersas permitem às unidades furtarem-se às vistas aéreas e reduzem as baixas causadas por ataques aéreos e pelo fogo de artilharia.

820. Ao decidir sobre o número de colunas em que vai marchar, o comandante deve considerar para que a marcha da divisão, em numerosas colunas, facilita sua execução, porém aumenta as dificuldades de comando e da segurança contra ataques terrestres. As colunas devem ser mantidas a distâncias de apoio mútuo.

821. Quando a divisão marcha em várias colunas, o comando de cada coluna é delegado a um comandante subordinado. Esses comandantes de coluna, acompanhados de seus estados-maiores e dos elementos de transmissões necessários, marcham, normalmente, na testa do grosso e são os responsáveis pela segurança de suas colunas. Os comandantes das colunas de flanco são também responsáveis pela segurança dos flancos de toda a tropa. E mantida a ligação entre unidades vizinhas.

822. O comandante da divisão, acompanhado do seu estado-maior e dos órgãos de transmissão necessários, poderá

marchar no intervalo existente entre a vanguarda e o grosso, de uma coluna, ou pôde se deslocar por um itinerário dife-
rente.

823. Ao fazer um alto de curta duração, a tropa promove sua segurança por meio de seus próprios destacamentos de segurança. Nos altos de longa duração, adotam-se medidas especiais de segurança e a tropa é disposta de modo que possa, facilmente se deslocar para o combate; ,

824. Ao planejar uma marcha perto do inimigo, o comando deve ainda considerar a influência que o terreno pode exercer sobre a segurança de sua tropa. Devem-se prever medidas especiais de segurança para a passagem de desfiladeiros ou os cursos d'água, cuja importância seja tal que dificulte as possibilidades de manobra durante a travessia.

825. Quando duas ou mais colunas têm de passar um mesmo desfiladeiro, ou transpor um curso d'água pela mesma ponte ou num só ponto, são tomadas medidas, para, evitar a aglomeração de tropas à entrada ou saída do desfiladeiro ou passagem. Convém que tais desfiladeiros ou passagens sejam, sempre que possível, atravessados durante a noite. Devem, além disso, ser cuidadosamente reconhecidos* e protegidos pelos destacamentos de segurança, antes das colunas neles penetrarem. A defesa anti-aérea de tais desfiladeiros, pontes ou passagens é feita antes dos primeiros elementos neles penetrarem, permanecendo as armas em posição, até que a travessia tenha terminado. , -o

826. Na marcha longe do inimigo* isto é, no caso em que não seja possível o encontro com forças terrestres importantes, o dispositivo deve ser o que melhor se adapta à situação. O dispositivo da tropa e; assegure o máximo de conforto. Aproveita-se ao máximo a rede de estradas. As colunas de marcha são constituídas por elementos que são deslocados à mesma velocidade. Na medida do possível; são determinados, às várias colunas, itinerários independentes com as suas características de marcha. Este dispositivo difere das

cúldades, proporciona às pequenas unidades a vantagem do terreno favoravel para maiores velocidades -e facilita a progressão uniforme.

827. A profundidade das colunas em marcha exerce considerável influência sôbre a etapa diária. Em condições normais e se a rêde de estradas o permitir, uma coluna não deve ser constituída de mais do que um regimento reforçado. Se fôr necessário fazer uma divisão de cavalaria marchar em uma só coluna, pôde ser preciso reduzir-lhe a etapa diária.

828. As condições físicas, dos homens e cavalos, o estado dap viaturas e o grau de instrução existente, exercem uma influência direta na determinação da velocidade de marcha e da extensão da etapa.

829. Em se tratando de unidades a cavalo, se forem boas as condições físicas e satisfatório o grau de adextramento, tanto dos homens como dos cavalos, pôde-se contar com uma velocidade horária de 6 kms., ao passo, e de 13,2 tóns., ao trote. * *

830. Com os homens ou os animais deficientemente treinados, em más condições físicas ou extremamente fatigados, a velocidade de marcha em tôdas as atidaduras será forçosamente reduzida e o período de descanso aumentado, a fim de que lhes possam ser dispensados os devidos cuidados.

831. No que respeita às unidades motomecanizadas, Com homens bem instruídos, em boas condições físicas e com as viaturas em perfeitas condições, pôde-se manter a velocidade média horária de 30 kms.. em boas estradas, durante o período de uma marcha normal.

832. Com homens deficientemente instruídos, em más condições físicas, ou com as viaturas em máu estado, a velocidade de marcha deve ser reduzida para que sejam evitados acidentes. Altos maiores e mais freqüentes devem ser feitos, para que os homens descansem e possam inspecionar devidamente as suas viaturas.

833. A redução da velocidade de marcha e o aumento

da duração dos altos diminuem a etapa horária. As más condições físicas dos homens ou animais reduzem o numero de horas que eles podem marchar, sem períodos de tempo para descanso e recuperação. Essas condições, redundam; automaticamente, numa diminuição da etapa diária.

834. As condições mecânicas das viaturas influem/ diretamente nas suas possibilidades de manter uma veíocidade constante de marcha. Portanto, o estado de manutenção dessas viaturas deve ser levado em consideração, quando se determinar a velocidade de marcha e a extensão da etapa.

835. As viaturas em mau estado de manutenção são forçadas a se deslocar em velocidade reduzida e exigem altos mais prolongados e mais frequentes, para inspeção e reparos. Essas servidões reduzem a etapa de marcha e a eficiência combativa da tropa.

836. Ao planejar uma marcha, deve ainda o comando considerar as condições meteorológicas existentes, pois o clima e as condições atmosféricas, exercem influência direta sobre a capacidade de marcha

837. Os elementos a cavalo são principalmente afetados pelo calor ou pelo frio intensos. A chuva, a neve e a cerração não exercem grande efeito sobre a velocidade e a etapa de marcha, a menos que afetem as condições do solo.

838. O calor intenso faz com que os animais transpirem em demasia e se fatiguem rapidamente. Este fenômeno exige que lhes seja dado de beber mais frequentemente e que sejam feitos numerosos períodos de marcha a pé, conduzindo os cavalos a mão, ~Ô qué fôrçosamentc reduzirá a velocidade de marcha e a etapa diária. Pode-se evitar, em parte, os efeitos do calor, marchando-se à noite, ou durante as horas mais frescas do dia, pela madrugada ou ao anoitecer.

839. O frio excessivo afeta a capacidade de marcha dos elementos a cavalo, principalmente, devido ao sofrimento que causa aos homens e aos animais. Devem-se au-

mentar os períodos de marcha a pé, com o fim de evitar que os homens fiquem enregelados. Os animais, quando em movimento, não são particularmente afetados pelo frio intenso; nos altos, entretanto, eles sentem bastante, a menos que sejam tratados convenientemente. Agasalhos apropriados para os homens e mantas para os animais são imprescindíveis.

840. Os elementos motorizados e mecanizados não são particularmente afetados pelo calor ou frio intenso, desde que sejam tomadas as devidas precauções para preservar o funcionamento dos motores. A chuva, a neve, a cerração e a poeira diminuem a visibilidade e, em consequência, prejudicam o rendimento da marcha.

841. A natureza do terreno e as características dos itinerários afetam a capacidade de marcha. Para planejá-la, o comando necessita, pois, de informações completas a respeito. Cada elemento deve receber o itinerário que melhor se adapte às suas características. Os terrenos planos ou levemente ondulados, com boas estradas, são mais favoráveis à marcha de todos os elementos que compõem a cavalaria.

842. Os elementos a cavalo podem marchar através campo, sobre terreno favorável, sem qualquer redução apreciável na velocidade da marcha, exceto o terreno muito boscoso.

843. Os elementos motorizados ou mecanizados, através campo, não ser que se desloquem em terreno muito favorável, são forçados a reduzir sua velocidade de marcha.

844. Um terreno montanhoso, dobrado, acidentado, ou muito sujo e de elevações muito íngremes, poderá reduzir consideravelmente a velocidade de marcha dos elementos a cavalo é, muitas vezes, será intransponível aos elementos motorizados e mecanizados.

845. Os cursos d'água afetam a capacidade de marcha,

devido ao tempo gasto em atravessá-los. Aqueles que são facilmente vadeáveis, ou que são providos de pontos exigem pouca preparação para a travessia; portanto, -quase nenhum prejuízo pôdem causar à velocidade de marcha.; Aqueles-que não pôdem ser vadeados, entretanto, exigem preparativos especiais para serem transpostos e pôdem consumir uma parte considerável do tempo de marcha. Os elementos a cavalo podem atravessar a nado os cursos çTágua invadeáveis, economisandoT assim, mais tempo do que se utilizassem outros quaisquer meios de transposição. .

846. A dificuldade de manter a direção de marcha e de se deslocar por itinerários desconhecidos ou não balizados, poderá retardar sèriamente uma marcha através campoi

847. O estado e o tipo das estradas e a natureza do terreno exercem influência direta sôbre a capacidade de marcha.

848. As estradas de superfícies consistentes, niveladas e com acabamento rústico, que proporcionem bom piso para os animais e viaturas, são as mais favoráveis às marchas! pois permitem que seja mantida uma grande velocidade.

849. As estradas planas, de terra ou de areião, com superfície lisa e desprovidas de pedregulhos soltos, vaías e outros pequenos obstáculos, constituem itinerários ideais para os elementos a cavalo. Os elementos motorizados e mecanizados se utilizarem por muito tempo êsse tipo de estradas, danificarão sua superfície, o que automaticamenté reduzirá a velocidade de marcha.

850. As estradas e caminhos mal conservados, cheios de pedregulhos soltos, buracos e com valas profundas, aumentam a fadiga dos elementos a cavalo. Á velocidade de marcha dos elementos motorizados e mecanizados é sensi* velmente reduzida nêsses tipos de estrada, podendo originar grande número de panes.

851. As estradas construídas em terrenos montanhosos

eu acidentados, com iongos decievies ou numerosas elevações íngremes, reduzem a velocidade de marcha. Os elementos a cavalo são obrigados a aumentar os períodos de marcha a pé: e a reduzir os períodos de trote. Os motorizados e os mecanizados não podem, nesse tipo de estrada, manter uma velocidade regular 'e, em cõnseqüencia, perdem tempo.

652. Os lamaçais profundos e a neve excessiva dificultam a passagem dos animais e das viaturas, exigem um esforço extraordinário destes e dos motoristas, reduzindo, assim a velocidade de marchá.

853. Ao escolher e determinar itinerários de marcha aos diversos elementos da cavalaria, o comando deve, na medida em que a missão e as condições o permitirem, designar as melhores estradas e itinerários disponíveis para os elementos motorizados e mecanizados.

854. Uma tropa chagará ao seu destino mais rapidamente e em melhores condições, após uma longa marcha em boas estradas do que se tentar diminuir o itinerário, tendo, para isso, de utilizar estradas impróprias e mal conservadas.

855. Sempre que a situação o permitir, os itinerários de marcha serão reconhecidos e, se necessário, balizados. As passagens de curso d'água devem ser reconhecidas é, se forem consideradas inseguras para a passagem das viaturas mais pesadas da coluna, serão escolhidos outros itinerários disponíveis, ou se tomarão as medidas necessárias para reforçá-las. A existência de desfiladeiros exigirá que sejam escolhidos pontos do terreno dé onde se possa proteger a passagem.

656. O problema da água para os animais merece especial atenção. Se bem que os animais possam marchar longo tempo sem beber, isso poderá afetar seriamente a eficiência e as condições físicas dos mesmos. Ao preparar a marcha e ao escolher os itinerários para os elementos a cavalo, é necessário levar em conta a possibilidade da existência de água. Nas marchas normais e sob condições meteorológicas

favoráveis, os animais podem deixar de beber durante toda a marcha, sem prejuízo algum; com calor, porém, os animais necessitam de beber frequentemente. Em tempo frio e chuvoso esses cuidados não se impõem com tanta frequência. Nas marchas muito longas ou nas marchas forçadas, dar água aos cavalos, de duas em duas ou de três em três horas, estimula-os grandemente, aumentando a sua disposição para marchar.

857. A extensão dos bebedouros é muito importante, sob o ponto de vista do fator tempo. Os cursos d'água que possibilitem à unidade dar água a seus animais de uma só vez, que tenham margens baixas ou em suaves declivês e cujo leito seja resistente, constituem os pontos ideais. Os locais pequenos, onde os animais ficam aglomerados, causam longas demoras e, por isso, a menos que haja muita necessidade, não devem ser utilizados. O tempo gasto em dar de beber aos animais nestas condições poderá ser mais bem empregado continuando-se a marchar e, em consequência, diminuindo o período de tempo que deverão ficar ensilhados.

858. Quando fôr necessário utilizar tanques de lona ou outros tipos de recipientes, a distribuição deve ser feita de modo a permitir que muitos grupos de animais bebam ao mesmo tempo, a fim de apressar a operação.

859. O suprimento contínuo e ininterrupto aumenta a eficiência de marcha, portanto, todos os esforços devem ser feitos para prever as dificuldades e devem ser tomadas providências para evitá-las.

860. Os elementos a cavalo podem, quando necessário; marchar com rações reduzidas, ou viver com os recursos locais, por longos períodos. Entretanto, a diminuição das rações afeta seriamente as condições físicas e reduz a capacidade de combate e de marcha.

861. Em princípio, os cavaleiros comem antes de partir e enchem seus cantis de água, café, etc. Os cavalos devem ter bebido e, se as circunstâncias o permitirem, comido parte da ração de milho duas horas antes.

C — Preparação

862 A preparação da marcha visa assegurar que homens, animais e viaturas estejam no melhor estado possível; que tôdas as imidades sejam devidamente equipadas e supridas; que as medidas para o tráfego sejam organizadas; e, finalmente, que sejam tomadas as providências para os suprimentos, a manutenção e a evacuação do material inutilizado.

■ 863. Gráfico de marcha — Baseando-se na velocidade de marcha determinada na hora fixada para a partida, ou na hora em que deve chegar ao seu destino, e na distância a ser coberta, o comando da coluna prepara o gráfico de marcha, como elemento auxiliar do planejamento.

A marcha é iniciada na ocasião em que k testa dó grosso passa pelo ponto inicial,

864. O quadro abaixo indica a velocidade média diurna, em boas estradas, e as etapas médias e máximas que alguns elementos pôdem executar" —■

ELEMENTOS	Velocidade	ETAPAS	
	horária média (km)	Média	Máxima
Unidades a cavalo	6 a 7	40	100
Artilharia a cavalo	6 a 7	40	100
Unidades blindadas	20	100	160
Unidades mecanizadas	30	160	240
Unidades motorizadas.....	30	120	200
Unidades a pé	4	25	

865. Inspeção. Antes de levantarem o estacionamento, os comandantes de unidades, auxiliados pelos oficiais e graduados, devem inspecionar cuidadosamente suas tropas, para verificar se os homens estão devidamente equipados, se os animais estão corretamente ensilhados e se todos estão em perfeitas condições físicas para a marcha. O estado das ferraduras e dos cascos dos animais é de muita importância.

866. As viaturas motorizadas ou mecanizadas são inspe-

cionadas para se certificar de que estão devidamente equipadas, supridas e em perfeitas condições para U marcha. ;

867. Apagam-se os fogos e os estacionamentos são postos em ordem. Os oficiais verificam a aplicação das mediadas prescritas, para que não sejam deixados, indícios aproveitáveis pelo inimigo.

Regulam-se^ os relógios pelo do comandante da coluna.

868. Organização da coluna — 'As medidas empregadas para organizar as colunas de marcha dependem da extensão e fôrma da zona de estacionamento, , ,

Se à tropa ocupa acampamentos extensos nó sentido da frente, a coluna forma-se pela passagem sucessiva de seus diversos elementos pelo' ponto inicial. r

O comando fixa as horas de passagem da teísta das unidades principais nêsse ponto, e, sendo necessário, os itinerários que a êle conduzem. Para algumas unidades, quando preciso, póde ser designado um ponto inicial particular.

869. Os comandantes das unidades subordinadas mandam reconhecer os itinerários respectivos at#: o ponto-inicial, avaliam o tempo necessário para perCorrêylos e marcaçi a hora de partida de suas tropas, de soçte que cheguem àquele ponto à hora precisa- Designam Júm ponto inicial) intermediário, quando necessário.

870. Quando os estacionainéntós/ estão escalonados em profutididadê', de um lado e ;ctê òtitró iUaíestfada a percorrer e se acham muito cerrados, a coluna fôrma-se pelo início da marcha das diferentes unidades no momento oportuno. O comando da coluna fixa a hora em que os elementos prinCipais devem deixar 'ps 'Éeèpédtivos estacionamentos. Os comandantes subordinados'- jujocedeni .de ■m.óSa idêntico com as suas unidades. - : -i U

.871. Toâp ponto inicial deve sér de'acesso fácil e de arredores .hvdes de obstáculos, de ntodoi^ûq ás -imidadês,

ao atingí-lo, entrem fâcilmente na coluna. Não se deve es-
colher a saída de um desfiladeiro, povoado, mata, etc.

872. Os destacamentos de segurança iniciam a marcha á-tempo de permitir que todos seus elementos estejam nâs posições determinadas, na ocasião em que a testa do grosso tiver de passar pelo ponto inicial. Após êste momento, todos os elementos mantêm a velocidade de marcha determinada.

873. A partida nunca deve ser retardada. Se, por qualquer motivo, um comandante não estiver à testa de sua unidade na hora prescrita, o oficial mais graduado põ-na em movimento. A partida só é precedida de uma reunião geral, quando se trata de coluna de pequeno efetivo.

874. Ao ser iniciada a marcha, um oficial do estado-maior da coluna estará no ponto inicial, para regular a passagem das unidades por êste ponto.

875. Ordens —■Ao ser decidida a marcha, distribui-se, se fôr o caso, uma ordem preparatória, imediatamente; nesta ordem constam,a hora de início da marcha e tôdas as informações que possam influir no seu planejamento e na sua preparação.

876. A. ordem de operações para o movimento deve esclarecer quanto 4 situação tática, hora de partida, objetivo da marcha,.velocidade, formações, ponto inicial, medidas de segurança e todos os outros pormenores. É expedida logo após a ordem preparatória. Nas pequenas unidades, essas ofdeng são, em regra, verbais.

Para mementos de ordens, ver C-101-5.

D — Execução

877. A execução da marcha compreende: o contrôle da marcha, as formações, altos, andaduras, cuidados com os ho-., ínens e animais e a disciplina de marcha.

878. Controle — O contrôle de uma divisão de cavalaria que se desloca em Várias colunas, pode ser exercido por di-

versos meios. As medidas gerais de contrôle, entretanto, deyen» interferir o menos possível nas adotadas pelos comandantes de colunas.

— Poderão ser designados pontos de contrôle, nos diferentes itinerários de marcha, devendo os comandantes de coluna informar da sua chegada a êsses pontos.

— Poderão ser designadas linhas a atingir, qde não deverão ser ultrapassadas pelas colunas, antes de uma determinada hora, òu antes de receberem ordem para isto. *

— Oficiais de ligação poderão' marehar junto a cada coluna, devendo informar periòdicamente sôbre o progresso da marcha.

— Quando é necessário exercer um contrôle imediato sôbre as colunas em marcha, poderão ser empregados oficiais do estado-maior em viaturas automóveis, para manter a ligação com os Comandantes de colunas, transmitindo-lhes instruções.

879. Os comandantes das unidades da coluna marcham na posição de onde melhor possam observar Sua tropa, e controlam a marcha por meio de ordens e sinais. São auxiliadós nesSê contrôle pOr todos os oficiais e graduados.

880. Os comandantes de coluna s&ao responsáveis peta manutenção da ligação côm os elementos da vanguarda. Grupos de batizadores e patrulhas de ligação são enviados â frente pelo grosso , particularmente, quando o terreno é muito coberto, a estrada é sinuosa ou atravessa muitos povoados.

881. Quando uma coluna é cortada (passagem de nível, etc.), o comandante da unidade detida deve; informar aos comandantes das unidâdes imediatamente .â sua frente e â retaguarda. Remlçi,a a. marcha ao tpote, logo que obtenha passagem, e conserva, essa andadura até retomar a distância normal. '] . ! '
.....

882. Um elemento que deixa a coluna, é obrigado a avisar ao que se encontra à suâ retaguarda, .a .íta:-de. evitar, .,qqe j.este.,O.aacompanhe.. p....y-:; .

A -tass. No cometooda:marpha,•e/:freqUenternente, djusaat»

i A .sua execução, o 'Comandante, cujas unidades utilizem um mesmo itinerário,, verifica se os elementos avançam na ordem fixada; os comandantes das unidades subordinadas atuam na mesma maneira; relativamente aós elementos sob suas ordens.

884. Formações — As unidades a cavalo marcham normalmente em colinha cor dois, uma fila em cada lado da estrada, deixando o centro para o tráfego de viaturas. Se as margens da estrada possuem bom piso, a coluna pôde marchar por uma delas, deixando livre toda a estrada. Isto permite aos comandantes se deslocarem pela margem oposta, a fim de observar a marcha de seus elementos.

885. Quando a estrada possui margens mal conservadas, estreitas ou muito inclinadas, ou quando essas margens são freqüentemente interrompidas por fossos ou valas, a coluna deve marchar sobre a própria estrada.

886. As unidades a cavalo adotam a coluna por um quando marcham por trilhos ou caminhos estreitos; entretanto não devem fazer alto ou apeiar nesta formação.

887. Em casos especiais, tais como: travessia de pontes, calor ou frio excessivos, etc., podem ser adotadas, momentaneamente, formações particulares.

888. A marcha por estradas que tenham regras para a organização da circulação pôde também exigir formações particulares. ;

889. O regimento é a unidade de marcha para as unidades montadas; O comandante Fe*3ôis e feinentos da testa regula a velocidade de acordo com as instruções recebidas.

890. Em regra, a distância entre os esquadrões é de 20 a 50 metros e entre os pelotões, ou secções, de 10 a 20 metros. Xlfiiando a situação o permitir essas distâncias podem ser aumentadas, tendo-em vista proporcionar o máximo conforto para os homens e animais.

891. As unidades motorizadas e mecanizadas marcham com suas viaturas em coluna, pelo lado direito da estrada. A

unidade de marcha, neste caso, é formada por um certp
ním ro de viaturas facilmente controláveis por um inesnrôj
ch- • -i-í ':-V; ■

832. O esquadrão é, normalmente,jaunidade de marcha'
nas unidades motorizadas ou mecanizadas.

t>^3. O comandante, ou um oficiali designado, controla
e ün-ige a marcha da unidade, estabelecendo a velocidade
que uove ser observada por tôdas as viaturas. S dever de todos
os comandantes de unidades de marcha observarem as deter-
minações do comandante da coluna, manterem a ligação com
os mementos à irente e segui-los à distância determinada.

ú ó í. Em condições normais as distâncias entre as uni-
dades de marcha variam de 500 a 800 metros. Esta distância
e suiiCiente, para que possam evitar as liutuações, podendo,
entretanto, ser reduzida, em casos de menores velocidades
da marcha e parucuiarmente em trechos congestionados dá
estrada.

895. A distância entre as viaturas, exceto para os ele-
mentos de segurança ou de reconhecimento, é de 25 a 50
metros, em condições normais. Esta distância é aumentada,
cm se tratando de viaturas de tipos especiais, ou quando;
as colunas se deslocam a grande velocidade. Quando existir,"
perigo de um ataque aéreo, as distâncias entre os veículos dos;
grupamentos de marcha poderão ser grandemente aumenta*~!
das. Quando se marchar com velocidade reduzida, as distânTí
cias poderão ser diminuídas, se não houver perigo de ataque}
aéreo, mantendo-se, porém, uma distância suficiente para'
evitar colisões.

896. Para maiores detalhes sôbre a marcha de unidades
motorizadas ou mecanizadas, ver o manual. C-25-10. i

897. Altos. — As marchas são, em princípio, interrom-
pidas por altos, destinados à alimentação e repouso da tropa,*
e que poderão ser de curta ou longa duração. Além das fina-
lidades citadas, os altos servem ainda para inspecionar o#
veículos, os animais e os equipamentos e pr.epará-los para.a

operação seguinte. A segurança, o conforto da tropa e as futuras operações influem na escolha do local do alto.

893. O primeiro alto é feito para uma ajustagem do equipamento. Os elementos a cavalo verificam e certificam-se se as selas e equipamentos estão perfeitamente ajustados. Os elementos motorizados e mecanizados aproveitam esse período, para efetuarem quaisquer reparos ligeiros de que as viaturas ou motores possam necessitar. A duração do primeiro alto é de 15 minutos, executado ao completar 30 minutos de marcha.

899. Depois do primeiro alto, os elementos a cavalo fazem, geralmente, pequenos alios de 15 a 20 minutos, de duas em duas horas, e os elementos motorizados e mecanizados de 10 minutos, no fim de 3 horas de marcha.

£00. Quando tiverem de ser feitos altos não previstos, todos os elementos da coluna devem ser informados imediatamente quanto à provável duração e sobre outras instruções a. respeito.

901. Como, normalmente, é preferível terminar o mais cedo possível a etapa diária de marcha, só são feitos grandes altos, quando condições especiais o exigirem. Estes altos têm uma duração de uma a quatro horas e, durante eles, se a sua duração, a situação e as condições atmosféricas o permitirem, os cavalos são desencilhados, bebem e são forrageados. As viaturas dos elementos motorizados e mecanizados são inspecionadas e reparadas. Os homens fazem uma refeição.

902. A não ser em casos especiais, não são feitos grandes altos em marchas de menos de 40 quilômetros. Em alguns casos, particularmente quando a preparação do estacionamento não estiver terminada, convém a realização de um grande alto, antes da chegada ao local de estacionamento.

903. Ao se aproximar a ocasião de um alto, as testas das colunas se detêm. Todos os elementos da retaguarda cerram à frente para retomarem suas distâncias normais, ou

fazem alto no próprio local em que estiverem, tudo de acordo com as ordens recebidas.

904. Durante a realização de um alto, todos os elementos desimpedem a estrada. Os agentes de controle do tráfego que forem necessários são imediatamente localizados. Os comandantes dos diversos elementos, após examinarem suas próprias montadas, arreiações e equipamentos, inspecionam as suas unidades. Todos os homens, sem perda de tempo, ajustam o arreio e o equipamento, e examinam os cascos de seus animais. Nos elementos motorizados e mecanizados, cada motorista procede imediatamente à inspeção necessária na sua viatura. Essas inspeções são fiscalizadas pelos comandantes de viatura.

905. Todos os elementos devem ser alertados, antes de ser reiniciada a marcha. Na unidades a cavalo, os animais são postos em fôrma, os equipamentos sofrem uma verificação final, os homens montam à ordem do comandante, ou seguindo o seu exemplo, e a marcha é reiniciada na hora dev' a.

903. Nas unidades motorizadas e mecanizadas, os motores são ligados, os homens tomam os seus lugares e os comandantes de viatura fazem o sinal de que o seu veículo, está pronto. A marcha é reiniciada a um sinal do comandante, ou a seu exemplo.

907. Ao montar, depois de um alto, os cavaleiros ajudam-se mutuamente, para apressar a operação, evitando acidentes, sobretudo os produzidos por deslocamento de selas.

908. Andaduras. As andaduras normais de marcha para os elementos a cavalo são: o passo intercalado de pequenos períodos de marcha a pé, com a velocidade de 6 km. por hora; e o trote, com a velocidade de 13,2 km. por hora. O galope somente é empregado em circunstâncias excepcionais, ou quando a situação tática o exigir.

909. As condições físicas dos homens e dos animais e a natureza das estradas determinam quando a velocidade normal de marcha para as diversas andaduras pôde ou não

ser mantida. Se 03 homens e os animais estão extremamente fatigados ou o itinerário é particularmente difícil, é necessário diminuir a velocidade de marcha.

910. No início da marcha, os cavalos devem ser distendidos gradualmente, conduzindo-se-os a mão ou, então, ao passo.

911. Os períodos de trote devem, sempre que possível, ser feitos em terrenos planos; é preferível, porém, trotar na descida de uma elevação suave, a subir, ao trote, longas e íngremes elevações. Do mesmo modo, é preferível trotar nas estradas pavimentadas a fazê-lo nas pedregosas ou arenosas, em lamaçais, na neve ou em estradas esburacadas.

912. Tendo determinado o número de minutos que deve trotar em cada hora, com o fim de manter a velocidade de marcha prescrita, o comandante escolhe as andaduras de acordo com as características do terreno e com as condições da estrada.

913. A regularidade da andadura deve ser rigorosamente conservada; e todos devem esforçar-se no sentido de mantê-la.

Um oficial é encarregado, em cada coluna, de regular a andadura; é geralmente o comandante do pelotão testa da coluna, que, para tal fim, marcha à frente de sua unidade.

914. As partidas e paradas bruscas, assim como a irregularidade das andaduras são causas de fadiga considerável para os cavalos e cavaleiros.

915. Para a tropa iniciar a marcha, ou mudar de andadura, o comandante da coluna faz previamente o gesto de advertência — atenção — depois o gesto de execução — em frente, ao trote, etc., no momento em que deva ser feita a mudança de andadura. Êstes gestos, de advertência e de execução, são repetidos da frente para a retaguarda, pelos oficiais e graduados.

916. Em determinados casos (marchas à noite, com

nevoeiro, etc.) os gestos são substituídos por sinais de apito, ou mesmo por comandos a voz.

817. A coluna conserva a formação, quando faz alto. As unidades reconstituem as distâncias e desobstruem a estrada, desviando-se para o lado direito.

Conservam-se os cavalos direitos na fileira, inclusive os dos oficiais. Quando a unidade se acha em coluna por três, ou em coluna por dois não aberta, eles são mantidos, em princípio, no sentido da marcha. Em certos casos, pôde-se determinar que a tropa faça alto, com a frente voltada para o eixo da estrada. *

918. Se uma tropa de cavalaria tiver de se deslocar entre dois elementos de velocidade inferior à sua, deverá marchar na sua andadura normal, até encontrar o elemento que a precede; faz, então, alto e deixa-se alcançar pelo elemento que a segue, para depois novamente avançar, sem retardar a marcha do último.

919. Todas as unidades base mudam as andaduras, sucessivamente, por ordem ou sinal de seus comandantes. A mudança é feita no mesmo ponto, o que faz com que a distância entre as unidades seja grandemente aumentada, por ocasião do trote; essa distância, entretanto, é automaticamente retomada, quando se voltar ao passo. v,

920. Cuidados com os homens e os animais — Nas temperaturas extremamente elevadas, não deve ser permitido aos homens ingerirem bebidas ou alimentos nocivos, ou em quantidade excessiva.

921. É aconselhável dar água aos cavalos cerca de uma hora após o início da marcha e, novamente, poucos quilômetros antes de fazer um grande alto. Com calor, e em tempo seco, é ainda aconselhável dar-lhes de beber de duas em duas; ou de três em três horas, durante a marcha.

922. As, queimaduras nos homens e nos animais poderão na maioria dos casos, ser evitadas, desde que se ajuste perfeitamente as roupas, equipamentos e o arreio.

923. Animais extremamente fatigados poderão, muitas vezes, continuar a marcha, se íorem aliviados de sua carga. Quando se dispuser de cavalos de muda na coluna, as cargas poderão ser transferidas para os animais descansados.

924. Devem-se aproveitar tôdas as oportunidades para transportar as cargas e equipamentos em viaturas motorizadas. Embora seja de todo interêsse que, nos treinamentos, as cargas permaneçam completas, em manobras, grandes marchas de verificação, etc., salvo ordem expressa em contrario, as cargas devem ser aliviadas.

925. Períodos de trote, de .5 a 7 minutos, e períodos de passo e marcha a pé, da 3 a 5 minutos! permitem maior descanso. Manter, uma andaclura por períodos de tempo muito cursos, ou demasiado longos, a não ser quando a missão o "x j'r, causa, desnecessária fadiga aos homens e animais. Elementos isolados ou pequenos;destacamentos são, às vezes, qbr";ados a se. manter, durante muito tempo, nas diversas andaduras.

926. Mudanças frequentes de andaduras descansam os homens e cavalos e aumentam a velocidade de marcha.

927. Longos periodo3 ao passo fazem com que os homens relaxem sua posição na sela, e cansam desnecessariamente os cavalos e os cavaleiros.

928. A marcha a pé, conduzindo os cavalos a mão, é empregada para descansar os cavaleiros e diminuir o pêso transportado, pelos animais. Tem ainda a vantagem de treinar os homens para os longos percursos que terão de fazer, através campo, no combate a pé.

929. Numa. marcha normal, deve-se conduzir os cavalos a mão por um período de 'tempo não superior à 5 minutos, nò fim ou no início da marcha. Nas etapas pequenas, poder-se-á fazer, á pé, cerca de 1 km na nartida é de 115 kpt na chegadap neste último trecho, os arreamentoá devem ser afrouxados. Sendo longa a etapa, o percurso ã pé pôde atingir um quarto do total. Não é aconselhável fazer outros percursos a pédurante a marcha, porque a ação de montar

6 apesar repetidamente pôde causar ferimentos nos animais, pelo desajuste do arreamento. Entretanto, tal medida poderá ser adotada se as condições meteorológicas, as elevações muito íngremes, a fadiga dos homens e cavalos ou outras condições especiais assim o exigirem. É preciso lembrar que os cargueiros só terão descanso se forem descarregados durante os altos ou se suas cargas forem conduzidas em viaturas.

S30. Para os cuidados com os animais após a marcha, ver o manual C-25-5.

931. Disciplina de marcha - - Baseando-se em considerações que influem na capacidade de marcha de uma tropa, estabeleceram-se regras e instruções para a conduta das marchas. A observância dessas regras e instruções constitui a disciplina de marcha. De um modo geral, a boa disciplina de marcha consiste na observação das seguintes regras:

- conservar, no interior de cada unidade, as andaduras e velocidades determinadas.
- após atravessar um ponto crítico, conservar a mesma andadura, até que a retaguarda da unidade o tenha ultrapassado.
- observar as regras do tráfego.
- estabelecer o controle do tráfego.
- desobstruir as estradas por ocasião dos altos.
- evitar que os homens se atrazem e saiam de fôrma, a não ser em casos de absoluta necessidade.
- policiar os locais de alto e de estacionamento.
- repetir os sinais- e ordens, quando a situação o exigir.

932. A retaguarda de cada unidade de marcha, desloca-se uma pequena guarda sob o comando de um oficial, encarregada de manter cerrada a unidade e evitar que fiquem retardatários. Se um homem sai de fôrma, esse oficial examina-o e encaminha-o ao médico, ou compele-o a prosseguir a marcha, se fôr o caso.

933. Um oficial médico, marchando na retaguarda de

cada regimento, examina os homens autorizados a aguardar sua passagem, dá-lhes permissão para viajar na ambulância, ou; se fôr o caso, ordena que se apresentem à guarda de sua unidade.

934. Uma ou mais ambulâncias marcham à retaguarda de cada regimento ou unidade equivalente, para o transporte dos doentes ou feridos.

935. Para minúcias, concernentes ao recolhimento e evacuação dos acidentados, ver o C-100-10.

936. Nas unidades a cavalo, uma boa disciplina de marcha compreende mais as seguintes regras, além das mencionadas acima;

- mudar as andaduras simultânea e ordenadamente no interior de cada esquadrão, a um comando ou sinal.

- alertar suficientemente aos homens antes de determinar uma mudança de andadura.

- proporcionar aos animais todo o conforto possível, de acordo com a missão.

- apejar, quando não houver necessidade de permanecer montado.

- conduzir os cavalos a mão nas distâncias estabelecidas, não os deixando atrasar.

Cabe aos oficiais e sargentos esforçarem-se no sentido de que tais prescrições sejam cumpridas, a fim de impedir flutuações, mudanças de andaduras e conseqüente fadiga da tropa.

937. Os comandantes de esquadrão regulam a marcha das testas de suas unidades, de modo a conservar a distância e uma andadura regular, sem aumento ou diminuição brusca de velocidade. Um oficial marcha na cauda de cada esquadrão.

938. Os Comandantes de pelotão marcham à retaguarda, nos flancos ou entre as colunas de seus respectivos pelotões, para fiscalizar a marcha, tendo, porém, a preocupação de não perturbar a circulação. Especial atenção deve merecer a posição dos cavaleiros a cavalo, principalmente em fim de efapa.

939. Ninguém pôde sair de fôrma sem autorização, que só é dada em caso de necessidade absoluta (cavalo desferrado, manta caída, equipamento desarraniado). Um cavaleiro, deixado momentaneamente para trás, deve ficar acompanhado por um graduado ou companheiro, os quais se reúnem, em seguida, à cauda da coluna e continuam ao trote durante os tempos de passo, até retomarem seus lugares em fôrma, no primeiro alto.

940. Nas unidades motorizadas e mecanizadas, a boa disciplina de marcha compreende ainda as seguintes regras, além das mencionadas anteriormente:

—• manter, entre os veículos, as distâncias determinadas.

—■ evitar que a estrada seja obstruída por viaturas em pane.

— fazer com que as viaturas que abandonaram seu lugar na coluna, retomem-no, em velocidade normal, por ocasião do primeiro alto.

— observar continuamente os sinais feitos das outras viaturas e transmiti-los, se fôr o caso.

— conduzir cada viatura de maneira a não dificultar a passagem de mensageiros, pessoal do estado maior ou agentes de ligação.

941. As unidades e viaturas paradas não devem interceptar a estrada de marcha; para isso, normalmente, as viaturas são encostadas para o lado direito, entretanto, em se tratando de veículos pesados, convém deixá-los na parte empedrada, desde que os lados não ofereçam a solidês necessária.

942. Uma perfeita disciplina de marcha é assegurada por freqüentes inspeções do comandante da unidade, auxiliado por seus oficiais e graduados. Nenhum comandante pôde fiscalizar devidamente a sua unidade, se se deslocar sempre à sua frente; todos, até os de grupo de combate inclusive, devem se deslocar freqüentemente num dos flancos e à retaguarda de suas unidades.

■943. A passagem de uma coluna a frente de outra dá-se, em princípio, quando uma delas está parada. Em caso de urgência reconhecida, a tropa que vai ser ultrapassada, deve fazer alto.

944. É proibido, em princípio, às viaturas da mesma natureza se ultrapassarem durante a marcha.

Nas estradas, em que o trânsito só é permitido em um sentido, só as viaturas sanitárias e as de serviço de ligação podem passar à frente de outra.

945. Regula-se todos os movimentos, de maneira que se evite o cruzamento de tropas. Quando a situação obriga: o cruzamento de duas colunas, o comando dá as ordens necessárias, para que elas possam passar uma pela outra, sem perturbação e o mais rapidamente possível.

946. Quando a marcha de uma coluna é interceptada' inesperadamente por outra, os comandantes respectivos entram em entendimento para 'executarem o cruzamento. »

O mais graduado regula os pormenores da execução.

947. Será sempre conveniente que um oficial representante do comando assista ao cruzamento das colunas, para regular o movimento e resolver imediatamente 'quaisquer dificuldades que possam surgir.

^{'f'} f. Transposição de cursos d'água

948. Os cursos d'água podem ser transpostos em pontes, comuns existentes nas estradas, em pontes militares, a vau,' a nado, em portadas e sobre o gelo.

949. Os pontos de passagem nos cursos d'água constituem passagens obrigatórias; devem-se, pois, adotar medidas; especiais de proteção para as tropas, enquanto estiverem! engajadas na travessia. Estas medidas variam de acordo com a situação.

950. A transposição de um curso d'água, por uma ponte'

de grande extensão, numa estrada de rodagem, exige medidas de segurança idênticas às tomadas para a passagem de um desfiladeiro.

A travessia em ponte de equipagem, pontes suspensas e de fortuna, exige, ainda, outras precauções especiais.

951. As unidades subordinam-se às ordens particulares estabelecidas para cada ponte. O comandante de uma ponte de equipagem exerce sua ação, não só sobre a ponte, como também quanto às rampas de acesso. Cabe-lhe comunicar aos comandantes de coluna, com a antecedência suficiente, as formações a tomar e as ordens a observar.

952. As regras gerais a serem observadas na passagem são as seguintes:

— deve ser guardado o maior silêncio e evitadas as paradas capazes de ocasionar o atravancamento da ponte.

— os elementos a pé passam em coluna de estrada (sem cadência), por dois ou por três.

■— as tropas a cavalo passam em coluna por um ou por dois, os cavaleiros a pé, com os cavalos pela rédea; os cavalos no centro, pelo meio da ponte, e os cavaleiros nas extremidades. Os esquadrões guardam 20 metros de distância e os regimentos 80.

— os comboios hipomóveis marcham ao passo, as viaturas avançam pelo meio da ponte e conservam 10 metros de distância entre si. Os condutores avançam e conduzem os cavalos da esquerda pela mão. Os homens transportados apeiam também e recebem ordem de marchar, um à frente e outros à direita e à retaguarda das viaturas.

— as viaturas com carga excessiva são aliviadas antes de entrar na ponte.

— em caso de ataque aéreo, os elementos que estiverem sobre a ponte continuam o movimento, os que ainda se acharem em terra tomam as medidas regulamentares para se dissimularem e organizarem a defesa.

953. As ordens particulares de cada ponte completam, ou modificam as regras gerais, fixando:

— segundo a resistência da ponte, seu estado de conservação e condições atmosféricas, o peso máximo de cada viatura, a distância mínima entre elas, o processo de transporte do material descarregado e as formações determinadas para a passagem.

— segundo as ordens do comando, as disposições relativas à ordem de passagem das tropas, ao sentido da circulação e ao balizamento dos itinerários de acesso.

952. É proibido fazer alto nas imediações das pontes, que devem ficar desembaraçadas nos dois sentidos.

955. Todas as unidades tomam o dispositivo apropriado para a passagem, a uns 100 metros no mínimo antes da ponte, e mantêm a formação até que a retaguarda esteja a uns 100 metros da saída da mesma.

956. Todos os comandantes de coluna são informados sobre a capacidade máxima da ponte e devem providenciar para que as viaturas, cujo peso exceda a essa capacidade, façam a travessia em outro local. 1

957. As pontes de via-férrea que não tenham taboleiro, devem ser previamente preparadas, a fim de que possam ser utilizadas pelos elementos a cavalo e viaturas, adaptando-se-lhes um piso de madeira, ou outro qualquer meio expedido.

Passagem a vau

958. Quando um curso d'água vai ser vadeado num ponto desconhecido, a passagem deve ser reconhecida, antes que a tropa tente a travessia.,

959. O fundo de areia de alguns vaus, após a passagem de diversos animais e veículos, vai se aprofundando aos poucos, tomando-se, em consequência, bastante profundo. Nesse caso, a passagem deve ser efetuada em uma larga frente.

Passagem a nado

960. À passagem de cursos d'água a nado só a efeito pela cavalara, quando não fôr possível lançar mão de outro meio, dentro do tempo disponível. Operações desta natureza exigem preparativos e precauções especiais.

961. Os cursos d'água profundos devem ser transpostos em uma frente relativamente larga, para evitar que homens e animais se perturbem uns dos outros, durante a travessia.

962. Permite-se que os animais bebam, ao entrar n'água, porém após ter sido iniciada a transposição, devem ser impulsionados vigorosamente para a frente. Se a correnteza é muito rápida, os cavaleiros retiram os pés dos estribos. O olhar deve ser fixado no ponto de saída na margem oposta, e não sobre a superfície da água.

963. Antes da transposição, é feito um reconhecimento do rio, com o fim de determinar o local mais conveniente. Quando necessário, as margens devem ser preparadas, para facilitar a entrada e a saída d'água. Se a correnteza é muito rápida, deve ser preparado mais baixo, no rio, um outro lugar de saída, onde os cavalos que tenham sido arrastados, possam alcançar a margem.

964. Os cargueiros não devem ser obrigados a nadar com as cangalhas sobre o dorso.

965. Para maiores esclarecimentos sobre os preparativos, precauções e processos de travessia, ver o manual C-25-5

Travessia por meios descontínuos

966. Neste processo, as tropas são reunidas num local obrigado, nas proximidades dos pontos de embarque e organizadas em grupos táticos, correspondentes à capacidade das portadas disponíveis. Desses pontos de reunião, os grupos táticos são conduzidos por guias aos seus pontos de embarque. As instruções para o embarque, desembarque e procedimento durante a travessia, são dadas na posição de reunião.

» 967. Quando se tiver de atravessar animais em portadas, e houver espaço para duas fileiras, êsses são colocados de frente para o interior da mesma; caso contrário, são dispostos altemadamsnte.

96S1 Os homens entram na portada e se colocam nos lugares que lhes forem designados, ficando de pé ou sentados, conforme as ordens e evitando perturbar os remadores.

969. Se as tropas vão ser passadas em pontões ou pequenos botes, os animais atravessam o curso d'água nadando. Todo o arreamento é, então, retirado e colocado nos barcos.

970. Todas as viaturas devem ser calçadas e freiadas.

971. Quando se utilizarem balsas, o centro das mesmas deve ser ocupado em pr.meiro lugar, em seguida é a carga restante uniformemente d.str.buída. A operação de descarga é proced-da, na ordem inversa; o centro sendo descarregado por último.

972. Os pontos de desembarque devem ser ràpidamente desimpedidos.

Travessia sôbre o gêlo

973. Uma superfície congelada, se espêssa e firme; constitui, por si mesma uma ótima ponte; se entretanto é delgada, passa a ser um sério obtáculo. A passagem deve ser cuidadosamente reconhecida, para determinar-se a-esspessura e a qualidade do gêlo, e balisada.

, Marchas forçadas, noturnas e através campo

974. As marchas forçadas, noturnas e através campo são feitas sob condições que introduzem fatores cs eciais, além dos considerados nas marchas durnás comuns. Êss.'s fatores especiais devem ser tomados em consideração, durante o planejamento, a preparação e a execução de marchas desta natureza.

975. Marcha forçada é aquela na qual uma tropa, du-

rante um período determinado, cobre uma distância consideravelmente maior, do que a que pôde percorrer normalmente. As marchas forçadas diminuem seriamente a eficiência combativa, mesmo das melhores tropas. Sòmente se deve recorrer a elas em casos de necessidade urgente.

976. A execução de uma marcha forçada depende do estado dos homens, animais e viaturas, das condições meteorológicas, da distância a ser percorrida e do tempo em que a marcha deve ser efetuada.

977. O maior rendimento das marchas é conseguido antes pelo aumento do número de horas de marcha por dia do que pelo aumento da velocidade. Qualquer marcha forçada, longa, toma-se praticamente uma sucessão de etapas extensas, com pequenos intervalos de descanso.

978. Quando a situação o exigir, elementos a cavalo bem treinados pôdem marchar 200 km em 48 horas, chegando os homens e cavalos ao seu destino ainda em condições para o combate. No entanto, é aconselhável que a etapa diária de uma marcha forçada não exceda de 50 km. Por exemplo: uma marcha de 100 km em 24 horas seria executada em 16 horas de marcha, dois grandes altos de uma hora cada um e um longo repouso de seis horas.

979. Sempre que a situação o permitir, as tropas devem ser informadas da necessidade da marcha forçada.

980. As marchas noturnas são executadas para furtar as tropas à observação aérea ou terrestre, para diminuir o perigo de ataques mecanizados, para ganhar tempo, ou para fugir ao calor excessivo do dia. Esta modalidade de marcha é de frequente emprêgo, em campanha.

981. As marchas noturnas devem ser cuidadosamente preparadas. O grau de visibilidade e o estado das estradas determinam qual a velocidade de marcha a adotar. Nas noites de luar ou estreladas, as tropas pôdem manter, aproximadamente, a mesma velocidade de marcha que durante o dia. Nas noites escuras, a velocidade de marcha dos elementos a cavalo é reduzida, variando com o estado das es-

tradas e o terreno. A velocidade de marcha dos elementos motorizados e mecanizados, deslocando-se com as luzes apagadas, é sensivelmente reduzida; marchando, porém, com as luzes acesas, essa velocidade não sofre grande diminuição.

982. Nas marchas noturnas, as paradas bruscas são ainda mais inconvenientes que nas diurnas.

983. O comando deve esforçar-se, ainda mais do que de dia, para que os diversos elementos marchem em suas andaduras próprias, dando-lhes itinerários especiais, ou determinando distâncias suficientemente grandes no interior das colunas.

984. Executa-se a marcha em silêncio; fazendo grandes percursos ao passo, intercalados com tempos de trote e alguns períodos a pé. Os altos são mais frequentes do que de dia; os oficiais e sargentos os aproveitam para fiscalizar cuidadosamente os equipamentos, ferraduras, etc.

985. Precauções especiais são tomadas para manter a direção.

986. Para proteger a tropa contra a observação aérea inimiga, somente são permitidas luzes veladas e é proibido fumar. Quando se aproximam aviões inimigos, as tropas em marcha fazem alto e permanecem imóveis, a menos que sejam atacadas.

987. Quando possível, os preparativos para uma marcha noturna são feitos ainda durante o dia. Para que seja mantido o sigredo, entretanto, tais preparativos devem ser feitos com discreção e todos os movimentos devem estar terminados antes de raiar o dia.

988. Quando as circunstâncias o permitem, é preferível partir à noite, para chegar de dia.

989. Se a situação e as instruções expedidas pelo escalão superior o permitirem, deve-se empregar ao máximo o rádio, para controlar a marcha de uma divisão de cavalaria, que se desloca em várias colunas.

990. As marchas através campo podem se tomar necessárias, devido à situação tática ou à falta de estradas disponíveis.

991. Os itinerários devem ser cuidadosamente escolhidos, tendo-se em vista a sua praticabilidade, localização de cobertas, ausência de obstáculos intransponíveis e objetivos de marcha.

992. Em terreno normal, os elementos a cavalo podem marchar através campo, a uma velocidade de 6 km por hora.

993. Os elementos motorizados e mecanizados são capazes de executar marchas através campo à velocidade reduzida, variando com o terreno e o tipo da viatura.

994. Para maiores detalhes, quanto às marchas das unidades motomecanizadas, ver manual C-25-10.

ARTIGO H

MOVIMENTO MOTORIZADO

995. Devido à fadiga e ao enfraquecimento que as longas ou freqüentes marchas forçadas causam aos homens e animais, e devido à redução da eficiência combativa daí resultante, deve-se aproveitar tôdas as oportunidades para se transportar as unidades a cavalo por meio de viaturas motorizadas ou por estrada de ferro.

996. As divisões de cavalaria podem ser fácil e rapidamente deslocadas por via férrea. Entretanto, quando não se puder utilizar esse meio de transporte e a situação estratégica o exigir, as unidades a cavalo, com efetivo de regimento ou esquadrões reforçados, poderão rápida e facilmente ser transportadas em viaturas motorizadas.

997. Os manuais de campanha abaixo contêm informações referentes aos deslocamentos por meio de transportes motorizados e são aplicáveis à cavalaria:

— O C-25-10 estabelece minuciosamente as providências indispensáveis, a serem tomadas para a perfeita organização, funcionamento e direção das marchas em transportes motorizados.

O C-25-5 trata dos tipos de viaturas motorizadas disponíveis para o transporte dos animais da cavalaria, as modificações necessárias, a serem introduzidas nessas viaturas, o equipamento extra exigido para adaptá-los, processos de embarque e cuidados a ter com os animais durante o transporte.

O C-101-10 contém as informações referentes aos deslocamentos por meio de transportes motorizados.

ARTIGO III

MOVIMENTO POR ESTRADA DE FERRO

998. A via férrea é o meio de transporte mais apropriado, mais confortável e mais rápido a ser empregado para os deslocamentos das forças de cavalaria, de todos os tipos e efetivos, nos movimentos de grande envergadura.

999. Poder-se-ão poupar às divisões de cavalaria muitos quilômetros de marcha e evitar a perda de sua eficiência combativa, empregando-se o transporte ferroviário, quando as distâncias a serem percorridas forem grandes e o tempo e o estado dos homens e animais constituírem fatores de importância primordial.

1000. As pequenas unidades de cavalaria a cavalo podem marchar com velocidades maiores, cobrindo maiores etapas do que as grandes, sem reduzir grandemente a sua eficiência combativa. Podem também se deslocar facilmente por transportes motorizados. Por essas razões, não são normalmente transportadas por via férrea, a menos que a distância, a ser coberta, seja muito grande ou a situação e a missão o exijam.

1001. Os elementos mecanizados e motorizados, aproveitando-se de estradas apropriadas, podem, dentro de limites razoáveis, marchar tão rapidamente como quando transportados por via férrea.

1002. Para se calcular a distância mínima, em que é mais vantajoso deslocar uma tropa de cavalaria por estrada de ferro, do que por seus próprios meios, partindo-se da hipótese de haver equipamento ferroviário, deve-se levar em consideração o tempo exigido pela tropa para os seus preparativos, para reunir-se nas estações de embarque, para carregar seu material, desimpedir as estações de desembarque, descarregar o material e retomar o seu dispositivo ou redistribuir suas unidades.

1003. Os manuais abaixo contêm praticamente tôdas as informações necessárias para o movimento da cavalaria por estrada de ferro :

..— O C-101-5 contém mementos de ordens e gráficos de embarque e desembarque.

— O C-100-5 trata das disposições, planos e organização da tropa para o deslocamento por via férrea. Trata também das atribuições do comandante da tropa e dos aspectos táticos que devem ser considerados na execução de tal deslocamento.

• — O C-101-10 contém informações minuciosas relativas às capacidades dos diversos tipos de vagões ferroviários e outros dados semelhantes.

— O C-25-5 contém informações referentes aos tipos de vagões, sua preparação para o embarque de animais, processos de embarcar os animais em vagões ferroviários, cuidados, forrageamento, água e repouso dos animais durante o deslocamento por via férrea.

— O C-25-10 trata dos tipos de vagões apropriados para o transporte de viaturas motorizadas, preparação das viaturas para o embarque, meios necessários para embarcar viaturas motorizadas, equipamentos necessários e processos para o desembarque e para a fixação das viaturas nos vagões.

— O C-100-10 contém informações referentes à organização geral, execução e controle do transporte por via férrea.

ARTIGO IV

MOVIMENTO POR AGUA

1004. O transporte da cavalaria por água obedece aos mesmos princípios, conduta e organização que das outras tropas, com a única diferença de que devem ser tomadas providências especiais para o embarque dos animais e cuidados particulares devem ser a eles dispensados, durante a viagem.

1005. Os manuais abaixo contêm as informações necessárias ao transporte da cavalaria por água:

— O C-25-5 contém informações referentes à espécie de embarcações exigidas, instruções e especificações para a adaptação da frota comercial, o material necessário, as inspeções a serem feitas, as atribuições do oficial encarregado do transporte dos animais, o transporte destes, do pessoal do serviço veterinário e de outros elementos deles encarregados; o embarque e os cuidados com os animais antes e durante o transporte, bem como sua preparação para o desembarque.

— O C-25-10 contém informações referentes à preparação das viaturas motorizadas para o transporte por água, meios para o seu embarque, a proteção das viaturas a bordo e desembarque das mesmas.

— O C-101-10 contém informações referentes à preparação dos gráficos de embarque e desembarque, quadros de material, tonelagem necessária para o transporte das tronas e suprimentos, planos de embarque, observações sobre o pessoal, animais e viaturas a embarcar e dados referentes ao carregamento e descarregamento.

1008. Os pormenores relativos à organização da cavalaria para um movimento por água são normalmente idênticos aos de um movimento por qualquer dos outros meios já discutidos, residindo, porém, as principais diferenças no meio de transporte, no objetivo do deslocamento e na sua atuação estratégica do momento. Estas condições indicam

as modificações necessárias a serem introduzidas para a boa execução de um movimento de tropas de cavalaria, por via marítima ou fluvial.

REVOGADO

CAPITULO 2
ESTACIONAMENTO
ARTIGO I

Generalidades

1007. fi indispensável dar tempo à tropa para repousar, preparar os alimentos, cuidar dos cavalos e conservar o material, sob pena de inutilizá-la prematuramente. Os períodos de movimento são, pois, interrompidos por jornadas de repouso, sempre que a situação o permite.

1008. O comando, em todos os escalões, deve esforçar-se para apressar a instalação da tropa que, de preferência, deve ser realizada ainda durante o dia.

1009. Embora, à noite, a instalação se tome particularmente difícil, em certas situações poderá ser realizada. Convém, então, providenciar sobre tudo que possa facilitá-la: os estacionadores preparam-na em detalhe, aproximam-se os trens, fazem-se as distribuições, tanto quanto possível, antes do anoitecer.

1010. As tropas repousam de dia, quando tiverem marchado à noite.

1011. Para cada divisão de cavalaria ou grupamento tático, é reservada uma zona de estacionamento. Em cada escalão esta zona é repartida pelos elementos subordinados. As tropas instalam-se, conservando o mais possível os laços táticos.

1012. As cobertas são aproveitadas cuidadosamente para escapar-à-observação aérea. Quando os bombardeios de artilharia ou da-aviação são-possíveis, evita-se o agrupamento de tropa em espaços restritos.

1013. Esforços devem ser feitos para que todo o pessoal disponha de abrigos; entretanto, para evitar o esgotamento rápido das unidades montadas, é preciso não desprezar nenhum recurso que permita também a proteção dos animais contra as intempéries.

1014. Logo que uma tropa de cavalaria chega ao seu local.de estacionamento, os animais são cuidados de acôrda com. as prescrições .do manual C-25-5. A. seguir, armam-se as barracas, se fôr o caso, procede-se à limpeza.do arma-mento e escalam-se as cavalariças e as guardas. Tratando-se (is unidadés mécanizádas ou motorizadas, as primeiras aten-ções são voltadas paia a manutenção das viaturas.

1015. Os'manuais abaixo contém informações referentes ao assunto:

— o C-101-10 trata das zonas de estacionamento, apresenta um diagrama, mostrando a disposição típica de um acampamento, acantonamento ou bivaque, a capacidade dos diferentes tipos de edifícios e das barracas e o terreno' necessário para o estacionamento de- unidades de vãos efetivos.

— o C-21-10 trata da escolha e da higiene dos locais de estacionamento, de suas características, da instalação sanitária de cozinhas, privadas, banheiros, locais para! a lavagem de roupa e depósitos de detritos. 1

— o C-100-10 trata dos suprimentos e dos serviços no estacionamento.

■ ARTIGO II

DIVERSAS FORMAS DÉ ESTACIONAMENTO

1016. A tropa estaciona em bivaque, em acampamento e em acantonamento:

- em bivaque, quando se instala ao ar livre e sem abrigo ou sob abrigos improvisados;
- em acampamento, quando arma barracas;
- em acantonamento, quando ocupa lugares habitados e se aloja nos edifícios.

1017. Quando os recursos de um acantonamento são insuficientes, aproveitam-se os abrigos existentes e os elementos excedentes bivacam, ou acampam, nas proximidades, conforme a situação. Denomina-se acantonamento-bivaque a este modo de estacionar.

1018. Uma tropa estacionada deve ficar instalada nas melhores condições possíveis de higiene e repouso, qualquer que seja a fôrma adotada, e deve estar em condições de marchar ou combater prontamente.

1019; Quando os cavalos não pódem estacionar perto dos cavaleiros (fim de combate, em uma frente organizada, nos postos avançados), o estacionamento dos cavalos de mão tem à maior importância. As prescrições que o regulam acham-se contidas no artigo VII dèste capítulo.

1020. Um fim de combate, as tropas estacionam geralmente na própria posição; é quase sempre perigosa a instalação em acantonamentos próximos da frente; o bivaque torna-se, então, a regra para as unidades que constituem a linha de combate.

Em uma frente organizada, as tropas são mantidas perto das posições de combate; ocupam os abrigos existentes ou fazem outros, quando necessário.

ARTIGO m

ESCOLHA DOS LOCAIS DE ESTACIONAMENTO

1021. Os estacionamentos da cavalaria são estabelecidos nas proximidades de água, ou nas localidades que a possuam em quantidade suficiente.

i.022. Na falta de outras indicações, pôde-se avaliar a capacidade dos lugares cobertos & razão de um homem para dois metros quadrados e de um cavalo para três metros quadrados. Em geral, a relação existente entre o número de estrebarias e de habitações é tal que o açantonamento doâ homens estará assegurado, desde que se encontrem os abrigos suficientes para os cavalos.

1023. A localização dos bivaques depende da situação tática e do terreno. Instalam-se os bivaques ao abrigo das vistas do inimigo e de preferência nos terrenos ligeiramente inclinados, com saídas fáceis e ao alcance da água e lenha. O fundo dos vales, as terras preparadas para a lavoura e as planícies artificiais não servem. Evita-se também a escolha de lugares próximos a pontos notáveis do terreno (encruzilhadas, observatórios, etc.) especialmente exoostos aos bombardeios do inimigo e à sua observação aérea,

1024. Quando uma região matosa satisfaz as condições para bivaque e dispõe de comunicações fáceis, há vantagem em utilizá-la para esse fim, sob a condição de exercer vigilância sôbre os fogos. Pôde-se, assim, dissimular toda a èropa bivacada, ou pelo menos uma parte dela.

1025. Em terrenos descobertos, os bivaques devem ser instalados irrçgularménte, ao lado dos pequenos matos, nos jardins, e ser bem camuflados, para escaparem à observação aérea. Evita-se a formação dê caminhos nôvos que chamariam a atenção dos reconhecimentos da aviação.

ARTIGO IV

REGRAS GERAIS PARA OS ACANTONAMENTOS

1026. Nos acantonamentos, são reservados setores distintos para cada unidade que, por sua vez; distribui os elementos subordinados por setores menores.

Os dôiis lados de uma mesma rua, sempre que possível são dados à mesma unidade.

lías, localidades, „utilizarse „tôda a superficie co-
JpertaT

- 1027. Os oficiais acantonam no setor de sua tropa.-Os oficiais generais e seus estados-maiôres instalam-se nas proximidades de-seus locais de trabalho. - •

Os alojamentos dos oficiais generais e dos estadost maiores são assinalados por letreirôs, bandeirolas e lanter-, nas regulamentares, devidamente disfarçados para - esca- parem à observação aérea. Tomam-se as mesmas providências quanto-às ambulâncias. • •

1028. Diversas tabuletas indicadoras (ou letreiros a giz) são colocados pelos estacionaddres, logo que êstès cha- gam ao local, ou quando a tropa chega ao estacionamento; • essas tabuletas são retiradas e os letreiros apagados, assim que as unidades deixam o acantonamento.

Tais-nscrições ou tabuletas devem indicár os pos- tos de polícia e socorro, os diferentes serviços e os aloja- mentos dos oficiais, etc. ,

1029. Nas esquinas, colocam-se setas indicadoras das direções mais importantes (localização do estado-maior, alojamento do comandante do acantonamento,, postos de polícia, bebedouros, localidades vizinhas, etc.).

1030. Cada unidade tem sua guarda, que deve sér ins- talada nas proximidades do comando da unidade.

1031. Quando várias unidades estacionam reunidas em um mesmo acantonamento, estabelêce-se um pôstç> central, destinado a assegurar a transmissão dâs ordens do‘comando.

1032. O pósto central deve ficar situado no centro do acantonamento, em geral na séde da prefeitura local. Os órgãos de comando do acantonamento instalam-se ngs proxi- midades dêsse pôsto, a fim do serem facilmente encontrados.

1033. Em princípio, os trens estacionam Com as suas uni- dades; as demais viaturas estacionam- em locais escolhidos, fóra das ruas e estradas,, e desenfiaadas das vistas aéreas; ■

sl,,; 1034. A ordem. de estacionamento prevê o lcfcál para a reunião das viaturas, em casode partidavi, ’ 4 ir .

ARTIGO V

REGRAS GERAIS PARA OS BIVAQUES

1035. Instala-se o bivaque de uma unidade de cavalaria, de preferência sob arvoredos e em fôrma regular, de modo que facilite a ordem e a disciplina.

1036. Quando se estabelece um bivaque em terreno descoberto, êle é constituído, para o regimento ou esquadrão, pela justaposição de pelotões, secções e mesmo grupos de combate, dispostos irregularmente ao longo das cercas vivas, alinhamentos de árvores, etc. e aproveitando todos os abrigos e cobertas, tanto quanto possíveis camuflados,

1037. No regimento e no esquadrão os pelotões são dispostos em profundidade ou em largura, ou ainda em qualquer outra disposição que não prejudique os laços táticos, guardando intervalos e distâncias variáveis, segundo, o terreno, e suficientemente grandes, para atenuar os efeitos dos bombardeios.

1038. Os bivaques das unidades de artilharia, dos mecanizados ou dos trens são escolhidos perto das estradas, que devem permanecer desembaraçadas. Empregam-se os processos de camuflagem necessários, para dissimular os parques às investigações aéreas.

1039. São terminantemente proibidos os dispositivos de fôrma geométrica, que denunciam facilmente os bivaques à observação aérea.

ARTIGO VI

REGRAS GERAIS PARA O ACANTONAMENTO-BIVAQUE

1040. As tropas instalam-se em acantonamento-bivaque, quando os recursos de um acantonamento não chegam para abrigar a totalidade das unidades.

1041. O acantonamento-bivague é preparado e repartido, da mesmo fôrma que o acantonamento comum.

Convém, em princípio, repartir a superfície coberta, de modo a contemplar o maior número possível de unidades, desta fôrma até o próprio pelotão pôde dispor de um abrigo parcial e utilizá-lo da melhor maneira.

Tratando-se, por exemplo, de um regimento, a localidade é repartida em setores equivalentes, para serem entregues cada esquadrão.

ARTIGO VH

REGRAS GERAIS PARA OS ACAMPAMENTOS

1042. As unidades acampam quando a situação tática o permite, quando na expectativa de uma parada demorada, e desde que não haja no local possibilidades de melhor abrigar a tropa.

1043. As barracas são armadas de preferência sob as árvores; em terreno descoberto, tomam-se precauções idênticas às recomendadas para os bivagues, a fim de furtar a tropa à observação aérea inimiga.

ARTIGO VIII

REGRAS GERAIS PARA O ESTACIONAMENTO DOS CAVALOS DE MÃO

1044. Quando os animais não pôdem estacionar nas proximidades imediatas de suas unidades, a autoridade que determina a sua condução para a retaguarda, deve designar um comandante para o grupo de cavalos de mão. A este cabe repartir o terreno pelos grupos de cavalos das diferentes unidades, de modo que fiquem articulados e possam escapar à observação aérea. Compete-lhe, também, providenciar sobre a forragem, a água e outros cuidados que forem necessários aos animais.

1045. O local escolhido deve ser acessível aos trens e situado perto de aguada, sempre que possível.

1046. A ligação cora os combatentes a pé deve ser permanentemente mantida.

ARTIGO IX

ORDEM DE ESTACIONAMENTO

'f' 1047. As ordens de estacionamento indicam:

- a situação geral;
- a zona geral do estacionamento atribuída à cada unidade imediatamente subordinada, a localização de seu estado-maior e da autoridade que dá a ordem; o modo de estacionamento;
- as medidas gerais de segurança (destacamento de segurança, defesa contra aviões, contra mecanizados, contra gases);
- as ligações e transmissões a estabelecer;
- conduta em caso de ataque aéreo ou terrestre;
- as condições de execução do suprimento e evacuações;
- eventualmente, a hora em que as unidades deverão estar prontas para partir na manhã seguinte.

ARTIGO X

ESTACIONADORES

1048. O pessoal encarregado de reconhecer e preparar, um estacionamento constitui a turma de estacionadores. Cabe-lhe organizar minuciosamente a ocupação da zona de estacionamento, inclusive providenciar a localização das cordas-tronco, dos veículos, das privadas e outras instalações.

1049. Na divisão, um oficial do estado-maior é encarregado da distribuição da zona de estacionamento, trabalho que, em geral, é feito pela carta.

1050. A turma de estacionadores de um regimento de cavalaria compõe-se de um oficial (S1), e de um sargento, um cabo e 4 cavaleiros por esquadrão. >[>.

Essa composição pôde ser modificada, de acôrdo com as circunstancias. Geralmente, a turma de estacionadores é reforçada pelos elementos designados para guarda do respectivo local. Quando é possível, um ferrador acompanha as estacionadores.

1051. Em alguns casos, principalmente quando convém ocupar imediatamente os edificios dos telégrafos e dos telefones, ou quando há necessidade de preparar as ligações, pôde ser anexado à turma de estacionadores um destacamento de transmissões.

1052. Quando várias unidades devem estacionar na mesma localidade, é conveniente que os estacionadores constituam um único destacamento, sob o comando do official mais graduado.

1053. Um official do serviço de saúde da unidade a estacionar é geralmente designado, para escudar previamente as medidas relativas à hygiene das tropas no estacionamento.

Preparação do acantonamento 4~

1054. Chegando à localidade em que a tropa deve acantonar, o official encarregado da preparação do estacionamento faz um reconhecimento rápido e entra em ligação direta com a mais alta autoridade ali existente. Se houver tempo e dispuser de plantas, estuda o modo mais conveniente de distribuir os acantonamentos, procedendo, em seguida, à sua repartição, de fôrma que não haja mistura de unidades. Aproveita as fábricas e as grandes fazendas, para nelas estabelecer unidades constituídas, dêsse modo facilitando a vigilância e as reuniões. Reconhece, ou faz reconhecer, os bebedouros, as aguadas potáveis e os lugares próprios para lavagem de roupa.

ARTIGO XI

ACANTONAMENTO DE ALERTA

1055. Quando uma tropa acantona perto do inimigo, e

por conseguinte, sujeita a ter de partir rapidamente, instala-se em acantonamento de alerta.

1056. Os cavaleiros deitam-se uniformizados, junto de seus cavalos ensilhados; as viaturas prontas para se movimentarem e os oficiais com a tropa.

As portas das casas ocupadas permanecem abertas; abrem-se saldas suplementares, quando necessário.

A iluminação interna das casas, deve ser assegurada, mas, com as precauções necessárias; para que escape à observação aérea e terrestre do inimigo.

Dão-se ordens precisas, para o caso de bombardeio aéreo; fixa-se, geralmente para cada unidade, um ponto de reunião fóra da localidade e perfeitamente conhecido por todos.

5* P A R T E

SUPRIMENTOS, EVACUAÇÕES E MANUTENÇÃO

CAPITULO 1

SUPRIMENTOS

ARTIGO I

Generalidades

1057. As normas gerais que regem o suprimento, e as informações minuciosas referentes ao modo de suprir a divisão, estão publicadas nos seguintes manuais:

— O C-101-10 trata das classes de suprimentos, pesos básicos para o cálculo das cargas; cargas normais dos veículos de carga; suprimentos de classe I recebidos por meio dos vales de ração e de forragem, sua distribuição, quantidades prescritas, e necessidades de tonelagem destes suprimentos e dos de classe UI; requisição e embarque dos suprimentos de classes II, UI e IV; necessidades aproximadas de gasolina, óleo e graxa, cálculo do consumo de gasolina, ração diária do homem em gramas; necessidades diárias de suprimentos de classe V para as armas portáteis; relatórios sobre o consumo e distribuição de munição e carregamento de viaturas motorizadas e reboques.

— O C-100-10 contém informações referentes à organização geral, às operações e controle do suprimento.

— O C-101-5 trata dos deveres da 4* secção do estado-maior e das ordens para o suprimento.

— Os quadros de dotações básicas enumeram em geral os suprimentos que deverão ser fornecidos às diversas unidades e os meios orgânicos para o seu transporte.

1058. Se bem que os princípios que regem o suprimento sejam os mesmos para tôdas as armas e serviços, os processos de suprir a cavalaria são algo diferentes, não só devido as características inerentes a essa arma, como também em virtude de suas unidades agirem, muitas vêzes, a grandes distâncias dos pontos de suprimentos.

1059. Este manual trata, apenas sucintamente, do suprimento em campanha; para maiores detalhes, ver os manuais C-2-61, 2-30, 2-51, 2-20, 2-52, 2-53 e 2-54.

Responsabilidade

1060. O suprimento é uma atribuição do comando. Constitui dever de todo comandante, independente de posto, assegurar-lo à sua tropa.

1061. Normalmente, os suprimentos são armazenados em quantidades decrescentes da retaguarda para a frente, sendo o escalão superior responsável pela entrega, aos elementos subordinados, dos suprimentos de que necessitam. Essa entrega é feita, ou em pontos de suprimento, localizados dentro do raio de ação dos trens dos elementos subordinados, ou pela distribuição direta a êsses elementos.

Processos de obtenção do suprimento

1062. De um modo geral, três são os processos, para se obter o suprimento:

Automático. Quando as entregas de determinadas espécies e quantidades de suprimentos se fazem de acôrdo com um calendário pré-estabelecido. Denomina-se automático diário, quando os suprimentos são despachados diariamente para uma unidade ou instalação, independente de pedido.

Mediante pedido. Quando os suprimentos são

(Comeciaaaá mediante pedidoS) à medida' das >necessidades, a uma unidade ou instalação,: de acordo com modelos prévias-
^rpsnte esüpyl^dos..', , "

Periódico. Quando os suprimentos são distribuídos por períodos determinados, a uma unidade ou instalação, mediante normas estabelecidas.

.Organização ;: .

1063. Os elementos encarregados do suprimento, na feavaiiiria, são- os' seguintes:

- Na divisão de cavalaria:
 - Chefe da 4ª secção do estado-maior.
 - Chefes dos serviços.
 - Unidades de serviços.
- Nós regimentos e unidades isoladas:
 - , — ' Oficial de suprimento da unidade. ,
 - Elementos especializados. '

f : , +, Trens das unidades. .

, 1064. Ntís regimentos,-de acôrdo com o plano do comandante, ò oficial de suprimento aciona, coordena e fiscaliza «k suprimento das subunidades.;

. 1065. Os comandantes de esquadrão são responsáveis pela previsão dos süprimehtps necessários aos seus esquadrões. Seus pedidos devem ser feitos a tempo e à medida das necessidades,

Normas para o suprimento das unidades

1066. A fim de não prejudicar sua principal característica,; a mobilidade, as unidades de cavalaria transportam em seus trens, apenas,a quantidade mínima de suprimentos, estabelecida nos quadros de dotações básicas.

- • Sé são prescritas, pelo escalão superior, maiores quantidades a transportar, tomâ-se necessário reforçar os trens,das unidades.

Dêste modo, as unidades recebem diàriamente

suprimentos das classes I e m e, quando necessário, os das classes H e IV.

1067. A entrega diária dos suprimentos é efetuada pelo escaião superior às unidades, em pontos de suprimento, localizados dentro do raio de ação de seus trens.

Modo de ação

1068. Para que seja solucionado qualquer problema relativo a suprimento nas unidades, seus comandantes • oficiais de suprimento devem observar os seguintes fatores:

- 1Gs suprimentos necessários, obtidos em função:
 - do quadro de dotações básicas.
 - de ordens dos escaões superiores.
 - de situações especiais.
- Os meios disponíveis para seus transportes:
 - Homens e o seu meio de transporte (cavalo ou viatura).
 - Cargueiros.
 - Veículos de carga
 - Capacidade desses meios de transporte em quilogramas, toneladas ou em número de cartuchos.
 - Onde poderão ser obtidos esses suprimentos.
 - Processos de carregá-los nos meios de transportes disponíveis.
 - Quais as possibilidades de se colocar mais cargas nestes meios.

Recursos locais

1039. A cavalaria poderá, muitas vezes, ter ocasião de, no teatro de operações, viver dos recursos locais. Os processos a utilizar nesa emergência e o modo de agir consistem do manual C 100-10.

ARTIGO II

SUPRIMENTOS DE CLASSE I

1070. Os suprimentos de classe I são fornecidos diária-

mente às unidades, em quantidades correspondentes aos efetivos realmente existentes. As instruções referentes ao pedido diário estão prescritas nos manuais C-100-10 e C-10-10.

Processos

1071. De um modo geral, três são os processos de distribuição desses suprimentos às unidades, comportando os mesmos combinações que serão função da situação. É atribuição do comandante da divisão determinar o processo a ser adotado.

a — Distribuição às unidades pelo serviço de intendência divisionário.

1072. O serviço de intendência divisionário recebe os suprimentos no ponto de suprimento do escalão superior e os entrega, nas zonas das unidades, aos elementos encarregados de seu suprimento, que aí os dividem, para distribuí-los às suas cozinhas.

Emprega-se este processo, quando o transporte das unidades não estiver disponível.

b — Distribuição diretamente às unidades no ponto de suprimento do escalão superior.

1073. Os trens das unidades recebem os suprimentos no ponto de suprimento do escalão superior e os entregam às cozinhas de suas unidades.

Este processo é utilizado:

— quando a distância entre o ponto de suprimento do escalão superior e a região de estacionamento dos trens das unidades não exceder de 60 quilômetros, em virtude do raio de ação das viaturas ser de 120 quilômetros (ida e volta).

— quando os transportes da unidade de intendência estiverem empenhados em outros encargos.

— quando o fator tempo não fôr de grande importância.

c — Distribuição às unidades no ponto de suprimento divisionário.

1074. É uma combinação dos dois processos acima. Consiste no recebimento, pelo serviço de intendência divisionário, das rações, no ponto de suprimento do escalão superior, e

entrega das mesmas, aos transportes das unidades, em um ponto de suprimento divisonário, previamente preparado. Aos transportes das unidades compete a entrega das rações recebidas nos respectivos estacionamentos.

Esta modalidade é empregada:

— quando o ponto de suprimento do escalão superior estiver fóra do alcance dos meios de transporte das unidades (mais de 60 quilômetros).

— quando houver necessidade de dispersão dos suprimentos, em virtude de "grosses" ataques aéreos.

— nos movimentos retrógrados, quando há necessidade de deixar víveres em determinados locais, de modo que as viaturas, de passagem, possam recebê-los mais facilmente.

1075. Em determinadas situações, pôde, ainda, o suprimento desta classe apresentar as seguintes variantes:

— o escalão superior, à medida que as unidades se afastam da base de suprimento, abre pontos de suprimentos mais à frente para supri-las.

— as unidades têm o suprimento intermitente, com 2 ou 3 dias de intervalo, quando não puderem tomar contato, diariamente, com o ponto de suprimento do escalão superior. Compete a este escalão, nesse caso, reforçá-las em meios de transporte.

— certos elementos de cavalaria podem ser supridos, excepcionalmente, por via aérea!

1076. Normalmente, os víveres são distribuídos, de véspera, às unidades, numa quantidade correspondente a um dia de víveres (3 refeições). As subunidades recebem os alimentos já preparados, por meio de caminhões, cargueiros ou faxinas, quando as cozinhas estiverem reunidas na unidade. Caso contrário, os víveres são entregues às suas cozinhas.

1077. Os processos de obtenção e distribuição da forragem são semelhantes aos dos víveres. No entanto, em virtude da necessidade do emprego de numerosos meios para seu transporte, deverá ser obtida, sempre que possível, pela exploração dos recursos locais.

1078. A água pôde ser obtida nos próprios locais, após a aprovação pelo serviço de saúde, ou nos pontos de supri-

mento d'água instalados pelo batalhão de engenharia, que se encarrega de sua purificação.

Nêste último caso, o suprimento é feito pela remessa dos camburões vasiaos aos pontos de suprimento. Tais camburões trazem uma faixa pintada de amarelo. A necessidade média diária de água para a tropa, expressa em litros por homem e viatura, varia com a situação e póde «er calculada, na falta de outras informações, de acôrdo com os dados constantes do manual C-7-30.

Para os animais, tomar o valor médio de 30 litros diários.

Cargas regulamentares

1079. O manual C-101-10 estabelece as quantidades de suprimentos de classe I que devem ser transportadas pela divisão de cavalaria. Essas quantidades poderão ser aumentadas ou diminuídas, por ordem do comando do escalão superior.

1080. O quadro abaixo mostra o escalonamento das rações de campanha, na divisão de cavalaria:

Elementos	Viveres		Forragem	
	Diários	Reserva	Diários	Reserva
Homem				
Aniipai				1
• Trem da unidade	1	1 (*)	1	1
• Btl. Intendência		2		1
Total	1	3	1	3

(*) Em determinadas situações, esta ração poderá ser transportada com o homem.

Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da Divisão i de Infantaria

1081. Este esquadrão é suprido pela própria divisão, de maneira semelhante à estabelecida para as unidades na divisão de cavalaria.

ARTIGO IH

SUPRIMENTOS DE CLASSE II

1082. Os suprimentos de classe II são ordinariamente obtidos pelo pedido, dentro das normas estabelecidas, ou mediante estimativa feita.

1083. Normalmente, não são pedidos em combate os suprimentos desta classe. As unidades repletam seu equipamento, quando estiverem na zona de retaguarda, para descanso e recuperação.

1084. Para a distribuição destes suprimentos às unidades, pôde-se adotar qualquer dos processos apresentados no caso do suprimento de classe I ou outro qualquer, desde que seja a resultante de um entendimento entre os órgãos interessados.

ARTIGO IV

SUPRIMENTOS DE CLASSE III

1085. Os suprimentos de classe III são oferecidos automaticamente às unidades, de acordo com as necessidades.

Sua distribuição é baseada em cálculos apresentados através dos canais de suprimento, em relatórios diários, ou mediante pedidos autorizados, feitos a qualquer ponto de suprimento desta classe.

1

Cargas regulamentares

"J":

1086. As unidades de cavalaria transportam em suas via-

turas motorizadas e trens, a quantidade de carburante correspondente à capacidade dos tanques das viaturas e um suprimento constituído, em princípio de um camburão por via-de 1/4 t e dois por viatura de capacidade de carga superior.

Tal dotação de suprimento classe m, dá às unidades uma autonomia superior à 500 km. em comboio.

Processos de distribuição

1087. O escalão superior estabelece, para a divisão, pontos de suprimento de classe IH, próximos dos pontos de suprimento das demais classes, ou em locais convenientes no eixo de suprimento, a fim de atender às viaturas das unidades que se destinam àqueles pontos, seja na ida ou na volta.

1088. As viaturas que vêm à retaguarda, recompletam seus reservatórios e trocam os vasilhames vazios por outros cheios; as que não puderem se afastar da frente, serão supridas pelas que forem à retaguarda.

i 1089. Em certas situações, serão estabelecidos pontos de suprimento das viaturas que não forem à Retaguarda.

ARTIGO V

SUPRIMENTOS DE CLASSE IV

1090. Os suprimentos de classe IV são fornecidos às unidades mediante pedidos especiais ou por determinação do escalão superior. As necessidades dos artigos desta classe dependem inteiramente das operações em curso ou projetadas.

Processos de distribuição

1091. 03 artigos ou materiais desta classe são distribuídos, do mesmo modo que os de classe D, sendo que os de grande peso são levados pelo escalão superior até o ponto onde serão empregados.

1092. Em certas situações, particularmente na defensiva, o escalão superior, para maior facilidade de distribuição, abre para a Divisão pontos de suprimento avançada

ARTIGO VI

SUPRIMENTO DE CLASSE V

1093. Os processos de distribuição e as necessidades dos suprimentos de classe V variam com a situação e com as operações que estão sendo realizadas.

Dotações

1094. A dotação orgânica de munição a ser transportada pelas unidades de cavalaria, é especificada nos quadros de dotações básicas e no manual C-101-10. Em geral, ela é transportada da seguinte maneira:

- com os homens e com as armas: quantidade estabelecida nos quadros de dotações básicas.

- nas viaturas de munição dos esquadrões: para recompletamento da munição conduzida pelos homens, com as armas.

- nas viaturas de munição das unidades: para recompletamento da munição conduzida pelas viaturas de munições das subunidades.

- nos trens da divisão: para recompletamento da munição conduzida nas viaturas de munição das unidades. Esta reserva de munição constitui, dentro da divisão, uma reserva sobre rodas, isto é, organicamente, existe quantidade de munição suficiente nas viaturas, pronta para um deslocamento a qualquer momento, a não ser quando urgentes necessidades de transporte justifiquem que seja depositada*

1095. Certas unidades, quando destacadas para agirem isoladamente, recebem, além de sua dotação orgânica, um acréscimo de munição retirado da reserva da divisão, incumbindo-se o serviço de intendência divisionário do transporte deste acréscimo.

; 1096. A munição transportada nas viaturas de munição dos trens das unidades deve estar sempre em condições de ser utilizada.

Distribuição da munição

1097. Esta distribuição pôde ser efetuada por quatro processos diferentes:

a — Distribuição diretamente às unidades no ponto de suprimento do exército. As viaturas de munição das unidades recebem as munições no ponto de suprimento do exército e as entregam às suas unidades.

b — Distribuição diretamente às unidades, pelo exército.

O exército, utilizando os seus meios de transporte, entrega as munições diretamente às unidades.

c — Distribuição às unidades, pela divisão.

A divisão, empregando os seus meios de transporte, recebe as munições nos órgãos do exército e as distribui às unidades, diretamente ou em pontos de remuniamento divisionários

d — Distribuição diretamente do exército à divisão e esta às suas unidades. O exército, com os próprios meios de transporte, entrega as munições à divisão e esta, com os meios da companhia de intendência, as distribui às unidades.

1098. A divisão, normalmente, não dispõe de depósitos de munição, mas poderão surgir situações que obriguem a uma manobra de munições e, neste caso, deverá a divisão contar com certa disponibilidade, existente em pequenos depósitos divisionários ou decorrentes da conservação de munições sob hipoteca, nos pontos de remuniamento das unidades.

1099. Em geral, todos os elementos dos escalões avançados que transportem munição, são conservados com suas dotações completas.

1100. Quando o combate fôr iminente, distribui-se munição suplementar para tôdas as armas.

1101. Se os trens estiverem reunidos sob o comando do escalão superior, as viaturas de munição são entregues às suas respectivas unidades, de maneira que a munição, por êles transportada possa ser aproveitada nas zonas de combate.

1102. Sem-re que os meios de transporte de que dispõem as unidades não forem suficientes para transportar, dentro do tempo exigido, as quantidades de munições necessárias, são postos à sua disposição meios de transportes suplementares.

1103. Normalmente, a munição existente no regimento é mantida móvel (sobre rodas) nos pontos de suprimento. Nas situações estabilizadas, nos movimentos retrógrados, ou quando os meios de transporte forem escassos, a munição poderá ser descarregada nos pontos de suprimento.

1104. As viaturas são levadas tão à frente quanto as condições de combate e os abrigos e cobertas o permitirem; desse ponto a munição é transportada aos elementos subordinados por meio dos cargueiros, cavalos de mão ou faxinas.

1105. Após o combate, as viaturas de munição de todos os escalões devem ter as suas dotações regulamentares imediatamente recompletadas.

1106. O controle do remuniamento divisionário é exercido pelo oficial de munições da divisão. Assim sendo, todos os assuntos que se relacionem com as munições, tais como pedidos, relatórios de consumo, etc., a êle devem ser encaminhados.

Meios complementares de transporte

1107. Em terreno onde os transportes motorizados não puderem agir, os cargueiros constituem um meio complementar para o transporte da munição. São empregados como um elo de ligação na cadeia de remuniamento, entre os trens motorizados e os pontos de remuniamento das

unidades. Quando a distância entre os trens motorizados e as unidades de combate é muito grande, a munição poderá ser transportada por aviões.

. Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da
Divisão de Infantaria

1108. Este esquadrão é remuniado pela divisão de infantaria, da mesma maneira que foi descrita para as unidades da divisão de cavalaria.

ARTIGO VII

Trens das Unidades

1109. O trem de uma unidade é a parte de seus meios de transporte, com o respectivo pessoal, que atua sob as ordens imediatas do comandante da unidade, particularmente lios suprimentos, evacuações e manutenção.

1110. Os trens podem ser designados como trens de combate e trens de estacionamento.

Os trens de combate são os necessários ao apoio imediato das operações.

Os trens de estacionamento são os desnecessários ao apoio imediato das unidades (cozinha, bagagem, administração, etc.).

1111. Os trens das subunidades consistem em viaturas atribuídas às mesmas para comando, reconhecimento, transmissão, transporte, armamento e fins táticos.

1112. Os manuais C-2-61, 2-30, 2-51, 2-20, 2-52 e 2-54 tratam dos trens das unidades de cavalaria.

CAPITULO 2

EVACUAÇÕES

1113. As instruções gerais para a evacuação do pessoal,

animais e material estão publicadas no manual C-100-10.

1114. - Os manuais C-8-5 e 8-10 dão informações minuciosas sobre a evacuação do pessoal. •

Batalhão de Saúde Divisionário

1115. - O batalhão de saúde é responsável pela evacuação e tratamento de todos os baixados da divisão. Sempre que necessário, é reforçado por unidades de saúde do escalão superior.

1116. Quando certos elementos são destacados, devem ser postos à disposição, pessoal e equipamento do batalhão, para atender e evacuar seus baixados.

Secção de Saúde

1117. A secção de saúde dos regimentos de cavalaria e regimento motorizado é organizada, de maneira a proporcionar à unidade pessoal, material e outros recursos para o cuidado e a evacuação dos doentes e dos feridos em combate.

1118. Fornece o pessoal de saúde necessário aos esquadrões e é responsável pela reunião, classificação e fichamento de todos os baixados no âmbito do regimento.

1119. Instala e explora o posto de socorro regimental-

Destacamento de saúde

1120. Os encargos do destacamento de saúde do regimento de reconhecimento mecanizado são semelhantes aos dos pelotões de saúde dos regimentos hipomóveis e motorizado. Freqüentemente, é reforçado por elementos de saúde do escalão superior.

1121. Destaca, segundo as necessidades previstas pela situação, elementos e veículos para acompanharem os esquadrões de reconhecimento avançados. , ,

1122. Normalmente instala, posto de socorro regular, para face do movimento rápido do regimento.' • v

1123. O esquadrão de reconhecimento mecanizado da divisão de infantaria é atendido pela própria divisão.

Prisioneiros de guerra

1124. Os prisioneiros de guerra são, geralmente, recolhidos pelas unidades e conduzidos sob custódia a determinados pontos de reunião divisionários, onde são entregues & guarda da polícia militar.

Ver, a respeito, o manual C-30-15.

Mortos

1125. Os mortos são evacuados, pelas unidades, para os postos de coleta e daí para o cemitério pelo serviço de intenção divisionário, a quem cabe sepultá-los. Ver a respeito, o manual C-27-10.

Evacuação de animais

1126. O pelotão de veterinária divisionário é responsável pelo tratamento e evacuação de todos os animais da divisão. Instala e explora o posto de triagem da divisão.

1127. A secção de veterinária regimental é encarregada de cuidar, recolher e evacuar os animais doentes e feridos no interior do regimento. E' organizada, de modo a fornecer pessoal e material necessário aos esquadrões.

1128. Se a situação o exigir, o pelotão instala o posto de **m**ocorro veterinário e informa ao escalão veterinário superior, por intermédio da unidade, sobre o número de animais a serem evacuados.

Evacuação das viaturas motorizadas

1129. As viaturas motorizadas que não puderem ser reparadas com os recursos da unidade, são evacuados pelo escalão superior; para isso, tomâ-se necessário que a unidade informe ao referido escalão sobre os locais em que as mesmas ficaram em pane.

MANUTENÇÃO DAS VIATURAS

1130. As: instruções, pa?aa-,mapulência dos veículos militares estão descritas pormenorizadamente, nos manuais . C-25-10. e ■OOdOü T-9-2810; ;1Qt460; 21-300, 2.1^301:3e manuais das viaturas respectivos. .; ■

Regimento a cavalo ■

1132. A seção de manutenção encarrega-se da manutenção de segundo escalão na unidade.

1133. Toda a manutenção que não possa ser levada a efeito pelo pelotão, será executada por elementos de manutenção do escalão superior.

Regimentos Mecanizado e Motorizado

1134. O pelotão de manutenção ô responsável pela manutenção que não possa ser executada pelos esquadrões. Os reparos que não puderem ser efetuados pelo pelotão, serão realizados por elementos de manutenção dos escalões superiores.

1135. Elementos de manutenção dos escalões superiores devem ser postos à disposição dos regimentos, quando a situação o exigir.

1136. Em marcha, o pelotão efetua a manutenção e repara as viaturas que não puderem ser socorridas pelos esquadrões. As viaturas impossibilitadas de serem reparadas com os recursos do pelotão, são levadas para deternrnados pontos de reunião, ou são deixadas para serem recuperadas pelos elementos de manutenção do escalão superior.

1137. Em uma progressão, o pelotão não deve prejudicar 3ua mobilidade com o reparo e o reboque de viaturas, cuja utilidade ou necessidade no combate não fôr de primeira urgência.

1138. O pelotão fornece aos esquadrões suprimentos e material de caráter limitado, necessários ao trabalho de manutenção.

Esquadrões Mecanizados e Motorizados

1139. Os esquadrões de reconhecimento do regimento mecanizado, 03 esquadrões dos regimentos motorizados e Os esquadrões de reconhecimento das divisões de infantaria possuem uma secção de manutenção que efetua a manutenção de segundo escalão em suas viaturas.

ÍNDICE ALFABÉTICO

	Parágrafos	Páginas
A batalha	19	6
A cavalaria		
na batalha		89
no combate		107
no reconhecimento	109 e 115	29 e 30
na segurança		„ 40
Acantonamento de alerta	1055	222
Ação		
de vanguarda :		
longe do inimigo	234	56
nas proximidades do inimigo	242	58
retardadora	658	148
Ações dá cavalaria na batalha		
ofensivas	1 418	91
na ala de um dispositivo	421	91
no centro de um dispositivo	437	95

aproximação do grosso e ultrapassamento	441	96
defensivas	447	97
caso de rutura no Sistema defensivo	451	98
contra Uma manobra desbordante do inimigo	448	98
no caso de um intervalo entre dois exércitos	462	101
substituição de unidades de infantaria na frente de um exército	464	102
A divisão de cavalaria	60	16
na ação retardadora	189	46
na cobertura	180	44
no reconhecimento	115	30
na segurança das grandes unidades	166	41
Alto durante a progressão	232	56
A manobra	487 e 515	109 e 116
As ordens	591	133
Aproveitamento do êxito e perseguição	41 e 465	11 e 102
do êxito	576	130
Artilharia		
antiaérea	598	185
divisionária	86	23

Apoio aéreo	599	135
A segurança nas unidades de cavalaria		43
Ataque através curso d'água	671	152
As unidades de cavalaria orgânicas das grandes unidades no reconhecimento	161	39
Base de fogo	499	112
Batalhão de engenharia de combate	93	24
Batalhão de saúde divisionário	1115	237
Caractéres gerais do combate		107
Características		
do combate da cavalaria	49	13
da divisão de cavalaria	63	17
e propriedades da cavalaria	1	1
das unidades orgânicas da divisão		20
Cargas regulamentares de suprimentos	1 079 e 1086	230 e 231
Carros	597	135
Caso d? uma divisão de cavalaria reforçada	595	134
Casos particulares do combate		152
Combate		
a cavalo ou em viaturas	533	121
defensivo da cavalaria	512.: -: :	115

defensivo da divisão	600	135
em bosques	749	169
em desfiladeiros	744	167
em localidades	734	165
ofensivo da cavalaria	486 e 775	108 e 173
ofensivo da divisão	542'	123
noturno	702	160
Companhia de transmissões	90	26
Conduta do combate	618	140
Cooperação da artilharia	583 e 627	131 e 141

D —, Defesa

afastada do curso d'água	699	158
antiaérea	380	64
anticarro	333	77
contra gazes	404	88
de um curso d'água	692	157
no lado inimigo	694	157
na própria margem do rio	696	158
Deficiências da cavalaria	103	27
Deseiivolvimento do combate	428 e 445	93 e 97
Deslocamento do grosso da divisão	139	35
Destacamento de saúde	1120	237
Dispositivo do combate defensivo	612	139
f Distâncias entre a vanguarda e o grosso	22t	54
Distribuição da munição	1097- W	234
Diversas formas de estacionamento	1016	215
■ Dotação de munição	1094	233
E — Elementos de combate	479 ;	107

Entrada em ação no combate Ofensivo	= 426>	93
-------------------------------------	--------	----

't 1

t

Escalão de ataque	496	m
Escolha dos locais de estacionamento	1021	216
Estacionadores	1048	221
Estacionamento		214
Execução		
do ataque	456	126
da marcha	877	196
da missão de reconhecimento	119	31
Evacuação	1113	236
de animais	1126	238
de viaturas motorizadas	1129	238
r — Fases da operação do ataque através um curso d'água	677	154
Fisionomia do combate		
defensivo	600	135
ofensivo	542	123
Flancoguarda	269	63
Generalidades		
do ataque através de um curso d'água	671	152
da cavalaria na batalha	410	89
da cavalaria no reconhecimento	100	29
		214
das marchas	811	178
dos movimentos retró-grados	635	144
das operações em montanhas	765	171
do papel da cavalaria nas ~ - operações	9	4

da segurança nas unidades de cavalaria	193	48
dos suprimentos	1057	224
— Incursões	474	104
Instalações dos postos avançados	310	71
Intervenção na batalha	34	10
— Levantamento dos postos avançados	321	74
Ligação e transmissões no combate ofensivo	594	134
— Manutenção das viaturas	1130	239
nos esquadrões mecanizados e motorizados	1139	240
no regimento a cavalo	1132	239
nos regimentos mecanizada e motorizados	1134	239
Marcha*	811	178
de aproximação forçadas, noturnas e atravéa campo	424	92
	974	206
Medidas de segurança nas zonas de estacionamento	332	77
Meios complementares de transporte	1107	235
Missões da cavalaria	26 e 109	8 e 29
Modo de ação dos suprimentos	1068	227
Mortos	1125	238
Movimentos		178
e estacionamento motorizado	810	178
	995	209

por estrada de ferro	998	210
por água	1004	212
retrógrados		144
N — Normas para o suprimento das unidades	1066	226
O — O corpo de cavalaria	56	15
Os elementos de segurança	162	40
O fogo	492 e 516	110 e 116
O movimento	504	113
Operações		
defensivas	779	178
em montanhas	765	171
em regiões de frio intenso	797	175
nas selvas	788	174
Ordem de estacionamento	1047	220
Organização		
da defesa	603	136
da divisão de cavalaria	60	16
dos suprimentos	1068	226
do terreno — fogos	611	139
Órgãos de execução de reconhecimento	127	32
O terreno jio combate	506 e 528	114 e 119
P — Papel da cavalaria nas operações	9	4

Passagem

a nado	960	205
a vau	958	204

Perseguição 579 130

Planejamento do movimento PIS 179

Plano de fogos 1 3 110

Postos avançados 222 65

de combate 307 71

durante à noite 30 74

gerais 301 70

longe do inimigo 997 68

perto do inimigo 299 69

de comando no combate
ofensivo 592 134

**Possibilidades da divisão de
cavalaria** 64 18

Preliminares da batalha 14 5

Preparação

das marchas 862 188

dos acantonamentos 1054 222

**Prescrições particulares para
as unidades de cavalaria** 363 81

Prisioneiros de guerra 1124 238

Processos

de distribuição de supri-
mentos 1 087 e 1 091 230

de obtenção do suprimento 1062 223

de suprimento : 1071 226

Reconhecimento	28	8
aéreo	128	33
terrestre	130	33
Recursos locais	1 069	227
Regimento		
de cavalaria motorizado	79	21
de reconhecimento meca- nizado	81	22
Regras gerais para		
os acampamentos	1042	220
os acantonamentos	1026	, 217
o acantonamento-bivague	1040	219
os bivaques	1035	219
o estacionamento dos ca- valos de mão	1044	220
Remuniciamento do esquadrão de reconhecimento meca- nizado da divisão de in- fantaria	, 1108	236
Repartição		
da cavalaria nos exércitos	54	15
organização e possibilida- des da cavalaria		15
Responsabilidade dos supri- mentos	1060	225
Retaguarda		
na marcha para frente	258	61
em marcha retrógrada	261	61

A	Retirada.	651,,H - 1jll'	
	Retraimento		
	diurno	644	146
	noturno	649	146
S —	Secção de saúde	1117'	237
	Segurança	1	9
L ■	em estaci^nhento ^	~ 280	65
	em marcha "	198 •	49
	Substituição de unidade de in- fantaria na frente de um exército	464	102
	Suprimentos		224
	de classe I'	1070	227
	de classe n	1082	231
	de classe m	1085	231
	de classe IV	1090	232
	de classe V r ■ - - ■ : f'093"n<;,J		233
	parl, ■ esqu^drão de •re- conhecimento meca- nizado da divisão de infantaria	r:'10S1;;,	231
!1' —	Tornada de contato" •	150	37
M ■	e montagem do ataque-/ r • ■ : 552		125
	Transmissões das informações •? ■	157 ^ j.	39
	Transposição de cursos d'água	S.48	202
	Travessia		
	!;pÔr meios desc©J1 t^o&'." r:f ,,,, •, •'		205
	;;sôbre gelo ,S;: ■ r. ■ m		206

<i>Trens</i> das unidades	1109	2);6
Unidades		
a cavalo	72	•20
orgânicas da divisão de		
.. cavalaria		20
Vanguarda	202	110
nas marchas à noite	255	60